

ISRAEL DE CARVALHO

Mocidade do Gama

Histórias de Cinzas e Folia
de uma Escola de Samba

Copyright © 2023 Israel de Carvalho
Todos os direitos reservados.
Brasília-DF

Mocidade do Gama:
Histórias de Cinzas e Folia de uma Escola de Samba

Israel de Carvalho

Livro-reportagem

Revisão/Orientação:

Nathália Coelho

Capa/diagramação:

Gabriela Magalhães

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à minha família por ter me proporcionado um ambiente fantástico, com pessoas alto astral e muito competentes, que tenho como referência. Mãe, obrigado por me ajudar muito nestes últimos anos, me proporcionar um novo desafio na vida, uma etapa inevitável, e me ajudar muito neste processo. Um agradecimento especial à minha avó, Maria do Carmo, que foi minha inspiração, meu pontapé e fonte para o trabalho. Vó, obrigado pelos ensinamentos, pelos carnavais, pelas cachaçadas, feijoadas, farofadas, patuscadas, caldos de mocotó e mais lambanças que regam, abençoam e fortalecem nosso laço a cada dia.

À comunidade da Mocidade do Gama, que se dispôs com tempo e atenção às entrevistas e questionamentos. Embora todos os participantes tenham sido importantes na construção deste livro, e mereçam registro, não posso deixar de citar três pessoas: Pedro Teixeira, Edilamar Melo e Mirislei Lopes, que se dispuseram em horas e horas de entrevista, estiveram disponíveis dia e noite quando alguma dúvida me surgia e sempre me municiaram com documentos, arquivos, depoimentos e contatos de pessoas oriundas da Mocidade, que foram fundamentais na completude do trabalho.

À minha orientadora, Nathália Coelho, que foi essencial para que o livro acabasse sendo o que foi. Os conselhos, as sugestões, as orientações e as conversas de horas e horas foram primordiais para a construção do livro: desde a sugestão do trabalho ser um livro-reportagem até à revisão do livro. Agradeço imensamente por permanecer comigo por um ano, ou três semestres condensados, nesta jornada. A ajuda fica ainda mais importante quando se lembra que pelo menos metade desse período seu trabalho foi de forma voluntária, empregando tempo e esforços porque acreditou no projeto. De novo, muito obrigado!

Obrigado à Globo por ter me propiciado o estágio, em que aprendi muito — e continuo a aprender. Trabalhar no G1 neste último ano (inteiro, praticamente) me agregou muito em escrita e apuração, o que foi essencial para este trabalho; em tempo, as apurações e escrita que eu realizava no livro, também foram moldando minha competência no estágio.

À Universidade de Brasília e a todos os professores da Faculdade de Comunicação, que me estimularam com questionamentos e me ajudaram a crescer com ensinamentos. Assim, pude ter cacife suficiente para que este livro — e este jornalista — pudesse surgir. Também à Universidade, obrigado pelas amizades que tive e tenho até hoje, além de me permitir conhecer minha companheira, Banny Ysla, que me acompanha em todos os momentos e situações da vida, e que também teve participação ativa em várias pontas deste livro.

Obrigado à 2ª Vara Criminal de Valparaíso e ao juiz Gustavo Costa Borges que foram solícitos quanto ao pedido de acesso ao inquérito do assalto e possibilitaram que o trabalho tivesse maior credibilidade.

Por fim, não poderia deixar de agradecer também à Portela, escola que colocou na avenida o enredo “Guajupia, Terra sem Males”, em 2020. Esse desfile mudou a minha vida em todas as dimensões, do social e pessoal ao acadêmico; esse trabalho não existiria se eu não tivesse testemunhado aquela divindade. Nunca vou esquecer de assistir e ficar absolutamente impactado — mesmo que pela televisão — aquela beleza, a águia, as cores brincando com o amanhecer, as alas e aquele samba, que é especial para mim. Aqui, poderia citar toda a letra de “Portela na Avenida”, de Clara Nunes, para expressar o que sinto com essa escola de samba, mas prefiro que o leitor ouça a música.

Uma escola de samba não existe porque desfila; ela desfila porque existe.

l.a. simas

(Luiz Antonio Simas)

Sumário

Apresentação	7
Prólogo	10
Fundação	12
Salve a Mocidade	25
Botando Banca na Avenida	35
Com Dinheiro ou Sem Dinheiro, Eu Brinco	43
Furiosa do Planalto	51
O Grito do Cerrado	81
A Vida é um Jogo e Cada um Joga Com o Que Tem	96
Carnaval sem Mocidade	106
Golpe de Misericórdia	111
Cinzas	121
Dia Seguinte	141
Epílogo	149
Referências	152

Apresentação

As histórias de escolas de samba cujas memórias estão em livros, documentários e grandes reportagens costumam se fazer valer de tais registros por suas conquistas, seus episódios que revolucionaram o carnaval, seus personagens históricos e sua importância cultural tanto para a festa quanto para o Brasil. Para ilustrar meu ponto, vou buscar no Rio de Janeiro dois exemplos de escolas que marcaram gerações e que têm suas histórias e memórias registradas nos mais diversos meios. Por exemplo, o livro *Estrela que me faz sonhar — Histórias da Mocidade* (2013), da jornalista Bárbara Pereira, conta a história da Mocidade Independente de Padre Miguel exaltando os carnavalescos que por lá passaram — Arlindo Rodrigues, Fernando Pinto e Renato Lage — e mudaram a forma de se fazer carnaval, assim como a figura de Mestre André, que inventou a tão aclamada paradinha e fez, no início da história da Mocidade, a escola ser conhecida como “uma bateria que tem uma escola atrás”. Há de se lembrar também do documentário *Mangueira, 90 anos de histórias* (2018), de Carlos Colla e Henrique Lima, que retrata a história da Estação Primeira de Mangueira a partir do morro que dá nome à escola, e de seus fundadores e membros, gênios lendários da cultura brasileira, como Cartola, Carlos Cachça, Nelson Sargento e Dona Zica, uns dos maiores ícones da música brasileira; Jamelão, talvez o maior puxador — desculpe, Jamelão —, intérprete, da história do carnaval; e Delegado, o Mestre-Sala que flutuava na avenida, além dos sambas históricos e desfiles memoráveis da primeira campeã do carnaval carioca.

A história da nossa estrela, Associação Desportiva e Cultural Mocidade do Gama — que já passou por nomes como Grêmio Recreativo Escola De Samba, Mocidade Independente de Brasília e Grêmio Recreativo Escola De Samba Mocidade Independente do Gama — entretanto, não é calcada em grandes personagens, revoluções no carnaval ou por ser recheada de títulos. Embora a escola tenha a bateria mais temida do DF e tenha tido o maior mestre de bateria da história do carnaval de Brasília (que, de fato, revolucionou o baticum por aqui), não são apenas esses feitos que constituem a escola e sua identidade. Detalhe, digo bateria mais temida e maior mestre de bateria baseando-me em ritmistas, presidentes, componentes e torcedores da Mocidade, chancelados pelos quatro estandartes de ouro — espécie de Oscar do carnaval — seguidos na categoria de melhor bateria do DF e pelos “10” que não falharam em vir ano após ano.

Na verdade, a história e trajetória da escola são valorosas a partir de sua comunidade. Desde sua fundação, em 1985, a agremiação tem lutado e resistido, superando dificuldades, montando carnavais com o trabalho de centenas de pessoas, que passam noites em claro confeccionando carros alegóricos e fantasias

até mesmo na hora do desfile, mas também conseguindo títulos, trazendo alegria para o Gama, e, diante das dificuldades, não deixando o samba morrer. São altos e baixos, tragédias e conquistas, dias e noites, orgulho e tristeza, nesses 37 anos de existência que fazem a riqueza cultural e histórica da agremiação digna de documentação.

Portanto, este é um livro-reportagem que apresenta, na medida do possível, as plurais facetas da escola. Na medida do possível porque vários dos personagens que participaram da história da escola já não estão mais entre nós, porque os arquivos e documentações usadas para a pesquisa são fragmentos reconstituídos de uma realidade — que já virou passado — e, por isso, impossíveis de alcançar a totalidade da história da agremiação. Na verdade, sabemos: nenhum relato é capaz de compor “toda a história”.

Dito isso, a pesquisa para a escrita do livro foi feita, majoritariamente, com base em entrevistas dos diversos personagens e fontes, estes com suas vivências, suas interpretações de mundo, seus posicionamentos e suas visões subjetivas do que aconteceu — resultando, por vezes, em histórias multiformes. Assim, o livro não conta a história da escola em absoluto, mas passagens do tempo, momentos marcantes, episódios-símbolos que nos dão uma dimensão do “fazer carnaval” da Mocidade.

Sendo assim, espero que este trabalho não fique apenas descansando em alguma prateleira ou arquivo digital, mas seja um documento vivo. Mesmo enfrentando limites de apuração — pandemia, prazos acadêmicos, ausência de registros, desencontros —, as memórias e visões aqui registradas são dignas e devem ser respeitadas por mim e pelo leitor, pois fazem parte do íntimo daqueles que nos ofertaram o tempo e as lembranças. No que tange à limitação técnica, por exemplo, posso ressaltar a falta de acervo jornalístico local digitalizado na maior parte dos anos 1990. Esse é um período sem muitos registros oficiais, a não ser por uma nota ou outra encontrada em revistas ou folhetins, o que implica em um “vazio” no trabalho do período citado, mas que está representado por meio das entrevistas e memórias. Desse modo, ressalto ainda que mesmo que não houvesse nenhum tipo de documento sobre a Mocidade do Gama, o livro seria escrito baseado em relatos e entrevistas, pois esses foram um dos principais motivos que me levaram à escrita deste livro-reportagem.

Também é importante dizer que minha conexão com o samba e com o Gama são herança de família. A minha avó, Maria do Carmo, sempre desfilou pela agremiação; inclusive lembro-me de ir a alguns desfiles quando criança para prestigiá-la e ver, por consequência, a verde-e-branco passar. O samba e o carnaval são partes indissociáveis do meu ser. Desde pequeno me lembro dos churrascos de domingo regados à sinfonia praticada pelos mais ilustres bambas como Beth Carvalho, Almir Guineto, Zeca Pagodinho, Jorge Aragão e muitos outros. Lembro-me do sentimento de ver a bateria ensaiar no Bezerrão e a

energia daquele lugar. As minhas lembranças, meu sentimento com o samba, com o carnaval e com a minha família foram o pontapé para a escrita do livro. Claro, estes interpretados, aplicados e projetados no trabalho de conclusão de curso, diga-se de passagem, por meio do arsenal acadêmico que a Universidade de Brasília (UnB) me proporcionou.

Antes de efetivamente dar início à história da Mocidade do Gama, é prudente localizar o leitor ainda quanto a urbe onde ocorre nossa trama, o Gama. Sendo uma das 33 Regiões Administrativas do Distrito Federal, o Gama foi inaugurado em 12 de outubro de 1960, com seus primeiros moradores sendo trabalhadores que vieram construir a capital e suas famílias que, alojadas no Plano Piloto, foram transferidas para locais mais distantes da cidade. O Gama fica a cerca de 30 km de distância do Plano Piloto, parte central de Brasília. A cidade do Gama exerce a função de pólo econômico e de influência de municípios goianos do entorno de Brasília, como Novo Gama, Valparaíso, Cidade Ocidental, Luziânia e Santo Antônio do Descoberto. Sua população urbana, em 2018, era de 132.466 pessoas. A cidade, assim como o Rio de Janeiro, tem como Santo Padroeiro São Sebastião. Pelo sincretismo religioso, no Rio de Janeiro¹, São Sebastião é associado a Oxóssi, o Orixá da caça, no Candomblé Nagô² e na Umbanda. Coincidentemente, a escola homônima da Mocidade, no Rio, Mocidade Independente de Padre Miguel, também tem como padroeiro Oxóssi/São Sebastião.

Com vocês, então, Mocidade do Gama: Histórias de Cinzas e Folia de uma Escola de Samba. Boa leitura!

¹ Na Bahia, o santo associado a Oxóssi é São Jorge, que por sua vez, no Rio de Janeiro, é associado a Ogum.

² No Brasil existem três principais linhas de Candomblé: Nagô, ou Ketu, que cultua os Orixás; de Angola ou Bantu, que cultua as Inquices; e Jeje, que cultua os Vouduns.

Prólogo

Dia de desfile: a correria da diretoria da escola começa cedo, ainda com as alegorias e carros alegóricos se deslocando para a avenida às 5h da manhã com a equipe de decoração para deixar os carros organizados. Escola por escola, ala por ala. Isso tem de ser feito ainda de madrugada por causa do trânsito durante o dia. Esses carros precisam chegar a tempo para os soldados concluírem os trabalhos de solda dos módulos para, então, o pessoal da decoração fazer o acabamento e colocar as esculturas no carro, processo que raramente acaba em até duas horas antes dos desfiles, se estendendo pelos últimos minutos antes da escola na avenida.

Por volta das 15h, os componentes começam chegar à escola de samba para os preparativos, que mobilizam ao todo cerca de 800 pessoas, entre desfilantes e parte administrativa. A escola começa a checar se todos têm fantasia, organiza ônibus considerando as alas e seus componentes, vai atrás de material que precisa ser levado para avenida de última hora, mais pessoas aparecem pedindo fantasia e para desfilarem, levam o primo pra sair em alguma ala, surgem os atrasados atrás de suas fantasias, botas, adereços. “Tá faltando fantasia! cadê!?”, gritam de lá, já correm de cá; precisam passar maquiagem, e outras coisas imponderáveis não param de dar as graças naquele furdunço. Com as coisas prontas no limite do possível, os ônibus com os componentes saem no fim da tarde/início da noite para a avenida. As alas vão preenchendo os ônibus, que vão seguindo caminho, cada ala com seu líder — para controlar tudo. A escola tem que estar pronta na concentração na avenida em até uma hora antes do início do desfile, senão o regulamento castiga com punição, geralmente perda de pontos.

Na avenida, hora de armar a agremiação e deixá-la pronta para iniciar o desfile. É preciso agrupar os componentes, ala por ala, na ordem certa, depois filtrar fantasias, barrar aqueles que, devido umas boas doses, não têm condição de desfilarem, caçar latinhas de cervejas que insistem em aparecer na mão de um e de outro. Colocar os componentes em cima dos carros, entregar fantasia. Correria até enfim concluir a armação enquanto o desfile da escola anterior está para acabar. Dali é só esperar a sirene para iniciar a procissão na passarela e ver o resultado de mais de seis meses de trabalho.

Já para os componentes da escola, a ansiedade aperta ainda na semana do desfile, sempre pensando se vão conseguir desempenhar a coreografia corretamente, se o samba está afiado na língua, e a tensão vai aumentando com o correr dos dias. Tensão, ansiedade e felicidade. No fatídico dia, a hora do almoço já é dedicada a Exu e Dionísio. A refeição é embalada pelo cantarolar do samba-enredo a ser entoado mais tarde na avenida, com chopes gelando a

goela e passinhos de samba que enfeitam o caminhar pela casa. Ao passo que os brincantes se preparam mentalmente, também já estão no clima carnavalesco.

Dada a hora estipulada, saem de casa e vão para a escola seguir o cronograma definido pela agremiação. Na quadra encontram os queridos amigos, todo mundo alegre, a descontração vai tomando corpo, mas a ansiedade ainda persiste, não arreda. Depois de todos prontos, seguem para o ônibus; próxima parada: avenida. O caminho percorrido pelo coletivo já é festa, ninguém para e ninguém quer parar.

Quando já estão na passarela, alguns ficam por ali vendo como estão as outras escolas, encontrando o pessoal, e quando o diretor de harmonia vai avisar que faltam 10 minutos para a escola entrar, já vão para a armação, que não é para ter corre-corre. A hora está chegando, menos de minutos o ensaio de meses vai desaguar no desfile tão esperado. O locutor anuncia qual a próxima agremiação para o público. A sirene que anuncia a próxima escola soa. Os fogos de artifício explodem no céu e a torcida na arquibancada vai à loucura. É hora da verdade, a catarse é inevitável. O cavaco chora seu sonido agudo e empolgante, o intérprete chama a arquibancada para a festa, o mestre de bateria dá o sinal com sua batuta e gestos com as mãos para o início da trovoada. Então o repique começa a puxar a bateria, e a ansiedade faz o coração acelerar. Pegando a deixa do repique as caixas começam a estalar e a potência delas faz os pés começarem a salpicar sobre a avenida, em seguida, a marcação dos surdos bate forte e os tambores orquestrados se mostram todos encaixados e musicados. Surdos, caixas, tamborins, chocalhos, repiques, cuícas, agogôs, todos eles em seu tempo e soando rapidamente, intercalados, ritmados, dando potência aos tamborins, que soam como uma saraivada de tiros de metralhadora. O corpo treme. Nem mesmo aqueles componentes que ficaram dias anteriores comendo pouco, sem almoçar direito para ficar com o corpo bonitinho, segurando a respiração para a barriga não aparecer, desapegam, esquecem tudo. “Não tem idade, não tem doença, não tem cachaça. Quando a bateria começa a tocar toda de uma vez, esquece. Não tem jeito”, confessa uma foliã.

Nas próximas páginas e em onze capítulos, você poderá desfrutar de samba, de carnaval, de futebol e de brasilidades mais, em suas mais densas significações – em todos os sentidos. Pandeiro, cuíca, gol, orixá, dinheiro, cortejo, sangue, sol, domingo, política, vingança, santo, cachaça, sede, ignorância, sabedoria, Seu Zé, ancestralidade, poder, chuva, suor, cerveja, morte e vida. Faz sentido? Já já você vai entender. As características do Brasil se apresentam neste trabalho sobre escola de samba, que nada mais é do que um Brasil sintetizado. Afinal, o carnaval só existe do jeito que é, e existiu e resistiu em toda sua existência neste país, porque acompanha as diversas realidades que o país apresenta e tem apresentado em todos esses séculos.

Capítulo 1

Fundação

Fevereiro: Carnaval! Não tem para onde fugir. Seja no Rio, seja em Salvador. Seja em Belém, seja em Brasília. Bateu o segundo mês no ano, já era. Fevereiro cheira, sente, parece e tem gosto de carnaval; ou março, a depender do ano.

Logo, bastava a folha do calendário virar para fevereiro (ou março) que o Gama caía na folia. Desde a fundação da cidade, em 1960, houve blocos carnavalescos aqui e ali, foliões pelas ruas, festas temáticas e mais fanfarras momescas. Em meio à folia, no fim dos anos 1970, foi criado o Laranja Mecânica, um dos blocos que compôs o corpo carnavalesco do Gama. Esse bloco era formado por dez ou quinze amigos que se reuniam para fazer uma batucada no carnaval, e também ao longo do ano, sem muitas pretensões. Dentre os camaradas, pode-se destacar Zé Campos e Jorge Campos, Silvão, James Allen, Nêgo Caô, Marcelo do Pandeiro e Skindim, que posteriormente assinariam, junto com muitos outros, a ata de fundação da Mocidade. Destes, poucos estão vivos, como Silvão e James Allen.

De todo modo, no decorrer do ano, o bloco se reunia para tocar ao fim de jogos de futebol amadores que, regados a um negocinho ou outro, já animavam a turma. Claro que no Carnaval o bloco saía pelas ruas, havia mais seriedade, se empenhavam nos ensaios para fazer bonito, mas também com a leveza que o Carnaval permite. O lema era se divertir.

Contudo, não apenas o Laranja era responsável pela carnavalização do Gama, outros blocos e entidades co-existiam e também poderiam estar entrelaçados de uma forma ou outra. O Laranja Mecânica estava vinculado à charanga³ da Sociedade Esportiva do Gama, time de futebol da cidade. No meio dessas duas trupes, tinha gente do Perdidos no Mar, bloco que contava com fuzileiros navais, que, por sua vez, se cruzava com os batutas do Bloco do Toim Preto, que desfilava no Setor Sul da cidade. No entanto, Toim Preto não tinha a expressão dos outros citados — à época, não tinha a visão ou o objetivo de ser uma escola, porém seus brincantes estavam ali de uma maneira ou de outra — fora outras entidades carnavalescas que não chegaram a ter registro, mas que foliavam no Gama desde sua fundação em 1960.

Além disso, alguns indivíduos, oriundos de todos esses blocos citados, também compunham a torcida do time do Gama, logo, pertenciam à charanga

³ Banda amadora que anima jogos de futebol no estádio com alguns instrumentos, como bumbo, trombone e trompete.

que animava os jogos do verdão. A charanga estava bem forte, popular e encorpada. Como o clube havia crescido ainda mais em popularidade no fim dos anos 70, com conquistas empilhadas de 1977 a 1979, incluindo o primeiro campeonato brasiliense do clube, no último ano da década de 70, a torcida e a banda estavam inchadas com mais gente e mais paixão. A charanga veio a ser, mais tarde, a base da bateria da Mocidade, junto com membros dos blocos da cidade. Como o Laranja Mecânica rotineiramente já ocupava as ruas do Gama e nos carnavais marcava presença, depois de uns bons anos de baticum, começou um burburinho interno sobre a intenção de transformar aquilo em escola de samba.

No outro lado da cidade, mais precisamente na Asa Norte, uma escola de samba não estava nos seus melhores tempos. Enquanto o Laranja ainda almejava se tornar uma agremiação, a Independentes de Brasília, escola tradicional de Brasília, já não conseguia se sustentar como escola de samba. Embora carnalizasse na Asa Norte, a Independentes era uma escola juridicamente baseada no Núcleo Bandeirante. A agremiação foi fundada em 1967, era identificada pelas cores verde, rosa e branco e tinha uma coroa como símbolo, tal qual a Império Serrano (RJ) e a Imperatriz Leopoldinense (RJ). A então presidente, Iza Barbosa, se incomodava com essa confusão entre cidades, em razão de os componentes serem da Asa Norte, seus ensaios aconteciam, majoritariamente, no clube vizinhança da 604 norte, apresentações e reuniões também ocorriam nessa parte norte do Plano Piloto. Barbosa queria um chão próprio, isto é, componentes da escola que constituem as alas. O desejo da presidente de ter uma base própria também se dava ao fato de uma grande escola do DF já ser baseada na localidade em que a Independentes realizava suas atividades: a Acadêmicos da Asa Norte.

Essa insatisfação de Iza e a dificuldade financeira da escola em seus últimos anos foram determinantes para o fim da agremiação. A campeã do carnaval de Brasília por quatro vezes, a última sendo no ano de 1980, quase não conseguiu sair em 1981, e não desfilou nos carnavais de 82, 83 e 84, voltando em 85, para o segundo grupo⁴, o último carnaval da história da Independentes, resultado de poucos recursos financeiros necessários para se manter uma escola

⁴ Como no futebol, com suas séries A, B, C e assim por diante, até a última divisão, o carnaval também tem suas divisões, chamadas de grupos. Uma ou mais escolas, a depender do regulamento e do número de agremiações, sobem e descem dos grupos, considerando sua pontuação. Ao fim do carnaval, as escolas com as notas mais baixas caem para a divisão inferior e as escolas com as notas mais altas, dos chamados grupos de acesso, sobem para a divisão superior à que ela se encontra.

de samba, ainda que naquele tempo as próprias escolas e desfiles não fossem necessariamente profissionais. Assim, ao perceber que não teria mais condições da Independentes desfilar, a presidente anunciou publicamente que a escola não participaria mais do carnaval por falta de recursos. A Independentes acabou, mas uma nova escola surgiria em breve. Oduvaldo Chagas (Mestre Dudu), oriundo da Independentes, era apontador do jogo do bicho na Asa Sul, mas morava no Gama. Provavelmente foi ideia sua levar o projeto de uma nova escola de samba ao jornalista Paulo Roberto.

Paulo Roberto foi uma das figuras mais importantes da história da Mocidade do Gama. Além de fundador e primeiro presidente da agremiação, vivia com toda sua intensidade pela escola. Paulo era carioca, veio para Brasília nos anos 60, mas sua ponte Rio-Brasília estava sempre em tráfego devido à família e aos amigos. Na juventude, voltou para o Rio, serviu à Marinha por três anos, depois começou sua carreira jornalística: trabalhou na Tupi e foi discotecário pela referida, pegou mais corpo como repórter em outras rádios e jornais, passando pelo jornalismo esportivo, investigativo e local, até voltar de vez para o DF (no caso, Gama), com cerca de 30 anos, já com sua esposa Cícera. Paulo passou por rádios e jornais impressos em Brasília, mas ficou conhecido por trabalhar no Última Hora.

Com o fim da Independentes, a diretoria da escola tinha o desejo de fundar outra agremiação. Iza soube que no Gama, cidade que não tinha uma escola de samba ainda, havia um suposto bloco chamado “Mocidade do Gama” — pautado na mídia sempre por Paulo Roberto. Portanto, logo após a dissolução da Independentes, Iza se juntou com seus colegas da findada escola, Dudu e Inocência Roque Aragão, e os três foram atrás de Paulo para saber as condições de transformar o bloco em escola de samba.

Em um primeiro encontro, com a proposta apresentada ao Paulo, este se entusiasmou, pois havia nele o ímpeto de criar uma escola de samba do Gama. Além de um apaixonado por samba e carnaval de nascença, ele queria que a Região Administrativa participasse mais dos movimentos oficiais do governo; queria colocar a cidade definitivamente na rota política, cultural e social do Distrito Federal. O time de futebol já conseguia magnetizar para a urbe um interesse do DF, mas ainda não era o ideal. Uma escola de samba seria, na visão de Paulo, o ingrediente de peso para inserir, de vez, o Gama na realidade da capital.

Na reunião, Paulo disse à Iza que no Gama havia um bloco chamado “Mocidade do Gama” (uma mentira estratégica de Paulo) com desejo de se tornar escola. Uma vez que a Independentes já tinha superado processo formal de ser uma escola de samba, tinha estrutura e estatuto já prontos, era só a presidente levar a Independentes para o Gama, incorporar esse tal bloco Mocidade (inventado por Paulo) à estrutura da agremiação, que ali eles teriam uma nova base para

a bateria, com o bloco Mocidade, com o Laranja e com a charanga do Gama. Dessa proposta, o que mais animou Iza: uma escola com chão próprio, com uma comunidade bairrista, apaixonada pelo Gama, como ela bem conseguia ver nos jogos de futebol.

No final de setembro de 1985, a diretoria da Independentes, formada por Iza Barbosa, Oduvaldo Chagas (mestre Dudu, primeiro mestre de bateria da Mocidade) e Inocência Roque Aragão, foi ao local de trabalho de Paulo, no Última Hora, localizado no Setor de Indústrias Gráficas (SIG), com o objetivo de darem o pontapé na mais nova escola de samba do DF.

Antes de continuar, há de se esclarecer essa história de “bloco Mocidade do Gama”. Contar para Iza sobre esse bloco foi, provavelmente, uma cartada de Paulo para convencer a presidente de que havia uma base carnavalesca mais sólida no Gama do que blocos soltos e uma charanga animadora dos jogos do time da cidade no Bezerrão. Talvez se ele soubesse que apenas o argumento de ter uma comunidade própria, com pessoas apaixonadas, fosse suficiente para Iza, Paulo teria aberto o jogo sobre a situação momesca do Gama; talvez a artimanha não fosse necessária se ele soubesse que o tamanho do desejo dele e do Laranja de organizarem uma escola no Gama era do mesmo tamanho do desejo de Iza de ter uma escola com chão próprio. Ou talvez não. Paulo não poderia dar chance para o azar e tudo acabar dando errado. Era tudo ou nada.

Tratado o assunto, seguindo. Com ambas as partes de acordo na reunião que aconteceu no Última Hora, foram realizadas outras reuniões para acertar os detalhes, ainda no início de outubro, até que saiu a data e o local da primeira assembleia da nova escola: 14 de novembro de 1985, no Centro de Desenvolvimento Social do Gama (CDS), hoje Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), onde viria a ser fundada, de fato, a Mocidade. À reunião compareceram membros dos blocos carnavalescos do Gama citados anteriormente, tais como Reginaldo Souza, Reginaldo Braga, Everton Rosa, Carlos Augusto de Macedo e Francisco Silva, conhecido como Carioca ou Cajú, além de Paulo Roberto, trupe toda gamense. Do lado da Independentes foram Iza, Inocência Aragão (que era da Turma do Barril, da Asa Sul, mas se agrupou na Independentes neste movimento), Edilson Crilanovitch, Wellington Souza, Manoel de Xangô, Alaídes Souza, Vó Júlia, Dudu, Edneu, Cidinho, Edinho de Magalí e Marquinhos Mocidade, que veio a ser o primeiro intérprete da escola.

Com todos presentes, foi assinada a ata de fundação e, portanto, estava efetivamente criado o Grêmio Recreativo Escola De Samba Mocidade Independente De Brasília, com Paulo Roberto sendo o primeiro presidente da escola, com os citados compondo a primeira diretoria, dentre outros. Sim, de Brasília. Mas o termo foi descartado logo nos primeiros meses de existência e “Gama” foi incorporado. No primeiro desfile da agremiação, a escola já era conhecida como Mocidade Independente do Gama. Em 1998, sob o primeiro

mandato do ex-presidente Pedro Teixeira, a escola acabou por abandonar o “Independente” e reestruturou o nome para o qual é conhecida até hoje: Associação Desportiva e Cultural Mocidade do Gama. “Pô, independente? Independente de quê?”, dizia Pedro ao justificar a retirada do adjetivo do nome da agremiação. A maioria dos integrantes da Independentes, exceto Inocência Aragão, que permaneceu na Mocidade até a sua morte, foram saindo com o tempo; Iza, por exemplo, poucos anos depois da fundação da escola, em setembro de 1989, faleceu. Seu legado para o carnaval de Brasília com a Independentes e com a fundação da Mocidade foi inegável. A escola de samba Bola Preta de Sobradinho, inclusive, a homenageou com o enredo “Uma Força Chamada Iza”, no ano seguinte à sua morte, em 1990.

Iza, porém, deixou sementes na Mocidade. Com a família carioca e do samba, seus filhos já frequentavam a quadra da ainda Independentes. Dos filhos, surgiram netos, que até hoje lembram de Iza conversando sobre fantasias na quadra da Mocidade, também dela no palco do barracão efusiva, sambando, empolgando o povão e, colocando o dedo nos lábios e o afastando para longe, como se quisesse que o público cantasse o samba, ainda fazendo uma concha com a mão envolvendo sua orelha, querendo ouvir a galera. Sua neta Valquíria Gonçalves, hoje com 44 anos, e Wanderson Santos, primos, cresceram como ritmistas na escola e nela estão até hoje. Valquíria montou o primeiro time de tamborim do DF e Wanderson, hoje, 2022, é Mestre de Bateria da Mocidade.

O nome Mocidade Independente do Gama foi uma confluência de coincidências e, também, uma questão de encaixe. O primeiro motivo é justamente a escola homônima do Rio, a Mocidade Independente de Padre Miguel, ter as cores verde e branco. Assim também como o Gama sempre foi identificado visualmente, o time e todas suas manifestações sociais e culturais. Paulo Roberto era Mocidade no Rio e isso veio a calhar. Inclusive, o nome “Mocidade” que ele havia dado para o bloco fictício era justamente por causa da agremiação da Vila Vintém — bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro, onde é localizada a Mocidade de Padre Miguel. Essa, aliás, é a segunda coincidência-motivo: o “Mocidade” também se dá pelo bloco que Paulo dizia à Iza ter no Gama, e “Independente” veio da escola que era radicada na Asa Norte. O nome da alviverde carioca casou com os nomes das entidades que se juntaram para formar a escola.



O pavilhão da Mocidade Independente de Padre Miguel (Foto: Romulo Tesi/Band)



Mestre Sala e Porta
Bandeira com o pavilhão
da Mocidade em 2012
(Foto: Mary Leal/
Agência Brasília)

Antes de continuar, voltemos um pouco no tempo (especificamente sete meses) para a explicação de um dos acontecimentos mais importantes da história da Mocidade do Gama. Era 17 de março de 1985, domingo, dia de jogo. Brasília e Bangu (RJ) se enfrentaram no Mané Garrincha, partida válida pela Taça de Ouro, campeonato da época organizado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Além das estrelas do Bangu daquele tempo como, por exemplo, o jogador da seleção brasileira Marinho e o técnico Moisés, uma presença era esperada pelos brasilienses: Castor de Andrade. Castor foi um dos maiores banqueiros do jogo do bicho do Rio de Janeiro e do Brasil. Sua atividade passava, justamente, pela contravenção em questão, pelo futebol e pelo carnaval.

Com recursos advindos do bicho, Castor injetava dinheiro nos seus dois maiores amores, o Bangu e a Mocidade Independente de Padre Miguel. Com o patronato de Castor, o Bangu viveu sua melhor fase na história (terceiro colocado no campeonato carioca de 1983, vice-campeão carioca e vice-campeão brasileiro, em 1985 e com a conquista da Taça Rio, em 1987) e a Mocidade de Padre Miguel ganhou cinco de seus seis títulos (1979, 1985, 1990, 1991 e 1996), o único e último campeonato ganho pela Mocidade do Rio, sem o apoio de Castor, veio apenas em 2017. A figura é tão amada pelas bandas cariocas, que na bandeira do clube há um simpático castorzinho bordado perto do brasão. O bichinho também foi incorporado há pouco tempo na atual bandeira da Mocidade do Rio, com o sobrinho de Castor no comando da agremiação.

Ali Kamel, diretor geral de Jornalismo da Rede Globo, à minissérie *Doutor Castor* (2021), que trata da vida e influência de Castor de Andrade no Rio de Janeiro, diz que naquela época era normal certa conveniência da imprensa e da sociedade com Castor. “Ele era o bicheiro que não era preso, que andava pela alta sociedade, promovia festas, era convidado para programas de TV, não havia processo contra ele, nada transitado em julgado, presidente do Bangu, presidente honorário da Mocidade, ‘ele faz essas brincadeiras e eu vou lá e o entrevisto’, porque somos escravos do momento em que a gente vive”, explica Ali, na série. Para o diretor, aquela conveniência, as entrevistas e o espaço na mídia, não seriam hoje como foi antes, pois havia uma leveza com o bandido, palavra que o Jornalista Aloy Jupiara, autor do livro *Porões da contravenção* (2015), dizia ser a adequada para se referir a Castor e outros bicheiros.

Castor, mesmo famoso pelo jogo do bicho, não era preso porque sempre dizia que não estava mais envolvido na atividade, mas que sabia como era o bicho e o mundo ao redor dessa contravenção por “antigas ligações” que ele tinha com o jogo. Se ele declarasse que era bicheiro, produziria uma prova contra si, mesmo com todo mundo sabendo que ele era banqueiro do jogo, afinal o dinheiro que patrocinava o Bangu e Mocidade não crescia no quintal.

O artigo 58 da Lei das Contravenções Penais, de 1941, é claro: “explorar ou realizar a loteria denominada jogo do bicho, ou praticar qualquer ato relativo à sua realização ou exploração: Pena — prisão simples, de quatro meses a um ano, e multa (...)”⁵. Mesmo não confessando que fosse bicheiro, Castor foi preso uma vez pela contravenção. Aqui vale deixar claro que contravenção não é crime. Ambos são infrações penais, mas contravenção é uma infração penal com penas mais leves (com reclusão que chega ao máximo a 5 anos), e, por exemplo, a tentativa de uma contravenção não é penalizada, enquanto o crime tem infrações penais mais graves (com reclusão que chega até 30 anos) e sua tentativa é passível de punição, como tentativa de roubo ou de homicídio.

Continuando, Castor foi preso por contravenção em 1969, pouco tempo depois da criação do Ato Institucional nº 5 (AI-5), momento mais cruel da Ditadura, em que os militares endureceram as liberdades individuais, promoveram censura, torturaram e desapareceram com vários civis, mas, ao mesmo tempo, queriam mostrar uma face moralista ao povo brasileiro, apresentando uma pose de retidão, não compactuando com crimes e contravenções, tirando, assim, tais exemplos da sociedade que ganhavam dinheiro com jogos de azar. Nessa onda, Castor e outros banqueiros da dita “Cúpula do Bicho” foram presos. Porém a prisão do mandatário de Padre Miguel durou pouco, quatro meses.

Como visto há pouco, a atividade do jogo do bicho, por si só, não é tão grave aos olhos da legislação brasileira, mas Castor não era apenas um bicheiro. Portanto, só quando houve vinculações de homicídios aos bicheiros da Cúpula, liderada por Castor, por disputas por pontos do jogo, em 1993, que o gângster e sua trupe começaram a ser encarados com maior temor pela sociedade e pela imprensa. Vinculação essa que acarretou na prisão de todos, agora devida aos crimes, não às contravenções; a cúpula foi denunciada pelo artigo de formação de quadrilha.

Segundo a juíza Denise Frossard, responsável pelas prisões, a quadrilha se reunia e se organizava com a intenção de cometer crimes. Eles já tinham se declarado bicheiros, eram ligados através da Liesa (Liga das Escolas de Samba do Rio), concebida e criada por Castor, em que os principais bicheiros presidentes das escolas estavam ligados: Abraão David pela Beija Flor, Carlinhos Maracanã pela Portela, Castor pela Mocidade, entre outros. Todos os 53 homicídios sem autoria, ligados ao jogo do Bicho, eram de pessoas que atrapalharam o estabelecimento do comando do Bicho no Rio, analisou Frossard.

Explicado quem foi Castor, volto ao jogo entre Brasília e Bangu no Mané Garrincha. Trabalhando como repórter, Paulo Roberto foi escalado para cobrir a partida. O jornalista juntou *lé* com *cré* e pensou na possibilidade de ter o apoio do bicheiro para a escola vindoura.

⁵ Informação extraída do site do Planalto. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/cciv-il_03/decreto-lei/del3688.htm Acesso 08 set. 2022.

No dia do jogo, Paulo conseguiu acesso ao gângster carioca. O fato de Paulo ter nascido no bairro carioca de Bangu, que dá nome ao time, facilitou o contato. Em conversa, o repórter disse a Castor que o Gama em breve teria uma escola, a Mocidade, questionou ainda ao bicheiro se ele poderia ajudar a agremiação de alguma maneira e se a Mocidade de Vila Vintém poderia ser madrinha da Mocidade gamense. O homem não pediu nem um tempo para pensar, assentiu para tudo e já assinou o cheque que bancou o telhado da quadra⁶ que viria a ser construída e 50 instrumentos dos 70 que a bateria viria inicialmente a ter, além de garantir que quando a escola estivesse fundada, tudo nos trinques, viria ele e os componentes de Padre Miguel fazer o batismo.

Ao saber do apadrinhamento e ajuda de Castor, o então governador de Brasília, José Aparecido (1985-1988), cedeu à escola uma área de aproximadamente 2 mil metros cimentada para quadras de esporte dentro do complexo esportivo do Bezerrão, estádio onde o time do Gama manda os seus jogos, localizado no centro da cidade. Para quem entra no Gama pela entrada principal, basta seguir a pista por cerca de 1,5 km até ver a estrutura verde do estádio à direita. A Mocidade, além de ter a base de sua bateria composta pela charanga do time do Gama, teve sua sede cravada no próprio estádio da RA; uma relação imbricada entre samba e futebol desde a gênese da escola. Com a área cedida e a cobertura doada, o então administrador do Gama, Pedro Alves (1985-1987), mandou tapar a quadra com alambrados, construiu divisórias do bar, banheiros e improvisou um palco.



Quadra da Mocidade em 2001, com uma escultura, na preparação para o carnaval de 2002 (Foto: Pedro Teixeira/ Arquivo Pessoal)

⁶ Sede de uma escola de samba, local onde também acontecem ensaios e apresentações de uma agremiação.

Aliás, a presença de bicheiros até chegou a ser comum na Mocidade do Gama, mas apenas para aproveitar o samba e a festa na quadra ou camarote na avenida, nunca na figura de patrono ou financiador da escola, de fato. A doação inicial de Castor, inclusive, não é considerada como um financiamento da escola. A presença de bicheiros na Mocidade gamense se dava porque o cidadão apontava o jogo e gostava de carnaval, então por vez ou outra acabava aparecendo na quadra, cumprindo o folclore da relação de bicheiros e escola de samba. Contudo, apenas um bicheiro deu apoio à Mocidade, Manoel Durso, conhecido como Manoelzinho, famoso por ter dito que havia doado R\$ 1 milhão para a campanha de Joaquim Roriz na virada para os anos 2000. Contudo, a participação dele não era efetivamente de bancar a escola, de contribuir com grandes valores, era somente uma ajuda bem-vinda. Nunca teve a figura de patrono, mas dava um indispensável bônus para a escola.

Entre ajudas, doações e mobilizações, a quadra foi inaugurada no dia 31 de outubro de 1985, ou seja, quinze dias antes da fundação jurídica da escola. A inauguração da quadra significava muito porque, na época, apenas a Associação Recreativa Cultural Unidos do Cruzeiro (Aruc) tinha quadra dentre as escolas de samba do DF. A quadra de uma escola é fundamental para sua sobrevivência, pois garante sua autossuficiência e sua base econômica, como bem apresentou José Sávio Leopoldi em seu livro *Escola de samba, ritual e sociedade* (1978). Se uma escola tem uma sede, ela pode realizar ensaios sem pagar aluguel de um local, cobrar ingresso para ensaios (apesar da possibilidade, a Mocidade não costumava cobrar ingresso para seus ensaios), pode contratar uma atração e, também, alugar o espaço para eventos, pode vender cerveja e refrigerante no bar, comercializar comida e guardar seu patrimônio ali. Sem quadra, a escola perde muito em receita, o que implica em desfiles male male, além de ser difícil movimentar e sustentar uma escola de samba sem local. Por isso, a Mocidade ter uma quadra, antes mesmo de ser fundada, a colocava na frente das demais. Uma alma, um espírito pressupõe um corpo; uma família, idealmente, necessita de uma casa. Sem um lar, uma família fica desamparada, desestabilizada. A quadra, nesse sentido, pode ser considerada como a alma ou o lar de uma escola de samba.

No entanto, infelizmente, até hoje, a maioria das escolas de samba do DF não possuem quadra, deixando suas comunidades, suas famílias desamparadas, instáveis, o que dificulta em larga medida a realização de bons desfiles, entendido aqui como um todo, além da dimensão estética. Deste cenário, até 2022, se excluem apenas a Acadêmicos da Asa Norte e a Aruc. Sim, apenas Aruc e Acadêmicos

possuem quadra, a Mocidade não tem mais uma sede, mas isso é história para mais tarde.

Digo mais, uma escola ter estrutura não significa apenas que o desfile vai sair exuberante na avenida. Ter dinheiro, ter estrutura significa que a escola consegue ensaiar bem, tem instrumentos bons, a comunidade é incentivada a participar dos ensaios, a agremiação tem dinheiro para pagar sua mão-de-obra, consegue ter uma boa comunicação. Se uma escola não consegue ensaiar adequadamente, a bateria não sai encaixada e o dinheiro que seria gasto apenas com mão-de-obra e materiais, precisa ser destinado a aluguel de locais para ensaios e confecção de fantasias e alegorias, comprometendo a qualidade do desfile, tanto no material quanto no mental.

Com a Mocidade do Gama fundada e quadra pronta, faltavam os componentes. A diretoria da escola foi atrás de gente para povoar a Mocidade da maneira clássica: anúncio em veículos de imprensa e sair batendo na porta das casas das pessoas contando a novidade da região administrativa. Vale lembrar que alguns cargos ofereciam remuneração. Entre muitos animados, que já chegaram na quadra levando a família toda, também havia pessoas que falavam não saber sambar, não tinham intimidade com pandeiro, que não gostavam de carnaval. Enfim, toda a sorte possível de negativas foram dadas, mas que não surtiram efeito nenhum na animação e persistência daqueles missionários do samba. Silvão, ex-Laranja Mecânica e fundador da Mocidade, diz que não tinha argumento que o afugentasse nas investidas na população. “O pessoal falava que não iria porque não sabia de nada daquilo, e a gente falava para a pessoa que não haveria problema, era só ela aparecer que iria surgir alguma coisa legal para ela”, comenta. Para ser justo, em larga medida, isso era verdade, porque o projeto da escola era “magnífico”, como lembra Silvão. Contemplava vaga para todos os segmentos possíveis da comunidade. Na escola, seria possível praticamente qualquer um canalizar seus saberes para o samba porque uma escola de samba realmente precisa de um sem-número de profissionais como bordadeiras, costureiras, serralheiros, dançarinos, cozinheiros, figurinistas, motoristas, borracheiros e por aí vai. A diretoria conseguiu captar algumas centenas de componentes, com muita dificuldade, mas ainda não era o bastante. A escola, que tinha a meta de, no mínimo, mil componentes até fevereiro, contava com mais ou menos 500 em janeiro de 1986.

A escola, fundada em novembro, queria desfilar já em fevereiro; a ansiedade era imensa, não teria como esperar mais de um ano para sair na avenida. Fevereiro estava ali e a Mocidade iria sair no Eixão⁷. Apesar de ser um tempo curto para a

⁷ Foram vários os locais dos desfiles em Brasília: W3 Sul – em 1962 e depois de 1966 até o início da década de 80 –; plataforma superior da rodoviária – onde aconteceu até 1966 –; Eixão Sul – durante as décadas de 80 e 90 –; atrás da Torre de TV – de 1997 a 2004 –; Ceilândia – 2005 a 2012 – e estacionamento do Ginásio Nilson Nelson – 2013 a 2014. O Eixão serviu como

preparação de um carnaval, essa era a realidade até pouco tempo das escolas do DF, diferente, por exemplo, do Rio de Janeiro, onde as escolas preparam o desfile durante todo o ano.

Vamos abrir um parênteses para explicar como funciona. As grandes escolas de samba do Brasil recebem subvenção do respectivo governo estadual para produzir seu desfile, mas não é o suficiente, ainda correm atrás de patrocínios privados para arrecadar mais recursos, além dos eventos na quadra (o que não é possível por aqui, considerando que maioria esmagadora das agremiações não possuem sedes, portanto não são autossustentáveis). Nesse sentido, para as escolas do DF é apenas possível uma mobilização firme para o carnaval quando o Governo do Distrito Federal (GDF) libera a subvenção para custear a maior parte dos gastos das escolas. Como visto, elas conseguem algum tipo de recursos com patrocínios ou ajuda de alguma figura política, mas uma fatia importante de verba vem do GDF.

Até meados dos anos 1980, o GDF até liberava a verba no ano anterior, mas isso mudou com a Lei de Diretriz Orçamentária, promulgada com a Constituição de 1988 e posteriormente com uma série de mudanças na legislação orçamentária promovidas por Fernando Henrique Cardoso.

Do fim dos anos 1980 até 2011, um cenário que causava instabilidade na realização dos desfiles era o ano de mudança política. Houve alguns anos que a prioridade não era verba para o carnaval e não havia esse recurso para o setor, como em 1994, 1995 e 2003, por exemplo, quando não aconteceu desfile no DF. As escolas todas se mobilizavam, iam atrás do secretário de Cultura, ficavam no pé do homem, iam atrás do patrocínio, para saber quando ou se iria acontecer carnaval. “Todo ano era uma luta, todo ano era um parto para ter carnaval”, diz Guilherme Henrique, filho de Paulo Roberto e integrante da bateria da Mocidade. Não raras, de acordo com Guilherme, eram as vezes que o governador ou secretário de Cultura não davam nenhum tipo de apoio, liberavam quase nenhuma subvenção ou dificultavam a realização do carnaval, mas quando acontecia a festa, lá estavam eles na avenida tirando fotos com rei momo, no meio das passistas, segurando um tamborim e abraçando todo mundo. “Nessa hora era bom”, afirma Guilherme.

Em 2011, no entanto, a Câmara Legislativa do Distrito Federal aprovou a lei nº 4.738, que dispõe sobre a realização do Carnaval no DF, tornando o processo menos discricionário, permitindo a liberação da subvenção em tempo hábil para a realização da festa. Além desta lei, há o decreto nº 38.019/ 2017 que institui o Carnaval como política de Estado. Apesar dessas leis, o desfile das escolas de samba não ocorre no DF desde 2014, mas daremos mais atenção a esse fato em momento oportuno.

avenida em Brasília nas décadas de 80 e 90.

Segundo a lei, a subvenção é liberada em três parcelas, que devem obedecer o seguinte cronograma “primeira no ato de assinatura do contrato de 40% (quarenta por cento), 50% (cinquenta por cento) até 30 dias antecedentes ao desfile e 10% (dez por cento) após a realização do desfile com o relatório comprovando o integral cumprimento do contrato”. O pagamento antecipado, no exercício anterior ao desfile, foi autorizado pela Lei Distrital nº 4.998, de 19 de dezembro de 2012. De acordo com a subsecretária de Difusão e Diversidade Cultural da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal, Sol Montes, a terceira parcela de 10%, disponibilizada somente após o carnaval mediante prestação de contas, “permite maior transparência e possibilita à população acompanhar os gastos”.

Explicado, retornamos à nossa história. Em 1985, a Mocidade precisava correr para estreiar no carnaval meses dali. E a estreia aconteceu como manda o figurino: correndo contra o tempo.

Salve a Mocidade

Pouco tempo para o desfile de 1986, o primeiro da Mocidade, a escola precisava de um enredo. A diretoria pensou em juntar quadrilha com bateria, samba com forró e quentão com cervejada, fundindo, assim, as festas juninas com o carnaval e lançou o enredo “Mês de Junho em Fevereiro”, que foi elaborado pelo carnavalesco Zequinha, artista da cidade que coordenou concursos anuais de fantasias no carnaval de Brasília e também trabalhou como carnavalesco em escolas como Aruc, na própria Independentes de Brasília e na Colibri de São Sebastião. Com nove escolas no DF, à época, as escolas estavam divididas em dois grupos, A (ou Especial) e B (ou de Acesso).

Como a Independentes tinha caído para o segundo grupo no carnaval de 1985, a Mocidade desfilou pelo segundo grupo das escolas de samba, o Grupo B, com outras três agremiações: Bola Preta de Sobradinho, Mocidade de Planaltina e Fantoques do Setor O. No Grupo A daquele ano figuravam Candangos do Bandeirante, Império do Cruzeiro, Capela Imperial, Unidos do Cruzeiro (Aruc) e Acadêmicos da Asa Norte. E não só o fato da Independentes ter caído para o segundo grupo fez a Mocidade estrear na “Série B”. Naturalmente, quando uma escola é criada, ela começa no último grupo — no caso de Brasília, o B na época.

Com o enredo pronto, a Mocidade precisava, então, de um samba para a escola defender na avenida. O processo natural que dá a arrancada no carnaval em todas as praças pelo Brasil é a escolha de um enredo e a escolha de um samba pela escola. Essa escolha se dá por meio de uma disputa em formato de eliminatória. É a Copa do Mundo do samba. Assim que a escola divulga o enredo e sua sinopse — uma explicação mais aprofundada sobre o tema — os compositores têm até certa data para apresentarem os sambas. Os sambas podem ser assinados por apenas um compositor, prática que vem sendo deixada de lado, ou por parcerias, o comum nos dias de hoje.

A partir daí começa a disputa. As semanas seguintes nas quadras da escola são marcadas por madrugadas adentro com os sambas sendo apresentados. Quando a comunidade conhece todos os sambas, começa a fase eliminatória. Semana após semana, o número de sambas concorrentes diminui, em oitavas de final, quartas de final, semifinal e final, considerando o número de sambas inscritos. Na Mocidade, já houve eliminatórias que aconteceram com três sambas ao todo, não sendo necessário passar por todas as etapas. Esse processo, apesar de necessitar de investimento, movimentava a quadra da escola, fazendo a agremiação arrecadar dinheiro. Ao final, normalmente, consiste nos três últimos sambas, o pódio de onde sai o hino a ser defendido pela escola no carnaval. Nas

apresentações, os sambas são tocados em várias passadas⁸ para saber se aquele samba se sustenta na avenida, visto que a escola vai entoar aquela canção por mais ou menos uma hora na passarela.

Com sambas sendo apresentados, cortados e alcançando uma nova fase, a comunidade vai se organizando em torcidas. Sempre há tristeza quando um samba fica pelo caminho. Porque mesmo um possível único torcedor de determinado samba acredita fielmente que aquele seria o melhor samba para a escola. Os sambas que continuam na corrida vão magnetizando torcedores órfãos de sambas eliminados, até chegar no estágio da final com toda a comunidade mobilizada. Por ser um processo que envolve muito a comunidade, a disputa é um rito importante para o amadurecimento social e espiritual dentro da escola. Essa escolha orgânica do samba é um dos fundamentos que consolida a ligação escola-comunidade. E, claro, há uma premiação para o samba campeão.

No Rio de Janeiro, a premiação chega a ser alta, na casa dos milhares, até com carro zero figurando na lista de prêmios. A Mocidade do Gama, por exemplo, premiou o compositor campeão para o carnaval de 1989 em uma passagem de ida e volta para o Rio de Janeiro, troféu, Ncz\$⁹ 10 mil¹⁰ e uma caixinha de cerveja.

Até o início dos anos 90, as escolas do DF cumpriam esse rito para definir o samba que levariam para os carnavais; inclusive o samba de 1986, e outros vindouros da Mocidade do Gama, foi escolhido assim. Isso, no entanto, de modo geral acabou. A partir dos anos 1990, os sambas que foram para a avenida não eram mais escolhidos por meio de disputa. Na Mocidade, os sambas ou são encomendados ou a própria comunidade monta o samba junto com a diretoria da escola, em formato de parceria. Algumas são as razões para a mudança, apresento duas. Primeira razão: a subvenção do governo para o carnaval passou a sair em um período muito próximo do desfile, como já exposto. Antes, com a subvenção antecipada, havia movimentação no processo das disputas, e posteriormente, quando o dinheiro era liberado em cima da hora, a comunidade ficava até aquele momento sem saber se ia ou não acontecer carnaval.

Para não deixar absolutamente tudo acontecer a partir da liberação da subvenção, a Mocidade sempre fez investimentos no ano anterior ao carnaval, confiando na subvenção que virá para cobrir parte — a maior parte — do gasto

⁸ Samba inteiro, com todas suas estrofes e refrões. Quando o samba recomeça, seja do primeiro refrão ou da primeira estrofe, já se conta a segunda passada.

⁹ Sigla para a moeda Cruzado Novo.

¹⁰ Moeda em circulação no Brasil entre os anos de 1989 e 1990. O valor de 10 mil cruzados novos, convertido para reais, gira em torno de 100 reais, de acordo com a calculadora da Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser (FEE), do Rio Grande do Sul. O cálculo de todas as conversões neste livro foi feito por meio da Calculadora, entre janeiro e outubro de 2022. Disponível em: <https://arquivofee.rs.gov.br/servicos/atualizacao-valores/>.

feito. Porém em 2015, por exemplo, mesmo com a Lei Distrital de Carnaval nº 4.738/2011, o Governo prometeu carnaval, todas as escolas se mobilizaram para realizar seus desfiles e nas vésperas, dia 3 de janeiro, o GDF voltou atrás e cancelou a festa (por conta da crise financeira que o DF passava no período). Desta maneira, as escolas acabaram se endividando, já que começaram cedo a fazer investimentos, confiando na palavra do governo. Por fim, a subvenção sendo liberada tardiamente implicava em uma série de questões para o funcionamento do carnaval, inclusive nas disputas de samba da maioria das escolas, que não têm estrutura de sede para essa movimentação prévia, não conseguindo manter um modelo de disputa que normalmente dura semanas. Contudo, ainda há disputa em escolas que contam com sedes e possuem boa estrutura física e financeira — absoluta minoria no cenário da cidade.

A segunda razão: alguns compositores de escolas com mais recursos conseguiam fazer ou encomendar sambas no Rio de Janeiro, por meio de parcerias, para concorrer nas escolas daqui, o que começou a desestimular as comunidades pelo sentimento de superioridade despertado pelos sambas do Rio. Quando um samba assinado por esses compositores, em parceria com sambas da composição de samba do Rio, tocava na quadra, as pessoas se sentiam desestimuladas de competir e não havia mais disputa.

Como funciona essa encomenda de samba para compositores cariocas? A agremiação envia o enredo para o compositor, ele compõe, arranja os instrumentos, vozes de apoio, um intérprete de peso, e devolve o samba prontinho para apenas apresentar à comunidade da escola. Dali, é decorar e defender o samba enredo encomendado. O problema desse método não é a qualidade do samba. Ao contrário, os sambas são bons. O pessoal abençoado pelo Cristo Redentor tem a expertise para fazer ótimos sambas. A questão é a ligação da comunidade com a escola que fica comprometida.

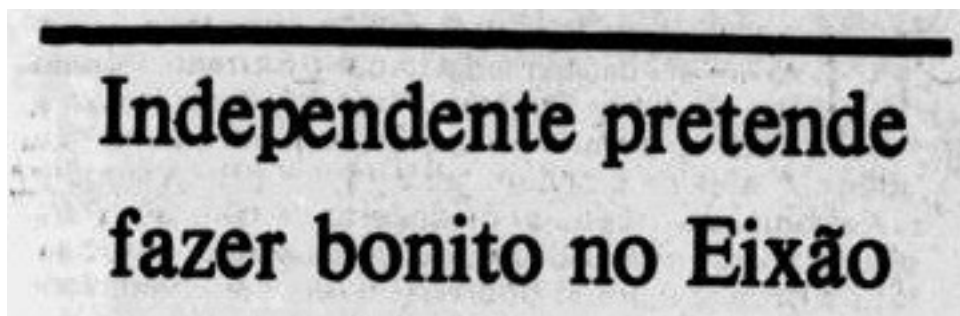
Os potenciais compositores das comunidades, a torcida pelo samba... tudo se perde. A pulsação da escola fica fraca, o carnaval começa a se pautar pela festa apenas, não pelo processo. Até implicações técnicas são feitas a partir desse cenário do samba encomendado. Por exemplo, o quesito Harmonia, em que se julga o alinhamento entre as os instrumentos da escola, de corda e percussão, e as vozes dos componentes; se há entrosamento entre a música cantada e a música tocada, se a escola é uníssona. Segundo o ex-presidente, Pedro Teixeira, como uma escola, que leva cerca de 700 componentes à avenida, pode apresentar harmonicamente e melodiosamente, entre instrumentos e vozes, um samba que mal teve tempo de aprendê-lo, sendo este encomendado?

José Francisco de Oliveira, ou apenas Oliveira, também conhecido como Jota Mocidade, puxador do samba da escola em várias ocasiões, e Zé Campos, ambos compositores e membros da Mocidade, enquanto vivos, resistiram até onde deu. Só para frisar, o primeiro foi um personagem importante no

funcionamento da escola — que será abordado com mais profundidade em breve — e o segundo, para recordar, era do Laranja Mecânica. Até meados da década de 1990, eles realizaram a disputa de samba na quadra, mesmo diante das dificuldades. A Mocidade foi uma das últimas escolas do DF a ceder e trazer os sambas prontos. Como Oliveira era compositor, não queria abrir mão daquele processo, mas o sistema foi implacável. Eventualmente, tendo em vista a perda de talentos da comunidade nesse processo de encomendas, a Mocidade passou a receber projetos de samba de grupos composto por intérpretes e músicos, que montam o samba-enredo do ano junto com a escola.

*Quem hoje está presente na avenida
vai ver a verde e branco tão querida
fazendo um carnaval tradicional
mostrando o folclore nacional
trazendo o mês de junho em fevereiro
brilhar com seu estilo brasileiro*

Esse trecho é do samba vencedor de 1986 da Mocidade, escrito em parceria, pela própria Iza Barbosa e Marquinhos Mocidade, dois fundadores da escola. Os ensaios aconteciam sextas, sábados e domingos a partir das 21h para todo mundo saber o samba de cor, e a bateria, comandada por mestre Dudu, afiada. Com o desfile tomando corpo, Paulo e Inocêncio não escondiam suas expectativas. “Só a Bola Preta e o Fantoches têm condições de disputar com a gente [...] tenho confiança de que ganharemos, apesar de estar estreando no carnaval”, dizia uma entrevista de Paulo ao Correio Braziliense. “O prêmio é nosso, não há dúvidas”, Inocêncio apontava, também em entrevista ao Correio. Dado o amargo último lugar que a Independentes enfrentou no carnaval de 85, os dirigentes estavam com muita confiança que a maré de sorte viria com a nova escola.



**Independente pretende
fazer bonito no Eixão**

Manchete que expunha a confiança dos dirigentes da Mocidade. A imprensa ainda se confundia com a nova escola (Correio Braziliense de 09/02/1986/Reprodução)

Paulo apostava em novidades na avenida que poderiam arrebatam os jurados, como uma ala em que todos os componentes carregariam nas mãos adereços iluminados, por exemplo. Depois da Independentes ter terminado o seu último desfile em último lugar, as previsões, com o nascimento de uma nova escola, eram as mais otimistas possíveis. Paulo percebia a população tão empolgada que até um pedágio na saída da RA foi pensado pelo presidente para captar mais recursos para escola. Essa medida, segundo ele, seria benquista pela população, dada a animação do povo, mas, no fim das contas, não foi colocada em prática. A necessidade de obter recurso fora a subvenção era grande porque as escolas do segundo grupo, o qual estava a agremiação do Gama, receberam Cr\$¹¹ 17 milhões¹², sendo que a Mocidade estimava um gasto total de Cr\$ 80 milhões¹³.

Dez dias antes do desfile de 1986, os jornais locais estampavam o rosto de Castor de Andrade. Afinal, o bicheiro estava em vias de chegar à Brasília para batizar a Mocidade Independente do Gama. A doação do telhado da quadra e dos 50 instrumentos para a bateria eram apenas parte do compromisso firmado por Castor com a Mocidade, faltava ainda o tal do batismo pela Mocidade Independente de Padre Miguel, prometido pelo carioca. Com todo o frisson criado diante da chegada de Castor, Paulo Roberto afirmou à imprensa que aquilo não estava certo. Apesar de ele mesmo ter ido atrás de Castor, o presidente não queria a associação do jogo do bicho com a escola porque isso, segundo Paulo dizia na época, desvalorizaria o trabalho árduo dos componentes para colocar a Mocidade na passarela.

Embora fosse muito difícil sair em 1986 sem a ajuda do mandachuva do bicho carioca, Castor, apesar das doações, não financiou a Mocidade, como já disse. A parte do bicheiro na Mocidade se resumiu às doações iniciais da quadra e uma ajuda pontual nos carnavais de 1986 e 1987. Dois pesos e duas medidas: apesar de a figura controversa de Castor poder contaminar a imagem da Mocidade, de acordo com Paulo, a escola precisava de um empurrão financeiro no início, deixando claro, contudo, que a Mocidade não era financiada por Castor ou pela Mocidade de Padre Miguel. Paulo era jornalista e sabia do poder da imprensa na opinião pública. Era preciso cautela.

Apesar das matérias em jornais na expectativa da vinda do contraventor para o batismo, a Mocidade carioca acabou não batizando a daqui. Castor, além da ajuda para o carnaval de 1986 e 1987, chegou ainda a abrir as portas para 30 artesãos gamenses irem aprender a técnica de Padre Miguel de confecção de fantasias e carros alegóricos. Entretanto, as relações entre as escolas acabaram

¹¹ Sigla para a moeda Cruzeiro.

¹² Com a conversão em reais, o valor gira em cerca, na data de escrita deste livro, de R\$ 18,9 mil.

¹³ Com a conversão em reais, o valor gira em torno, na data de escrita deste livro, de R\$ 89,3 mil.

ali. A Mocidade do Gama trilhou caminhos próprios, se distanciando da sua congênere carioca. Cenário também cômodo para Padre Miguel, que acabou não indo atrás da Mocidade para mais relações, fossem elas comerciais ou por afinidade. Há quem diga que existe uma relação de batismo entre as Mocidades, mas nunca houve batismo. Quem veio batizar a Mocidade, na verdade, foi a escola de samba Camisa Verde e Branco de São Paulo.

No final dos anos 80 e início dos 90, a Mocidade comprava muito material em São Paulo, e deste modo começou a aproximação com as escolas daquele estado. Quando os diretores da Mocidade viajavam para SP para realizar compras de materiais, aproveitavam e iam ao ensaio de alguma escola; ficavam de um dia para o outro, também prestigiavam ensaio de outra agremiação, e nesse caminho apareceu a Camisa Verde. O convite para o batismo foi feito pela Mocidade e a Camisa aceitou. O batismo aconteceu por volta de 1993, coincidência ou não, ano em que Castor foi preso pela segunda vez.

Você deve estar se perguntando os motivos do batismo. Lá vem. O batismo de uma escola de samba se constitui em uma “bênção” de uma escola para outra, surgindo um laço entre madrinha e afilhada. A escola afilhada vê na madrinha um exemplo a seguir, na maneira de fazer samba, de fazer carnaval. Por exemplo, o Salgueiro (RJ) é apadrinhado pela Mangueira (RJ); Portela (RJ) é a escola madrinha da Beija-Flor (RJ) e União da Ilha do Governador (RJ), para citar algumas. E além da relação orgânica, a escola madrinha ajuda a afilhada em algum aspecto financeiro, fornece instrumentos, ensina o bailado da porta-bandeira, traz ritmistas para aulas, enfim, a ajuda que for necessário e que a escola madrinha puder fornecer. Aliás, o batismo é tão comum no meio do samba que não acontece só nas escolas de samba. Beth Carvalho, por exemplo, é madrinha de vários sambistas como Zeca Pagodinho (este sendo padrinho de Dudu Nobre), da turma do Cacique de Ramos¹⁴, Bezerra da Silva e alguns mais. Foi Beth, nesse sentido, que abriu as portas para estes artistas, gravando suas canções e os colocando em evidência. A sambista é conhecida, aliás, como a Madrinha do Samba. Pois bem, as escolas apadrinhadas fazem o convite de batismo para as possíveis madrinhas e no caso da Mocidade do Gama, a Camisa Verde e Branco foi convidada e aceitou o pedido da escola brasiliense.

¹⁴ Bloco carnavalesco da região de Ramos, Rio de Janeiro, que se tornou um caldeirão do samba, por meio de rodas de samba em sua sede, acontecendo embaixo de uma tamarineira, revelando grandes artistas como Arlindo Cruz, Almir Guineto, Jorge Aragão, Sombrinha e outros.

A cerimônia é um momento solene dentro do samba e segue um modelo, assim como rituais de batismo entre os humanos. No batismo da verde-e-branco do DF, os componentes da agremiação paulista, como Baianas, bateria e casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira¹⁵, vieram para a quadra da Mocidade do Gama para o rito. Os casais de MS e PB de ambas escolas se apresentaram, as baterias batucaram, em demonstração de ligação entre as escolas. Uma baiana adentrou a quadra derramando água benzida por uma mãe de santo. Vale mencionar, inclusive, que o sincretismo — analogia entre Orixás e Santos católicos que permitia aos escravizados continuar sua fé em tempos de opressão de religião de matriz africana pelos brancos no Brasil colonial — é elemento abundante na figura das escolas de samba, mesmo que a escola em questão seja uma escola de samba bastante recente de uma cidade há pouco sexagenária. Todo o processo foi acompanhado entre alguns toques mais ritualísticos e marcados feitos pela bateria madrinha. O momento que sacramentou o batismo foi a colocação de uma roseta que contém o brasão da escola madrinha na ponta do mastro do pavilhão da Mocidade. A partir dali a Camisa Verde e Branco passou a ser a escola madrinha da Mocidade do Gama.

Apesar das formalidades, a ligação de madrinha e afilhada entre as escolas foi curta. A Mocidade do Gama chegou a estabelecer uma breve relação comercial com a escola paulista, que, por sua vez, deu uma força em uma coisa ou duas em relação a material, mas foi isso. Essa relação durou apenas um ano. Mais um amor de carnaval neste Brasil.

Voltando ao carnaval de 1986, a Mocidade saiu com mais de 400 componentes, espalhados por 20 alas e cinco carros alegóricos. Mas para os jurados, as inovações que a Mocidade preparou não foram muito entusiasmantes. A escola, para frustração da diretoria, bateu na trave: ficou no vice-campeonato do Grupo B, logo não subiu para o Grupo Especial, mas sua bateria, comandada pelo mestre Dudu, tirou o fôlego da plateia, e o casal de MS e PB, os irmãos Maurício de Oliveira Martins e Márcia de Oliveira Martins, de 15 e 18 anos, respectivamente, também fizeram o público vibrar e inauguraram o peso que o casal da Mocidade teria dali para frente. Os irmãos eram netos do mestre de bateria do Salgueiro (RJ), Mestre Fuleiro, figura histórica dentro da escola, lembrado em sambas da agremiação carioca até os dias de hoje. Ali começou a mística da bateria nota 10 da Mocidade que virou o cartão-postal da escola, assim como sua congênere carioca, que também era famosa por sua bateria.

¹⁵ Devido ao alto número de citações do casal de Mestre-sala e Porta-Bandeira neste trabalho, ele será referenciado como MS e PB.

Aliás, o samba-exaltação¹⁶ da Mocidade de Padre Miguel, “Salve a Mocidade”, faz alusão a esse elemento da escola e o eterno Mestre André:

*Lá vem a bateria da Mocidade Independente
Não existe mais quente¹⁷
Não existe mais quente
É o festival do coro
É a alegria da cidade
Salve a Mocidade
Salve a Mocidade
Salve a Mocidade
Salve a Mocidade
Mestre André diz todo dia¹⁸
Ninguém segura a nossa bateria
Padre Miguel é a capital
Da escola de samba
Que bate melhor no carnaval*

Paulo Roberto alegou que os jurados, comprimidos em apenas um ponto da avenida, naquele ano no Eixão, não teriam capacidade para julgar a escola durante todo seu desfile. Além disso, o presidente ainda disse que os jurados chegaram na avenida apenas momentos antes do desfile, o que também foi motivo de revolta geral dos presidentes das escolas do DF.

¹⁶ Samba que a escola de samba tem para exaltar a própria agremiação. Além de ser fortemente associado à escola, sendo tocado sempre nas quadras e por onde a instituição passa, também é executado antes do desfile, no ‘esquentar’, que acontece como aquecimento antes do desfile “à vera”. A Mocidade Gamense não conta com um samba-exaltação.

¹⁷ Apelido da bateria da Mocidade de Padre Miguel.

¹⁸ Depois da morte de Mestre André, em 1980, é comum que esse verso seja cantado como “Mestre André sempre dizia”.

tentando descansar entre restos de fantasias e adereços espalhados pela sala. E que a escola ainda não tem terreno próprio e nem sede, e as fantasias, carros alegóricos e todos os adereços são guardados nas próprias residências dos integrantes da escola.

Entre as críticas que faz ao carnaval de 86, Lafren volta à mesma teia: "Continuamos pedindo um terreno ao governo", ao mesmo tempo em que se mostra solidário à ideia de Manoel Brigadeiro de se construir em Brasília o "Samb Brasília", uma espécie de apoteose onde haveriam barracões para todas as entidades carnavalescas e local próprio para o desfile das escolas e blocos. Além disso, o presidente da Império do Cruzeiro, que este ano saiu com mais de 80 componentes, sugere que a concentração das escolas deveria ser mais isolada, evitando o afluxo de público nos minutos que antecedem o desfile, "pois fica tudo muito confuso e sem condições de reorganizar as alas", afirmou.

Para Hélio dos Santos, presidente da Aruc, o maior problema do carnaval de Brasília continua sendo o descaso das autoridades: "Se o governador e o diretor do Detur não gostam de carnaval, tudo bem, mas então não deveriam nomear uma comissão organizadora realmente eficiente, que desse o sangue para o sucesso do carnaval".

De acordo com ele, o Detur apenas "marca presença nos desfiles, mas não se compromete com a realização do carnaval". Comprovando seus argumentos, Hélio cita os vários furos do carnaval deste ano: a arquibancada desmontada no domingo, a falta de jurados poucos momentos antes do desfile, e o atraso dos ônibus encarregados de buscar os sambistas nas satélites e trazê-los para o Eixão: "Como é que vão fazer o teste das arquibancadas justo no domingo, com o carnaval a pleno vapor? Eles tinham um ano para testar as arquibancadas e somente muito desinteresse pode explicar o que aconteceu", desabafa Hélio, aproveitando para ilustrar seus argumentos com o caso do ônibus perdido, que ficou encarregado de buscar a Mocidade Independente do Gama, mas foi parar na Ceilândia, deixando os sambistas nervosos e atrasando o desfile.

Deixando de lado as críticas e desabafos, as escolas já marcaram locais e horários para a "Festa da Vitória", na quinta-feira. A Acadêmicos da Asa Norte se reunirá na 410 Norte, bloco D, loja 48, a partir das 18 horas. A Aruc já reservou muito chop e samba para depois das 19 horas em sua sede, e o Império do Cruzeiro também promete mais uma noite de carnaval aos foliões entre as quadras 1385 e 1407 do Cruzeiro Novo. E só aparecer e curtir, porque depois de quinta, só no ano que vem.

Reclamação das escolas no carnaval de 1986
(Correio Braziliense de 12/02/1986/Reprodução)

Ninguém sabia, mas também houve um acontecimento quase premonitório para um dos momentos mais tristes da história da escola: o atraso de um dos ônibus que deveria pegar os sambistas da Mocidade e levar à avenida — episódio que se repetiu décadas depois, dessa vez fatal para o desfile; história para depois. O transporte, em 1986, acabou parando na Ceilândia, tendo que voltar para o Gama e depois, enfim, partir para o Eixão. O atraso do ônibus deixou os componentes à flor da pele, mas assim que chegaram à avenida, o nervosismo migrou para a ansiedade da estreia.

Para ilustrar a confusa trajetória, pense em um triângulo equilátero, aquele em que todos os lados têm a mesma medida. A distância entre o Plano Piloto e a Ceilândia é de quase 30 km; a distância entre o Plano e o Gama fica em torno de 35 km; e a distância entre Ceilândia e Gama é de aproximadamente 30 km. Ou seja, a distância é praticamente a mesma entre as três Regiões Administrativas. Para um ônibus que iria para uma RA, parar em outra — dobrando a quilometragem de retorno — e depois ter que ir para a que ele deveria ter ido inicialmente e, por

fim, voltar para o Plano, urbe de onde ele saiu em primeiro lugar, é, de fato, uma demora que aflige o coração dos que estavam esperando o coletivo. Mas passada a tristeza e frustração, a Mocidade olhou para frente e preparou um carnaval de arrasar para o ano de 1987.

Botando Banca na Avenida

Contradições à parte, a Mocidade em 1987 resolveu homenagear logo quem? Castor de Andrade e o Jogo do Bicho. Apesar do batismo da verde-e-branco de Padre Miguel não ter acontecido, a Mocidade pensou em prestigiar aquele que deu um empurrão inicial na escola, ajudou no carnaval de 1986 e estava em vias de oferecer mais um auxílio naquele ano, ainda mais quando a notícia do enredo “Vale o que Está Escrito” chegou nos ouvidos de Vila Vintém. Talvez a explicação para a homenagem, mesmo com Paulo dizendo anteriormente à imprensa que queria desvincular o nome da Mocidade do Gama com Castor, é que o presidente queria apenas o bônus dessa relação. Se fosse uma associação de imagem tão ruim, por que a Mocidade resolveria homenagear o Bicho e Castor? Esse provavelmente era um jogo de cabo de guerra, em que, algumas vezes, Paulo estava no campo da “independência” da Mocidade e buscava mostrar sua retidão moral enquanto presidente; e em outro momento lutava em um campo da escola que precisava ter uma relação mais amistosa com a Mocidade carioca e Castor. Para o carnaval de 1987, portanto, a Mocidade estava no campo amistoso com o Bicho e foi para a avenida com o enredo “Vale o que está escrito”.

“Vale o que está escrito” era uma referência a um dos principais argumentos da cúpula do Bicho carioca, principalmente vindo de Castor, sobre a atividade do bicho não ser crime, pois no Código Penal está escrito que a atividade é apenas contravenção, assim, valia o que estava escrito na lei. A ideia da escola era mostrar a história do jogo no país e apontar também, de acordo com a diretoria daquele período, que, do ponto de vista social, a ilegalidade do jogo parecia injusta pois empregava muitas pessoas pelo país. O samba escolhido já tinha sido distribuído por todo o Gama, tocando em rádios locais, bares, botequins e lanchonetes espalhadas pela urbe.

A Mocidade foi determinada e irritada para avenida em 1986 por conta da última colocação em 1985, ainda como Independentes de Brasília, e em 1987, a escola estava ainda mais colérica com o vice-campeonato do certame que dava praticamente como vencido. Com mais um ano no Grupo de Acesso, a escola sentia que já estava fazendo hora extra na Série B do samba. Para não deixar o campeonato escapar dessa vez, a Mocidade tinha que ir com tudo, com mais inovações, com mais gente e com mais garra. Não havia plano B, era subir ou nada. Para colocar um carnaval de primeira — literalmente — no Eixão, Paulo Roberto precisava de muito mais recursos do que teve no ano anterior. Afinal, a

escola recebeu uma verba de Cz¹⁹\$ 58 mil (R\$ 36 mil) para o carnaval de 1987, do governo do DF, e já tinha feito um investimento de Cz\$ 100 mil (R\$ 62,6 mil) com ajuda de sua homônima de Padre Miguel, este valor sendo, no entanto, apenas uma fração do valor total que a escola esperava gastar naquele carnaval.

Para se ter ideia, a subvenção liberada para o carnaval do Rio de Janeiro, em 1987, foi de 2,5 milhões de cruzados, quase 1,5 milhões de reais. Já para o carnaval de 2017, a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro destinou R\$ 2 milhões para cada escola do grupo especial, enquanto a subvenção no último carnaval do DF, 2014, foi de R\$ 5,9 milhões para todas as escolas — considerado um valor recorde pela Secretaria de Cultura.

O presidente pensou, então, em organizar um jogo de futebol amador no Bezerrão que tivesse um grande público, revertendo, assim, toda a renda obtida para a escola. Os times, ele já tinha na cabeça: o Palmeiras do Gama, time amador que Paulo também era presidente, contra um time formado por atores da TV Globo. Além do super jogo, a Mocidade estava promovendo uma série de eventos na quadra como o Pagodão da Mocidade, que acontecia aos sábados e domingos ao meio-dia, sempre com uma refeição como galinhada, cozido, feijoada, mocotó e angu à baiana, além dos tradicionais ensaios e eventos pontuais que aconteciam no meio da semana.

O lazer no Gama, antes da Mocidade, se concentrava basicamente com os jogos do time de futebol. Porém os jogos acontecem, quando muito, duas vezes na semana. Com o surgimento da Mocidade, uma opção mais rotineira de eventos animou ainda mais os gamenses, fazendo do samba e do futebol os focos de entretenimento da comunidade por muito tempo. Ensaios, shows de artistas locais e nacionais, feijoadas, concursos e outros eventos passaram a fazer parte da rotina da cidade. Com tais eventos, a quadra passou a formigar de gente, deixando a agremiação popular. Mais uma vez a relação entre samba e futebol se mostrou presente no Gama fazendo a Mocidade e o time de futebol serem os responsáveis pelos fins de semana animados na cidade.

¹⁹ Sigla para a moeda Cruzado.



Show da ex-sambista carioca Jovelina Pérola Negra na quadra da Mocidade (Foto: Mocidade do Gama/Divulgação)

Paulo entrou em contato com o empresário Cláudio Rodrigues de Souza da antiga J.N. Stevan Promoções²⁰, do Rio de Janeiro, que representava vários atores da Rede Globo, e fez a proposta do jogo, o qual aceitou. Apenas de pagamento para Cláudio e os atores seriam Cz\$ 60 mil, (R\$ 37,3 mil). Dentre os atores que viriam à Brasília, se destacava Osmar Prado, que interpretava o personagem “Tabaco” na novela “das 9” (que antes era “das 8”) Roda de Fogo (1986-1987). Aliás, um boi, também de nome Tabaco, que entrou no investimento feito pela Mocidade para o jogo, seria sorteado no intervalo da partida, em meio à apresentação da bateria da escola de samba. O time dos atores, além de Osmar Prado, seria composto por Marcos Frota, Nuno Leal Maia, Paulo César Grande, Ricky, Mário Petraglia, Romeu Evaristo, Eliéser Mota, Stephan Necessian, Cosme dos Santos, Mário Cardoso, Antonio Pitanga, João Carlos Barroso e Dary Reis.

Negociação feita, era hora de organizar a partida. O jogo foi marcado para às 17h do dia 2 de fevereiro de 1987. A Mocidade havia investido mais de Cz\$ 100 mil no evento e contava com o apoio da Associação Atlética e Recreativa Rede Globo. A expectativa da Mocidade era vender 30 mil ingressos, ter casa cheia, abarrotada, com preço de 30 cruzados cada, estimando um lucro total de aproximadamente Cz\$ 700 mil (R\$ 435,1 mil), que seriam revestidos para a escola e o restante usado de caixa para um show, já marcado, naquele 30 de maio

²⁰ Não foi encontrada nenhuma informação sobre o estado atual da empresa. A citação foi publicada pelo Correio Braziliense em 29 de janeiro de 1987.

de 1987: a Mocidade traria para o Gama o grupo RPM, o cantor Raul Seixas e o bamba Almir Guineto.

No início da semana que seria realizada a partida, Paulo mandou as passagens de avião para os artistas, e agentes envolvidos, e reservou o Hotel Colorado em Taguatinga para hospedagem dos globais. Eles deveriam chegar sábado às 17h e sair para o jogo no domingo depois do almoço. No sábado, ainda pela manhã, todos os atores estavam confirmados, até mesmo Osmar Prado, que com o atraso nas negociações, era esperado para chegar apenas na manhã de domingo.

“Empresário de ator é acusado de golpe”, estampava o Correio Braziliense no domingo seguinte ao que seria realizado o jogo. No sábado à tarde, véspera da partida, o empresário Claudio cancelou tudo alegando que Paulo não havia enviado 50% da quantia total: Cz\$ 30 mil. Paulo disse que não havia nada disso no compromisso firmado com o empresário e que estava combinado o pagamento de 60 totais ao término da partida. Mas de nada adiantava para a Mocidade, não teve jogo algum e a renda almejada não foi obtida. Paulo registrou queixa na 1ª Delegacia de Polícia de Brasília e o planejamento da Mocidade teve que ser mudado. Patrocínios e ajuda de terceiros foram buscadas.

Empresário de ator é acusado de golpe

Manchete sobre a confusão no pagamento do jogo promovido por Paulo Roberto
(Correio Braziliense de 08/02/1987/Reprodução)

Mesmo com o episódio, a Mocidade foi para a avenida com mais gente em 1987: cerca de 700 componentes distribuídos em 15 alas e seis carros alegóricos. Na ala das baianas e na bateria foram investidos Cz\$ 150 mil (R\$ 93,2 mil) só nas fantasias. O carnavalesco daquele ano, Carlos Antônio, usou a criatividade para montar fantasias e adereços. A escola inteira estava virando noites na corrida contra o tempo para montar o carnaval. Mais de 30 pessoas estavam encarregadas de diversas atividades, mas não eram suficientes para dar conta do trabalho. Aliás, só depois que a Mocidade conseguiu ter mais recursos, com melhores colocações no Carnaval (chegaremos a esse momento) é que passou a conseguir contratar mão de obra suficiente.

No início da escola, período em que não havia estabilidade financeira e a própria escola não tinha muito recurso, tampouco seus componentes (pelo menos até a agremiação ter contatos qualificados no Rio de Janeiro), saídas tinham que ser encontradas para fazer o carnaval. Por exemplo: o material que sobrava para fazer os carros alegóricos era aproveitado para confeccionar as fantasias e adereços dos componentes. Contudo, nenhuma crise financeira influenciou no comprometimento da comunidade com a escola, talvez até a noção de uma escola pequena, popular, para a comunidade era o que despertava ainda mais carinho dos gamenses.

Sobre essa comunidade apaixonada, não só a mão de obra contratada para criar as alegorias, colar fantasia e tantos serviços mais, virava a noite no barracão²¹. Gente da diretoria, cargos importantes dentro da escola, colavam dedo ajudando com fantasias e o que mais fosse necessário. Esses cargos com nomes chiques não significavam muito no dia-a-dia, pois lá estavam todos trabalhando manualmente para a escola. Nas palavras de Silvão:

“A escola sempre foi uma irmandade, todo mundo ajudava como podia. A gente fazia tudo, na realidade. Recebia instrumento novo, a gente consertava, tirava um dia nessa tarefa, e era todo mundo mesmo. Ia lá, aparecia um serralheiro para ajudar em alguma coisa, uma costureira, um cozinheiro. Era uma irmandade. Perdem horas no barracão, o componente mais despreocupado com ensaios até o presidente, colando, cortando, bordando, ensaiando, porque todos querem que a escola saía com o nível mais próximo da perfeição”.

Dona Maria Geovana da Conceição Marques, 77 anos, ritmista da escola, que chegou à Mocidade nos anos 90 e inseriu a família na escola, como seu marido Raimundo (falecido), e as filhas Simone, Raquel, Sueli e a ex-rainha de bateria da Mocidade, Cristina Leite McAlpine, lembra e resume com graça o trabalho comunitário e árduo no barracão: “era tanta cola de sapateiro que a gente ficava até noiado”, diz rindo.

Uma ajuda necessária e fundamental no barracão era Dona Hilma Melo de Oliveira. Ela, o marido (Oliveira — Jota Mocidade — já mencionado brevemente na história das disputas de samba) e seus quatro filhos, Edilamar, Anderson, Clinger e Wendel, estavam em Belém (PA) há algum tempo e voltaram para Brasília na virada de 1987. Oliveira era sambista e compositor e Hilma era costureira; ambos já estavam no mundo do samba na capital paraense. Em contato com Paulo Roberto na volta para Brasília, à família foi oferecido morar no barracão, para cuidar das coisas, sendo compensada financeiramente,

²¹ Local onde se confecciona carros e fantasias, mas no caso do Gama e muitas escolas pelo Brasil, este é o mesmo local da quadra.

enquanto ainda aproveitavam o meio carnavalesco. Dos três filhos, pode-se destacar Edilamar e Anderson, que seriam posteriormente um casal de PB e MS referência na escola. Dona Hilma se tornou costureira-chefe da Mocidade e auxiliava quem fosse preciso dentro da agremiação, oferecendo um colchão para as crianças dormirem, passando um café, fazendo galinhada, ajudando quem precisasse, conhecia a todos e todos tinham carinho por ela; a anfitriã da Mocidade.

Em contraponto aos perrengues dos anos iniciais, hoje a mocidade consegue confeccionar quase todas fantasias e adereços só com mão de obra contratada. Essa mão de obra contratada, note-se, foi treinada na escola, as costureiras aprenderam a fazer na Mocidade, só que agora recebem pelo serviço.

“Ninguém ficava lá obrigado, poderia ir embora se quisesse, mas ficava porque queria”, diz Cristina, ex-rainha. Ela, por exemplo, nunca recebeu dinheiro como rainha, mas a irmã, Raquel, que saía como porta-bandeira, recebia. A vantagem de trabalhar sem compromisso é que poderia chegar a hora que quisesse, fazer o quanto quisesse e ir embora quando quisesse. Ainda colaborando com a escola, ainda servindo, ainda ajudando, mas sem horário para cumprir. Mas o “trabalhar sem compromisso”, como conta Cristina, não era de maneira nenhuma agradável ou “molezinha”, principalmente naqueles últimos dias antes do carnaval. “Bastava passar no barracão só para ver o que estava acontecendo e alguém te fitava, já te puxava pela mão e colocava cola e pano na sua mão porque ainda estavam faltando 40 fantasias para terminar. Você ia para dar um alô e ficava dois dias”, conta Cristina. E, diz ela, não foi nem uma nem duas vezes que isso aconteceu. Certa feita, Cristina teve que ajudar a cortar milhares de borboletas porque o prazo estava apertado e não tinha mais ninguém para auxiliar a costureira. Também só passando para ver a bateria, ou qualquer outra coisa, a ex-rainha lembra da costureira a chamando:

— Ô, meu amor, me ajuda a cortar essas borboletas aqui, pelo amor de deus!

— Claro, eu ajudo — com a consciência totalmente tomada pelo compadecimento. — Quantas?

— Duas Mil e Quatrocentas.

— ...

— Brigada!

De acordo com Dona Geovana, era puxado mas era prazeroso. Tudo para ver a escola dar orgulho na avenida, ainda mais quando o povo via seu trabalho ali materializado. Apesar do panorama tanto de recurso quanto de estrutura ter

melhorado ao longo dos anos, o desfile ser fruto do trabalho da comunidade é uma característica da escola até hoje.

Já na iminência do desfile “Vale o que está escrito”, um personagem muito importante na história da escola chegou ao barracão: Pedro Teixeira. Pedro nasceu no Maranhão, mas mora no Gama desde 1980. É tecnólogo em Gestão Pública e produtor cultural. Desde que chegou à Mocidade passou pelos mais diversos cargos como secretário geral, diretor financeiro, vice-presidente e presidente, participando ativamente de todos os carnavais da Mocidade desde sua chegada à escola.

Enfim, o grande dia: a Mocidade ia tentar seu primeiro título em apenas dois anos de existência. Nervosismo, correria, muita coisa ainda para terminar, coisas essas que só seriam concluídas na avenida — uma constante na história da escola. Já no Eixão, havia pessoal empurrando carro alegórico para a concentração, galera tomando choque na parte elétrica, inclusive Pedro Teixeira, novato nesse meio. No entanto, três carros não conseguiram entrar na avenida; dos seis que a escola tinha, apenas metade realizou o desfile. Mas muitas plumas, fruto de muito trabalho, e criatividade de Carlinhos, o carnavalesco, ajudaram a contar a história do jogo do bicho no país para o público do DF. Ademais, a inovação que a Mocidade colocou na passarela foi o segundo casal de MS e PB²² serem crianças: Edilamar e Anderson, ambos de apenas seis e oito anos, respectivamente. Não que o primeiro casal fosse adulto, Maurício e Márcia, que já tinham encantado o público no desfile de 1986, tinham, agora, 16 e 19 anos, respectivamente. Aliás, esses dois casais viriam a ganhar vários prêmios de melhores casais de mestre-sala e porta-bandeira.

Apesar do problema com os carros, o samba, o casal de MS e PB e a bateria conseguiram embalar muito bem a Mocidade na avenida. A apuração do carnaval foi realizada no salão do ginásio Cláudio Coutinho. A trupe da Mocidade se mandou para lá acompanhar o evento e torcer. Os mais racionais acharam que novamente não seria dessa vez, mas, no fim, deu certo, o trabalho foi recompensado: a Mocidade foi campeã do segundo grupo! Quando houve o anúncio que a Mocidade fora a campeã daquele carnaval, Paulo não aguentou a emoção no peito e desmaiou no meio do salão. Estatelou no chão de barriga para cima e logo foi acudido. Rapidamente o presidente foi apanhado pela equipe médica e levado ao Hospital de Base. Na ausência de Paulo, Carlinhos, o carnavalesco daquele ano, levantou o troféu de campeão.

²² É comum em um desfile, as agremiações colocarem mais de um casal para entrar na avenida. Hoje não é raro de se ver três ou até quatro casais, que entram na passarela a cada tantas alas.



Paulo Roberto desmaia ao anúncio que a Mocidade fora campeã do carnaval de 1987, pelo Grupo B (Correio Braziliense de 06/03/1987/Reprodução)

A taça chegou ao Gama por volta das 18 horas daquele 5 de março, quinta-feira, e houve desfile com carreatas, buzinação e muita alegria. Cerca de 10 mil pessoas lotaram o estacionamento e a quadra da escola. A empresa Skol distribuiu cerca de 400 grades de cervejas e doze barris de chope para a patuscada gamense. Finalmente o título havia chegado e muita felicidade permeava a comunidade. A tarefa da Mocidade agora era não cair e continuar dando alegrias ao Gama.

Com Dinheiro ou Sem Dinheiro, Eu Brinco

Finalmente, Grupo Especial! Enfim, a ambição da Mocidade fora concretizada no carnaval de 1987. A escola chegou ao quadro das melhores, onde, segundo seus dirigentes, a agremiação pertencia e não deveria mais sair. Contudo, mesmo com a empolgação de recém-promovida, a escola tinha os pés no chão. Paulo sabia que havia outras escolas na frente da Mocidade como a Aruc e a Acadêmicos da Asa Norte. Para não trazer pressão tanto da imprensa quanto da própria comunidade para a escola ser constantemente campeã, posto que uma agremiação fundada há apenas dois anos já tinha conquistado o Grupo de Acesso e subido para o Grupo Especial, o presidente esquivou-se e colocou a obrigação de ser campeã na Aruc. “Como representante de 200 mil pessoas, a Mocidade tem a obrigação de surpreender”²³, disse Paulo ao Correio.

Ainda assim, com a promoção para o primeiro grupo, a Mocidade tinha mais visibilidade, componentes, oportunidades e mais recursos, já que a subvenção para as escolas do Grupo Especial é maior do que as do Grupo de Acesso, além da verba de fora que passou a vir com maior destaque da escola no cenário gamense e da capital. Por meio de sua bateria e seus premiados casais de porta-bandeira e mestre-sala, a Mocidade passou a ser convidada para eventos como aniversários de cidades, como Luziânia e Valparaíso — itinerário que se estenderia com a bateria ficando mais forte no futuro —, teve mais associados (para o carnaval de 1988, a escola contava com 1,1 mil associados) e mais eventos em sua quadra.

O primeiro projeto que a Mocidade firmou parceria foi o Recriação, do então Ministério da Previdência e do antigo Departamento de Educação Física, Esportes e Recreação (Defer) — hoje Complexo Aquático Cláudio Coutinho. Com o projeto as crianças iam para a quadra da escola aprender esportes e ocupar o tempo livre com lazer e samba. Uma parte dos inscitos ficava de manhã até o almoço, e a outra, na parte da tarde. A Mocidade tinha crescido e a comunidade reconhecia esse potencial, tanto que, segundo Paulo Roberto, a própria população sugeriu um pagamento de mensalidade, o que foi feito: os associados passaram a pagar mensalmente 100 cruzados, cerca de vinte reais, no fim de 1987.

Para 1988, a escola resolveu levar à avenida o enredo “Até Parece 1º de Abril”, que foi criado como sátira e crítica para a conjuntura econômica vivida no país naquele período. Novas moedas sendo lançadas no país a cada momento

²³ Fala de Paulo Roberto para o Correio Braziliense na edição de 11 de outubro de 1987.

para controlar a inflação que castigava o poder de compra dos brasileiros²⁴, a dívida externa nas alturas e o cidadão não conseguindo fazer planos por conta do descontrole econômico compunha a insatisfação da sociedade brasileira diante o cenário econômico do Brasil durante os anos 80 e 90. Com novos projetos, novas moedas e intervenções, o governo do Brasil dizia que a hiperinflação se amenizaria e tudo voltaria à normalidade. Era essa promessa com a qual a Mocidade resolveu brincar seu carnaval.

Meta do pacote econômico é reduzir inflação para 12%

MARCO HENRIQUE



O presidente José Sarney está convencido de que a inflação será reduzida a 12 por cento ao mês, no prazo de 90 dias após a implantação das medidas que o Governo anunciará na segunda semana de janeiro. A revelação foi feita ontem pelo ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, que vem participando das reuniões para discussão do pacote, que inclui a extinção de vários ministérios e órgãos do segundo escalão, além da privatização de empresas estatais. Antônio Carlos admitiu que "se adotadas medidas duras que poderão provocar uma pequena recessão". Ao deixar a sua residência na Praia do Cahau, em São Luís, o Presidente garantiu que, a partir de segunda-feira, o Governo já iniciará a prática de só gastar os recursos arrecadados pelo Tesouro Nacional. Além de reduzir as despesas, a extinção de ministérios, segundo o Presidente, racionalizará a máquina administrativa. Sarney admitiu ser impossível despachar com 27 ministros sem se transformar num "presidente burocrático".

Matéria do Correio sobre promessas do governo federal para conter inflação (Correio Braziliense de 28/12/1988/ Reprodução)

Alta de preços derrotou três planos do Governo

Ainda não se passaram dois anos desde a implantação do Plano Cruzado, o primeiro implementado pelo Governo para vencer a inflação e sanear as finanças, e o presidente José Sarney já se prepara para mudar a ordem econômica do País, através de um novo pacote. Nesse período, o Governo foi várias vezes peia inflação, apesar de ter usado as armas proporcionadas inicialmente pelo Cruzado, e depois pelo Plano Bresser e a política feijão-com-arroz do ministro Mailson da Nóbrega.

Em fevereiro de 86, quando a inflação acumulada dos últimos meses estourou em 255 por cento, o presidente Sarney decretou o choque heterodoxo e a desindexação, lançado o Plano Cruzado, cuja medida mais popular foi a mudança da

moeda oficial brasileira, que passou de cruzeiro para cruzado. O Cruzado morreu, nasceu o Plano Bresser em julho de 87, abordando as questões da retomada dos investimentos, da recomposição das reservas externas do País, revitalização dos saldos comerciais, controle dos meios de pagamento, redução do déficit público e recomposição da capacidade de poupança do Governo.

Este plano também teve vida curta e foi substituído pela política feijão-com-arroz, cujas metas são a redução do déficit público e a estabilização da inflação. O ministro Mailson da Nóbrega conseguiu alterar positivamente a maioria dos indicadores econômicos, mas foi vencido pela inflação. Abaixo, as principais metas dos planos lançados até agora.

Matéria do Correio de 26/12/1988 (Correio Braziliense/Reprodução)

²⁴ O governo brasileiro lançou, para controlar a inflação do Cruzeiro (Cr\$), o Cruzado (Cz\$), que ficou vigente de 28/02/1986 a 15/01/1989. Logo em 16/01/1989 trocou o Cruzado pelo Cruzado Novo (NCz\$), que existiu até 15/03/1990. Depois do NCz veio o Cruzeiro (Cr\$) em 16/03/1990 e durou até 31/07/1993. Em seguida, o governo lançou Cruzeiro Real (CR\$) em 1/08/1993, que circulou até 30/06/1994, sendo trocada pelo atual Real, lançado em 01/07/1994.

A inflação impactava todos os segmentos da sociedade, inclusive o carnaval. Por exemplo, no primeiro carnaval da Mocidade, em 1986, o governo destinou Cr\$ 17 milhões (R\$18,9 mil) para cada escola do Grupo B, o que, segundo Paulo, representava um aumento de 222% em relação à subvenção do ano anterior. No entanto, o material utilizado no carnaval havia subido cerca de 500%, o que ilustrava a incapacidade do brasileiro de fazer planos como comprar uma casa ou um carro.

Aliás, para o carnaval de 1989, ano seguinte ao do enredo “Até Parece 1º de Abril”, o GDF, por meio da Secretaria de Comércio e Turismo, anunciou que iria liberar a subvenção, em dezembro de 1988, de acordo com a inflação do mês de outubro, já defasada com a rapidez das mudanças na inflação. Para aquele carnaval, a Mocidade havia encomendado, em outubro, uma quantidade de tecido com o valor de Cr\$ 1,7 milhões (R\$ 228 mil), mas até a subvenção ser liberada, dois meses depois, a mesma quantidade de tecido já estava no valor de Cr\$ 2,15 milhões (R\$ 288 mil).

Para o Correio Braziliense, Paulo Roberto desabafou: “É um absurdo, um quilo de brocal, na Árvores de Natal, Comércio e Indústria, na Horário Gurgel, no Rio de Janeiro, passou de Cz\$ 14 mil (R\$ 1,8 mil) para Cz\$ 25 mil (R\$ 3,3 mil) em um mês. Estamos perdendo a cada dia”. Outros dirigentes, como Hélio dos Santos, da Aruc, também estavam insatisfeitos com a maneira que a Secretaria estava tratando o carnaval, tanto que a tradicional escola do Cruzeiro ameaçou (apenas ameaçou) a não sair naquele carnaval de 1989. A realidade econômica no Brasil estava despertando vozes críticas em todos os segmentos da sociedade civil, inclusive no carnaval.

Voltando para o primeiro de abril da Mocidade, representante da escola foi ao Pará buscar um carnavalesco com 20 anos de experiência para colocar o tema na avenida. Manoel Augusto foi fundador da Associação Paraense de Agremiações Carnavalescas e Carnavalesco em Belém (PA). Porém, no meio do desenvolvimento do desfile, numa das viagens Brasília-Belém, Manoel sofreu um acidente de carro e ficou em coma profundo, internado no Hospital de Castanhal (PA). Para substituí-lo, seu colega Cláudio Rêgo, também belenense, ficou a cargo de terminar as preparações da Mocidade para 1988. Cláudio resolveu instituir o modo de fazer carnaval em Belém, na Mocidade. O carnavalesco enxugou a escola: preparou um desfile com menos carros alegóricos, menos tripés²⁵, menos componentes nas alas, mas com mais luxo, que fosse possível realizar com leveza e muitas plumas. Essa redução nos números da avenida significou a intenção da Mocidade de levar mil componentes — quantia ainda assim grande, considerando 400 componentes de 1986 e 700 em 1987 — em 12 alas e no máximo cinco carros alegóricos.

²⁵ Elementos cenográficos sobre rodas, mas menores que um carro alegórico.

Logo que Manoel chegou, antes do acidente, com sua experiência em uma cidade em que o desfile das escolas já era mais luxuoso que o daqui, disse que o carnaval de Belém não era melhor que o de Brasília. Segundo o carnavalesco, as cidades apenas estavam em “estágios diferentes”, frase repetida por Cláudio, seu substituto. Por quê? Até hoje, o carnaval de desfile de escolas de samba em Brasília está atrás, em termos de estrutura, de visibilidade, de investimento e de tamanho, de outras praças como Belém, Vitória, Porto Alegre e Manaus, por exemplo.

Segundo Pedro Teixeira, algumas cidades tiveram uma migração de profissionais de carnaval saindo do Rio de Janeiro, tais como as da divisa do Rio com Minas, São Paulo e Vitória. Outro motivo seria a constatação dos dirigentes dessas capitais de que o carnaval de escola de samba é como um chamariz turístico, algo que Brasília só compreendeu recentemente. Segundo a subsecretária de Difusão e Diversidade Cultural da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal, Sol Montes, o governo começou a pensar no carnaval desta maneira: já há uma possibilidade do carnaval acontecer fora de época para que seja encarado como um produto turístico como tem feito Porto Alegre e Vitória, por exemplo. Pedro diz que a visão da secretária é muito benéfica para a festa da capital, pois foi justamente por esse processo e consciência que outras capitais com festas mais consolidadas passaram. Nas palavras de Pedro:

“No início dos anos 70, o carnaval de São Paulo era pior do que os últimos que Brasília apresentou, mas teve investimento, parceria com governo, setor privado envolvido e a coisa cresceu. Em Brasília não tem investimento, não tem grandes indústrias, a matéria prima não é daqui [este era o caso de São Paulo, que com uma grande indústria, por muito tempo era o pólo de fornecimento de materiais para o Rio de Janeiro, principalmente]. Aqui não tem profissionais do carnaval para confecção, para figurino. Não é tão perto do Rio como é São Paulo, o que facilitou a migração. Nosso carnaval ficou muito comunitário. Aqui tem muitos cariocas, muitos paulistas, uma galera que gosta de carnaval, então resolveu fazer carnaval aqui com a Aruc, a própria Independentes, o carnaval começou a crescer, mas ainda muito comunitário. E sem a visão de atrair turista, não adianta, o governo só investe no carnaval de forma mais relevante quando ele vê que a festa pode ser uma atração de turista, polo turístico, gerando renda, gerando emprego, circulação de recurso. Brasília ainda não foi vista pelas autoridades como um carnaval que, caso cresça, pode ser um pólo de atração turística, por isso não tem os investimentos como outros lugares tiveram, como no Rio, em Salvador, em Recife. Aqui pode se tornar um polo de atração turístico. Inclusive, no Centro-Oeste, aqui por perto, não tem desfile grande. Goiânia não tem, as cidades de Minas perto daqui não tem, então se Brasília tivesse carnaval forte, todo mundo que gosta de carnaval, dessa grande região que circula Brasília, viria para cá curtir um carnaval bacana, deixando aqui suas receitas e movimentando a economia. O nosso

carnaval ainda é muito da comunidade, com foco no lazer da comunidade. Tem seu lado positivo, mas a gente sofre com a comparação sobre a magnitude de outros desfiles que acontecem em outras praças, isso acontece porque as pessoas não conseguem enxergar que lá tem investimento pesado para atrair turismo e aqui não”.

Bom, além dos carros e da parte estética do desfile, o samba-enredo precisa ser certo na mensagem. O samba daquele ano não falhou. Aqui vai um extrato da canção satírica que os gamenses entoaram no Eixão em 1988:

*“Brasil não deve mais ao estrangeiro
nosso cruzado virou força mundial
agora sem a corda o pescoço
grana no bolso
o pobre virou barão
cada um ganha o que quer
para comprar o que quiser
sem juro nem correção”*



Comissão de Frente da Mocidade no desfile “Até parece 1º de abril” (Foto: Mocidade do Gama/Divulgação)

Apesar do alto astral e da empolgação da Mocidade com o enredo, 1988 não foi o ano da agremiação. Com erros na harmonia, abrindo buracos entre as alas (o que custa pontos), e carros mal acabados, a escola decepcionou. O Correio Braziliense escreveu que “a escola não repetiu a qualidade dos outros desfiles”. Nem mesmo os casais de mestre-sala e porta-bandeira e a bateria nota 10 — em três desfiles (1985, 1986, 1987) — conseguiram levar a escola ao título, ficando em quarto lugar naquele ano. Os investimentos depois do campeonato de 1987 na agremiação alviverde não foram suficientes para tornar a escola digna de Marquês de Sapucaí²⁶. Afinal o dinheiro injetado na Mocidade era maior para a realidade da escola, mas ainda estava inserido no cenário de uma escola recém-fundada, em um carnaval comunitário, que até hoje, como apresentado, ainda não tem a força de outras capitais do país.

Para 1989, a escola escolheu levar o Pará para a avenida com o enredo “Do Círio ao Siriá, Tudo é Festa no Pará”. Porém não foi o carnavalesco Cláudio Rêgo que desenvolveu o enredo, mas o secretário de Cultura do Pará, João de Jesus Loureiro. Além da homenagem ao Círio de Nazaré²⁷, o enredo homenageou a cultura paraense como um todo: lendas como Cobra-Grande, sabores como tucupi e açaí, cheiros como o patchouli²⁸, danças como o carimbó, e paisagens como o Marajó foram condensadas por João para a Mocidade apresentar na avenida.

A intenção de Paulo, além de homenagear o estado do norte do país, era apresentar um carnaval aos moldes de Belém: com luxo, muitos esplendores²⁹, cor e materiais alternativos. Apesar de toda a diferença que a escola iria mostrar, Paulo assumia nas entrevistas no período prévio do carnaval que aquele ano a escola não levaria o título novamente, mas que iria apresentar novidades aos jurados do carnaval.

Primeira escola a entrar naquele ano, a diretoria da Mocidade resolveu derramar uma garrafa com patchouli na avenida para perfumar seu desfile, mas o início do carnaval demorou tanto tempo para começar, que o perfume já

²⁶ Avenida em que os grupos Especial e Série Ouro (atual nome do grupo B) desfilam no Rio de Janeiro.

²⁷ Manifestação religiosa que acontece em Belém do Pará em devoção à Nossa Senhora de Nazaré. A festa é a maior manifestação religiosa do mundo – e uma das maiores do planeta –, reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial pelo Iphan e Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco.

²⁸ Erva medicinal encontrada no norte do país que possui forte fragrância.

²⁹ Aparato, também chamado de Costeiro, que alguns componentes levam às costas enfeitados com plumas que se elevam além da cabeça.

havia desaparecido quando a Mocidade entrou. A comissão de frente, que Paulo prometia vir inspirada no bumba-meu-boi, não apareceu, logo, 12 passistas da ala de capoeiristas da escola foram apanhados às pressas para suprir o sumiço da comissão. Não há registro sobre os motivos desse repentino desaparecimento. Passada a comissão de frente “à gambiarra”, era vez do abre-alas, que também não apareceu como deveria, o carro não estava totalmente finalizado. Além disso, a escola ficou três minutos a mais na passarela do que permitia o regulamento. A única escola anotada pela Comissão de Cronometragem e Desclassificação foi a Mocidade. Mesmo se não tivesse acontecido o problema com a Comissão de Frente e com o Abre-Alas, a escola ainda teria nota mínima na cronometragem por ter estourado o tempo na avenida.

A escola, portanto, não só não foi campeã, como voltou para o grupo de acesso, caindo para o grupo B em 1989. Ao fim desse carnaval, houve eleições para novo presidente e diretoria. Salvador Cândido da Rocha passou a ser o novo presidente e Paulo saiu de cena como mandatário, mas continuou pertencendo à escola, inclusive sua parceria de samba ganhou a disputa do ano seguinte. A gestão de Salvador gerou uma crise na Escola. Desde sua fundação, a Mocidade do Gama tem uma estrela em sua bandeira, assim como a Mocidade de Padre Miguel. Mas Salvador quis resgatar o símbolo da Coroa que existia no pavilhão da Independentes de Brasília. Esse processo foi um dos motivos dos conflitos logo no início da gestão de Salvador, que gerou desgaste entre a diretoria e membros da Escola, já com a Mocidade rebaixada. Ao fim, nada feito, apenas o conflito.

Uma perda, de fato, para a Mocidade foi a saída do seu primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira, Maurício e Márcia, para a Capela Imperial de Taguatinga e depois para o Rio de Janeiro, onde passaram por escolas tradicionais do carnaval carioca como Beija-Flor, Vila Isabel, Império Serrano e Salgueiro. No entanto, nesse movimento, o casal mirim, Edilamar e Anderson, foram promovidos ao primeiro casal, que também viriam a fazer história na posição.

A Mocidade levou em 1990 o enredo “O Sertão Vai Virar Mar”, em que seguiu um quarto lugar ainda no Grupo de Acesso, tendo pela primeira vez uma nota abaixo de 10 na bateria: a escola levou 8 no quesito. Na verdade, a escola só voltaria ao Grupo Especial em 1993, com o enredo “100 anos de Chatô” (Assis Chateaubriand). Em 1994 e 1995 não houve desfile no DF, então o enredo de comemoração aos 10 anos da Mocidade, que seria feito em 95, uma década da agremiação, foi à avenida em 1996 com “Volta Por Cima – 10 Anos de Folia”, quando ficaram em quarto lugar do grupo Especial.

Como já antecipado, em 1998, na primeira presidência de Pedro Teixeira, a escola teve sua mudança de nome: de Grêmio Recreativo Escola de Samba Mocidade Independente do Gama, virou Associação Desportiva Cultural Mocidade do Gama. Nessa mudança também houve um novo estatuto. Mudanças estruturais aconteceram na escola. A ideia era ter uma Mocidade ainda mais voltada ao Gama e pelo Gama.

Entretanto, vou focar no ano anterior, em 1997, quando a Mocidade foi para a avenida com um dos maiores personagens da história da escola e do carnaval de Brasília, como Mestre de Bateria. O homem chegou à agremiação e “revolucionou” a bateria, a Mocidade e o próprio carnaval na capital. A figura em questão era Eduardo Fábio Lopes, ou simplesmente “Mestre Eduardo”.

Furiosa do Planalto

No fim do ano de 1993, período que antecedeu o carnaval de 1994, a Liga das Escolas de Samba de Brasília (Liesb) — então responsável pela realização do Carnaval na capital federal — resolveu trazer uma agremiação do Rio de Janeiro para Brasília no intuito de agregar conhecimentos, compartilhar a expertise de como fazer carnaval e mostrar como eram alguns fundamentos por lá, como bailado de casal de mestre-sala e porta-bandeira, dança das passistas, batida dos cavacos e dos instrumentos de corda etc. No entanto, como o dinheiro da Liga não permitia custear a escola carioca tempo suficiente para realizar essas apresentações em todas as agremiações de Brasília - mesmo com o interesse de todas elas - foram escolhidas a Aruc e a Mocidade do Gama para receberem a visita. Assim, foi feito o convite para a tradicional Estácio de Sá vir em dezembro de 1993, a qual aceitou.

Hora de a Liga organizar a vinda da Estácio para a temporada em Brasília. A escola carioca mandou 40 pessoas, entre ritmistas, passistas, casal de MS e PB e componentes da harmonia. Até mesmo os famosos Mestre Ciça, atualmente na Viradouro (RJ), e o “lendário” casal de Mestre Sala, Claudinho, e Porta-Bandeira, Selminha Sorriso, atualmente desfilando pela Beija-Flor (RJ), vieram para a capital. Contudo, nenhum indivíduo dessa comitiva havia antes colocado o pé em Brasília. Então foi tarefa da secretária da Liga, Mirislei de Oliveira, reservar hotel, restaurantes, levá-los para conhecer Brasília, realizar o aluguel dos ônibus para locomoção, entrar em contato com a companhia aérea para tratar dos voos, enfim, todo o tipo de trabalho burocrático, mas também de lazer para os cariocas. Não era trabalho fácil ficar a cargo de 40 turistas que chamavam a atenção por onde passavam. Duas horas de serviço já contavam como o dia inteiro de faina, como lembra Mirislei.



Eduardo e a Porta-Bandeira Selminha Sorriso
(Foto: Mirislei Lopes/Arquivo Pessoal)

Dentre os famosos da Estácio, encontrava-se um sujeito que era o centro das atenções. As pessoas riam de suas piadas, mesmo quando ele só falava por falar, era o mais bajulado, mais paparicado, mais mimado e mais amado. Esse indivíduo tocava repique³⁰, o primeiro repique da bateria, aquele de confiança do mestre de bateria da Estácio. O tal ritmista dominava o instrumento como ninguém, sempre viajava para o exterior com a Medalha de Ouro³¹ e artistas como Alcione e Beth Carvalho; no carnaval não tinha para ninguém. Eduardo Fábio Lopes era o nome da figura.



Eduardo – atrás da artista – com a Bateria da Estácio e Alcione em avião para uma das apresentações com a cantora (Foto: Mirislei Lopes/Arquivo Pessoal)

Todos eram “loucos” com Eduardo, sempre tirando foto com ele, as pessoas o cercando, era como um imperador dos áureos tempos do Império Romano. Mas o ritmista não reagia na mesma proporção, pelo contrário: era um homem discreto, não gostava de se vangloriar, a humildade, aliás, era uma das características mais marcantes do “Repique de Ouro” da Estácio; apesar de ser, na bateria como ritmista e enquanto comandante, duro na queda.

Nas apresentações promovidas pela Liga, na Mocidade, o som do repique do Eduardo se destacava. Paulo Roberto, vendo aquilo, não poderia não se espantar com a qualidade da escola carioca, ainda mais com Eduardo castigando o instrumento para o aplauso e deleite de todos. Um personagem como aquele no comando da bateria da Mocidade agregaria imensamente, era só comparar o baticum da verde-e-branco com a da vermelho-e-branco de São Carlos³². Então Paulo não deixou a oportunidade passar e fez o convite a Eduardo para

³⁰ Instrumento de percussão tocado com uma baqueta e a mão, que reproduz um som “repicado”.

³¹ Apelido da bateria da Estácio de Sá.

³² Morro de São Carlos, no Rio de Janeiro, é onde está localizada a sede da Estácio de Sá.

ser o Mestre de Bateria da Mocidade. Entretanto, Eduardo estava em um estágio além. O cara que fazia várias viagens internacionais acompanhando a Estácio, indo à Amsterdam, Londres e Tóquio com a bateria e artistas, ainda tinha muita lenha para queimar. A fase de comandar uma bateria com menos de 10 anos de existência em uma praça sem tradição já havia ficado para trás. Naquele momento, ir para a Mocidade, pensando em objetivos de vida, não era atrativo. Todavia, um elemento, ou melhor, uma personagem faria toda a diferença na vida de Eduardo e da Mocidade: a própria secretária da Liga que estava de guia para a Estácio: Mirislei.

O “bam-bam-bam” da Estácio, aquele que tinha as mulheres o bajulando, as passistas o cortejando, se apaixonou por Mirislei enquanto a escola do Rio estava em Brasília. Nem mesmo Mirislei entende como aquilo aconteceu. Mas, devido à fama de Eduardo, ela o odiava. “Tinha nojo daquele cara, com todo mundo babando em cima dele”, diz. Mirislei não suportava olhar a cara do homem, repugnância genuína. Porém, a chateação de Mirislei estava para terminar: havia chegado o dia da Estácio voltar para o Rio. Aquele dia era aniversário de Baby, ritmista da escola convidada, ex-morador de rua resgatado pela própria agremiação. Os componentes iam comemorar o aniversário do garoto em um restaurante e, em seguida, pegar o ônibus para o aeroporto às 16h. Eduardo, já aos pés de Mirislei, pediu para a secretária acompanhá-lo em uma loja de joias para ele comprar algo para sua suposta namorada. Entretanto, ela não via a hora do pessoal de São Carlos voltar para casa, estava exausta e não aguentava mais nem um minuto, ainda mais com “aquelezinho” sendo paparicado. O estresse de Mirislei, que já estava quente, começou a ferver; não demoraria muito para a pessoa que ela mais sentia antipatia naqueles dias conseguisse fazer transbordar seu ódio, mas lá foi ela cumprir o seu dever.

Na loja, ele pediu que ela o ajudasse a escolher uma joia para a namorada fictícia. Mirislei dizia, ríspida, que não teria como escolher algo para alguém sem saber o gosto da beneficiada pelo presente e, portanto, não seria possível ajudar; e que ele corresse com aquilo porque iria perder o ônibus. Sereno, Eduardo respondeu: “se você não me ajudar, não tô nem aí para ônibus nenhum”. Naquele momento, Mirislei não conseguia imaginar alguém no planeta Terra que odiasse mais outrem do que ela odiava aquele indivíduo, e o cansaço, somado à possibilidade de descanso em poucas horas, só aumentava seu enfado. Então a guia escolheu, de fato, um cordão “lindo”. “Era um trevo de quatro folhas cravejado com pérolas”, diz. Eduardo pegou o cordão, pagou pela peça e foram embora.

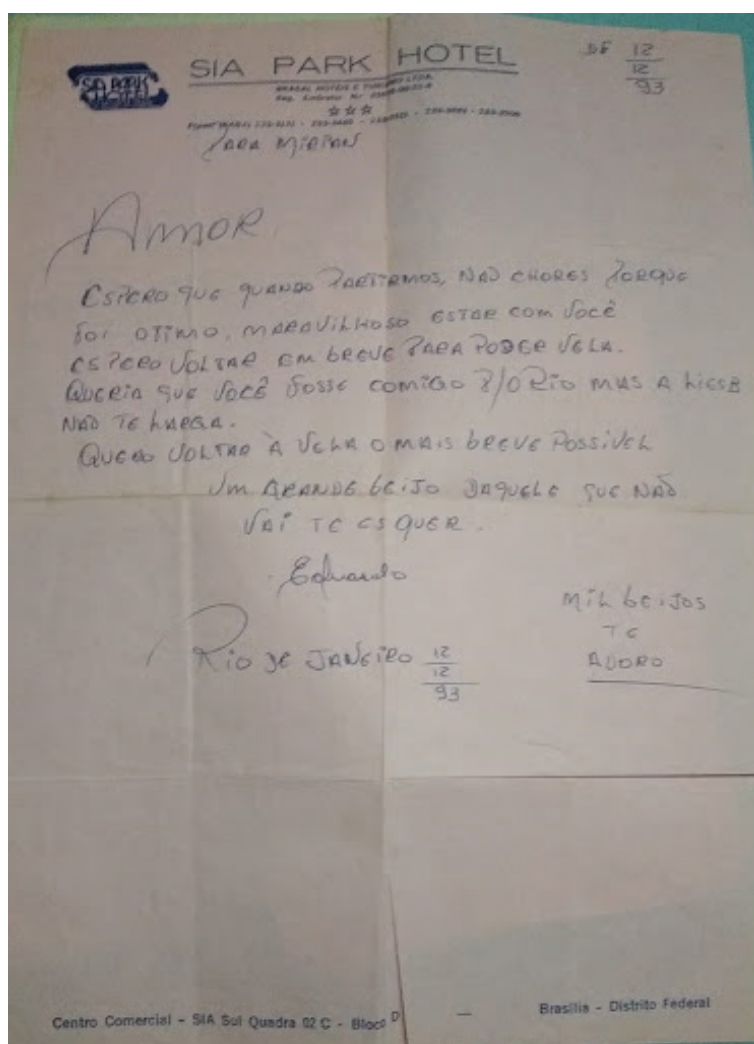
No caminho de volta para o restaurante, enquanto trocavam algumas palavras, Eduardo pegou em um dos cachos do volumoso cabelo da moça, atitude que a enfureceu a ponto de materializar uma pequena porção de ódio e raiva dentro do peito, mas logo na esquina se encontrava o restaurante; seria apenas

alguns metros para a liberdade, não podia explodir logo ali. Dessa distância, enquanto olhava o estabelecimento em que a turma de São Carlos brincava e ria embalada a chopes, via uma parte da trupe quase toda encolhida atrás da esquina os vigiando.

Com o cacho de cabelo da moça na mão, Eduardo disse gostar muito dela e que Mirislei não sabia, mas a namorada dele era ela. Ao fim da frase, beijou-a quase na frente do restaurante e do povão da Estácio, que pulou de alegria, jogando cerveja pra cima, batucando na mesa, acreditando que era o selo de amor entre os dois; mal imaginavam que Mirislei estava tão estressada com Eduardo a ponto de explodir, apenas pelo fato de ele respirar ao lado dela. Porém, como todo sentimento extremado tem seu pólo antagônico, na verdade, a então secretária estava mesmo apaixonada por Eduardo. Ela conta que foi amor à primeira vista, apenas não sabia. No momento do beijo, Mirislei só pensou “já era”, que ia perder o emprego, afinal, o chefe dela também estava com a delegação, mas o chefe chegou dizendo que sabia de tudo, aliás, todo mundo sabia do truque de Eduardo. A cena entre os dois não tinha problema algum. O beijo funcionou como um estalo para Mirislei perceber o amor por trás de tanta raiva.

Ao embarcar no ônibus, Eduardo disse à Mirislei que a vontade dele era levá-la para o Rio e entregou a joia que a moça havia escolhido para ela nunca se esquecer dele: namoro na certa — à distância. Pouco tempo depois, ainda em 1993, O ex-presidente da Estácio (já falecido), Acyr Pereira Alves, convidou Mirislei e outros membros da Liga para irem ao Rio como forma de gratidão por acompanhar a escola em Brasília e para receberem uma homenagem da agremiação. Assim, aproveitando a estadia, Mirislei passou esse tempo com Eduardo e depois de tantas viagens da moça ao Rio, ela foi para a capital do samba ficar de vez com Eduardo. No entanto, não se adaptou e voltou no dia de um desfile da Estácio. Não aguentou ficar fora do DF. Uma semana depois, Eduardo apareceu na casa dela — agora ele! — para ficar de vez na capital, ou para ser mais específico: no Gama, onde a moça morava.

Eduardo deixou seu emprego, mas família, amigos e a Estácio ainda faziam parte do cotidiano do homem, que viveria de ponte-aérea. Sobre o emprego, lembrava o convite de Paulo Roberto para ser Mestre da Mocidade. Porém, não só Paulo Roberto foi perspicaz o suficiente na época da visita do Estácio às escolas para perceber que Eduardo seria uma soma substancial à agremiação. A Aruc também havia feito o convite ao ritmista. O repique de ouro da Estácio, diante do convite das duas escolas, perguntou à Mirislei qual escola ela achava melhor para ele assumir o comando da bateria. A moça disse “Mocidade” e fim de papo.



Carta de Eduardo à Mirislei a convidando para o Rio de Janeiro, enquanto ainda namoravam à distância (Foto: Mirislei Lopes/Arquivo Pessoal)

Criada no Gama, Mirislei começou a frequentar a Mocidade ainda nos primeiros anos de existência da escola e saía como passista na agremiação. Aliás, foi ela quem levou Pedro Teixeira pela primeira vez para a escola do Gama. Mirislei presenciou e viveu o tempo minguido na Mocidade, em que a fantasia das passistas era feita com estopa — cenário que mudaria com a chegada de Eduardo —, em que as crianças dormiam no chão da quadra, mas, ainda assim, seu coração pertencia à escola. Se Eduardo estava querendo uma opinião da sua noiva (sim, vieram para Brasília e decidiram se casar; inclusive, a PB Selminha Sorriso é a madrinha de casamento deles) sobre qual escola escolher para ser o Mestre de Bateria, não seria nada além de Mocidade do Gama. Mirislei acredita que Eduardo aceitou ser mestre da escola gamense muito por causa dela, visto que naquela época a Aruc já tinha mais recursos e poderia até dar um retorno financeiro ou de estrutura melhor para Eduardo e Mirislei.

Desde o convite feito por Paulo até o aceite de Eduardo, demoraram três anos, entre namoro à distância com Mirislei, ida da amada para o Rio e vinda de Eduardo para Brasília. Em 1996, o Mestre assumiu o comando da bateria da Mocidade, estreando em 1997. Na visita à quadra da escola pela primeira vez, para conferir a que passo estava a bateria e qual era a estrutura da escola, Eduardo ficou em choque. Aquilo não era o carnaval que ele conhecia, não era o modelo de escola de samba que ele estava acostumado a ver, não só considerando a Estácio, mas até as escolas menores do Rio não eram daquela maneira. Eduardo ficou “pasma” com o que viu, de acordo com Mirislei.

Guilherme Henrique, filho de Paulo Roberto e ritmista da Mocidade, diz que Eduardo chegava a ter “raiva” da bateria. A caixa não tinha a esteira para fazer o chiado quando se bate no instrumento, na verdade, as caixas tinham arroz dentro. Ao ver os grãos no instrumento, Eduardo perguntou o que era aquilo e a resposta foi que o arroz fazia o chiado necessário para a caixa. Eduardo disse, assustado, “que macumba é essa?”, mas ao mesmo tempo, tamanha foi a surpresa, que o agora Mestre da Mocidade gargalhava ao ver os grãos.

Para se colocar em perspectiva, aquilo que parecia cômico para um ritmista do Rio, compunha uma bateria “fantástica” na visão daqui. A bateria da Mocidade já havia levado três dez consecutivos a partir do desfile de estreia e não estranhava ter notas altas em outros desfiles. Essa bateria já respeitada pelas outras agremiações e pelos jurados, convidada para apresentações e eventos era nada comum para Eduardo. Ao ouvir a bateria tocar, Eduardo não acreditou. “Era só barulheira, ele falava que era ‘fanfarrá’. Para ele, o que se ouvia das baterias era a barulheira dos estádios de futebol. Aqui, para Eduardo, não era samba, não era o que ele vivia, até ele conseguir colocar a identidade dele e formar uma bateria foi muito difícil”, afirma Guilherme. Contudo, não havia só joio naquele trigo. Havia também ritmistas muito competentes que sabiam o que estavam fazendo. As notas altas que a bateria da Mocidade levava não eram vindas de jurados ingênuos, de gente que se espantaria com um conjunto de crianças batendo em panelas, havia decência na bateria, só não estava à altura do conceito de Eduardo. O Mestre procurou na bateria os melhores ritmistas, aqueles que seriam seus ajudantes na implementação de uma nova equipe. Paulo César, ou Paulão, foi escolhido e promovido a Diretor de Bateria de Eduardo, segundo na hierarquia de uma bateria, apenas abaixo do Mestre.

Dentre as várias mudanças que Eduardo passou a implementar, pode-se citar o andamento da bateria e a batida de caixa. Sobre o primeiro, o normal é que uma escola de samba tenha três tipos de surdos (tambores de som grave): o de primeira (mais grave), o de segunda (não tão grave) e o de terceira — ou de centro —, com um som mais oco, seco e agudo que os outros dois. Os surdos de primeira e de segunda funcionam marcando o tempo — o andamento — da bateria, sempre um soando em seguida do outro, ritmados como um integrante

militar marchando, uma perna de cada vez, cada um em seu próprio tempo, o que os faz serem conhecidos como “surdo de pergunta” e “surdo de resposta”. O surdo de terceira é mais malandreado, ele não tem o toque tão marcado como os dois primeiros e aparece nos espaços sonoros deixados pelos grandalhões. Apesar de ter sua função determinada dentro do samba — “samba de terceira não é bagunça”, diz a professora de percussão Thalita Santos —, permite que se tenha toques mais rápidos, seguidos, surgindo no contratempo, por meio dos chamados “cortes”, e imprevisíveis, dando mais liberdade para o ritmista que o toca. E assim como a caixa, algumas escolas têm a levada do surdo de terceira particular, como uma assinatura. Desse modo, a marcação rítmica dos surdos que a Mocidade ainda usa foi trazida da Estácio por Eduardo, então, além de trazer a marcação de sua escola formadora, alterou, assim, o andamento da bateria de outrora.

Eduardo também colocou couro nos instrumentos, que antes continham certo tipo de plástico; passou até a ensinar mestres de bateria de outras escolas a encourar os instrumentos. As paradinhas ou bossas³³, passaram a ser indicadas com gestos e bastão, substituindo o uso exagerado do apito — legado que permanece até hoje na escola.

O tratamento dos instrumentos também mudou. Instrumentos eram como filhos, não era apropriado deixar os tambores jogados por aí, como estavam sendo. A peça que antigamente era dada como estragada e costumavam jogar fora, Mestre Eduardo mostrava serventia e ensinava a conservar. Ele mudou a maneira da bateria se postar, mudou a forma das pessoas da Mocidade pensarem carnaval, o jeito das assistidas sambarem, revolucionou toda a escola, apenas trazendo o modelo carioca de carnaval para o Gama. Agora sobre a batida de caixa, Eduardo introduziu a que ele aprendeu na Estácio, visto que a Mocidade não tinha uma batida de caixa definida.

Sobre os fundamentos e batidas trazidas por Eduardo, o toque da caixa é algo a se destacar. O samba vem, essencialmente, dos povos africanos, escravizados por três séculos neste país. Logo, quando algumas escolas de samba começaram a se organizar no início do século XX, no Rio de Janeiro, era natural que muitos envolvidos estivessem no candomblé ou na umbanda. Deste modo, algumas baterias de escolas de samba do Rio tocavam (e tocam, no entanto sendo costumes mais raros em comparação com outrora) suas caixas com toques, ou batidas, que

³³ Elemento rítmico em que a bateria varia sua batida, dando frescor e enfeitando o ritmo tocado pela bateria.

refletem o chamamento dos Orixás³⁴. Nas giras de candomblé, os ogãs³⁵ executam determinadas batidas nos atabaques para trazer do Orun³⁶ determinado Orixá para incorporação. Segundo o professor e pesquisador Luiz Antonio Simas, em seu livro *O corpo encantado das ruas* (2019), determinados toques executados nos atabaques chamam determinados Orixás. Por exemplo, para a incorporação de Oxum (divindade das águas doces, da beleza feminina, identificada pela cor dourada) na gira, os ogãs executam o suave toque conhecido por Ijexá; para Xangô (Orixá do fogo e da justiça), há o imponente Alujá; para Iansã (Orixá dos ventanias e das tempestades), o revolto Ilú — ou quebra-pratos —, e assim por diante. A Estácio de Sá tem por padroeiro Ogum (Orixá guerreiro e dos metais), no Rio de Janeiro, identificado como o santo católico São Jorge, chamado nas giras pelo toque marcial Adarrum. Então a batida da caixa da Estácio é o toque que os ogãs executam nas giras para invocar Ogum (adaptado, dada a velocidade do samba de hoje). Na Portela, por exemplo, a caixa é tocada de maneira diferente do que se toca na Mangueira. Enquanto a primeira bate para Oxóssi, a segunda bate para Iansã. Eduardo, portanto, implementou na caixa da Mocidade a batida da Estácio, o toque que ele aprendeu a executar. Não só o toque da caixa, mas o andamento e outros fundamentos que a Estácio tem. Portanto, ao passo que a Mocidade do Gama é verde e branca, sua bateria tem a alma vermelha e branca.

Um movimento importante aconteceu no desfile do ano de 2000, cujo enredo homenageou Oswaldo Montenegro. A escola não tinha uma ala de tamborim, o que Eduardo desejava muito. Somente a Aruc e Acadêmicos da Asa Norte tinham o instrumento em suas alas de instrumentos. A propósito, hoje, não se vê escola de samba sem ala de tamborim e, naquela época, no DF, era comum não haver o naipe (instrumento) compondo a bateria. Eduardo estava chateado com a falta do instrumento e, conversando com seu segundo diretor de bateria, Wanderson Santos (neto de Iza Barbosa e hoje Mestre de bateria da Mocidade), sobre a vontade de ter tamborim para o desfile, o diretor lhe disse que sua prima, Valquíria, “tinha o naipe”: ela e mais cinco de seus primos tocavam na Acadêmicos. Valquíria foi formada na escola Capela Imperial, da Ceilândia, onde o Mestre Barril lhe ensinou tamborim. Aprendendo cada vez mais o instrumento, Valquíria foi juntando pessoas para tocarem. Esse grupo, para Eduardo, seria ideal para colocar na bateria da Mocidade, então com a resposta de seu diretor de bateria, o

³⁴ Divindades cultuadas no Candomblé e na Umbanda.

³⁵ Sacerdotes que tocam os atabaques nos cultos de religiões africanas.

³⁶ Plano não físico, onde estão os orixás, caboclos e outras entidades, a depender da linha do candomblé.

Mestre logo se animou e disse para Wanderson levar a prima à quadra naquele dia mesmo. Wanderson falou com Valquíria, que aceitou a proposta, e, no mesmo dia, apareceu no barracão com os primos.

Logo que chegaram, Eduardo os chamou para a sala de bateria da quadra. Marrento como era, pediu para a turma começar a tocar para saber a que passo estava o tal concorrido tamborim de Brasília. Não deram nem 10 notas batidas no instrumento, Eduardo abaixou a cabeça, apertou os olhos, tapou as orelhas com as palmas das mãos e disse: “para, para, para!”, os moleques pararam e olharam assustados para o Mestre, que voltando à realidade perguntou:

— Que macumba é essa, maluco!?

— Ué, macumba não, a gente tá tocando — Valquíria respondeu, se defendendo e defendendo seus primos.

— Não, não não, esquece tudo isso — disse. — O que eu quero que vocês façam a partir de hoje é isso aqui — afirmou Eduardo, enquanto tomava o instrumento da mão de Valquíria para passar o que tinha de ideia para os tamborins, e concluiu: “não é essa bateção de bife que vocês tão fazendo, não”.

Segundo Valquíria, de fato era muito diferente, eles sabiam apenas o básico do básico naquele momento; Eduardo lhes ensinou o Carreteiro, principal levada do tamborim no samba enredo, executado por uma batida 3 por 1. Os primos pegaram mais ou menos o que Eduardo passou, e quando performaram ali na medida do possível, Eduardo abriu o sorriso: “agora sim!”. Mas não era suficiente, o Mestre disse que queria que os ritmistas realizassem desenhos³⁷ com o tamborim, acompanhando as bossas da bateria. Apenas um detalhe dificultava a vida dos ritmistas e de Eduardo: o desfile seria dali dois dias. Valquíria e seu quadro de tamborins ficaram de 9h às 22h do dia seguinte pegando os desenhos que Eduardo passara, para apresentar à avenida já no dia seguinte. De acordo com Valquíria — hoje Mestra — tudo ocorreu bem.

A partir dali, Valquíria, com apoio de Eduardo, se tornou a melhor tamborim de Brasília, enquanto também foi adquirindo conhecimento dos outros instrumentos e responsabilidade junto a Eduardo com a bateria, tornando-se mestra. A garota do tamborim hoje faz parte do panteão de ritmistas da escola e é referência do instrumento em Brasília.

Mas, voltando, junto à mudança que estava sendo promovida por Eduardo na bateria da Mocidade, no fim da década de 90, uma ajuda de fora da escola foi fundamental no processo. Quando o Mestre assumiu a bateria, muitos ritmistas

³⁷ Variações rítmicas efetuadas pelo ritmista no tamborim, que floream o samba.

saíram, pois eram mais velhos, alguns até vindos da Independentes, e uns dos que permaneceram tiveram que ser modelados por Eduardo porque para vários deles a bateria era um passatempo, não era uma coisa séria. Bebiam nos ensaios, saíam no desfile com a cara inchada, o que Eduardo não admitia sob hipótese alguma para a bateria da Mocidade. A propósito, muitos ritmistas da Mocidade, ainda hoje, não sabem nem que Eduardo bebia, devido a disciplina dele e a que era exigida dos ritmistas. Tanto que, independentemente da qualidade do ritmista, até hoje, legado de Eduardo, o cidadão pode já ser veterano, participar de todos os ensaios, se na hora do desfile, na concentração, ele aparecer bêbado, não desfila. A escola tira a fantasia e o ritmista é proibido de entrar. Perdeu um ano de ensaio e ainda dá trabalho para a escola. “Lá é um lugar sério”, diz um componente da bateria. Por isso, talvez, essa impressão de que Eduardo era abstinente calhasse com a figura referência, ilibada, íntegra do Mestre, mas o carioca, ritmista da Estácio e criado no meio do samba cumpria o folclore do sambista e tomava “uma cervejinha”, sim, como diz Mirislei.

Bem, dada a situação de alguns ritmistas, a bateria precisava de rejuvenescimento e de seriedade. Apesar da Mocidade ter tido sua escolinha de percussão voltada para formação de seus ritmistas, a “Escolinha do Amanhã”, em que a agremiação custeava 100% dos gastos, como aquisição e manutenção de instrumentos e acessórios, além da mão de obra, uma ajuda, que extrapolaria o simples “escola de percussão”, viria a ser muito bem vinda.

No fim dos anos 90, houve um projeto social do Sesi³⁸, o “Amigos da Gente”, com RAs que tinham escolas de samba, para ensinar percussão para crianças, e as que se destacassem, “subiam” para o quadro de ritmistas da escola de suas respectivas regiões. A escolinha funcionava como uma categoria de base das baterias. No caso da Mocidade do Gama, o Sesi, que fica em frente ao Bezerrão, entrava com o pagamento, via Ministério do Esporte; do Mestre Eduardo — que era o coordenador do projeto —, os instrumentos e o lanche das crianças, e a Mocidade cedia o espaço (quadra), alguns instrumentos e o próprio coordenador. Todavia, a Mocidade ainda tinha ônus financeiros em algumas vezes, pois custos não previstos surgiam, mas nada que comprometesse o andamento do projeto.

Ao fim de todo mês, as escolas participantes do projeto se encontravam para uma apresentação, em que também era avaliado o progresso das aulas, o que já alimentava uma rivalidade saudável entre as escolas participantes do projeto. Além desse projeto social, a Mocidade ainda participou de outros programas sociais paralelos para fomentar sua bateria e convergir as crianças da cidade para percussão. Desses projetos, saíram aproximadamente, uma centena de ritmistas

³⁸ Entrei em contato com o SESI em meados de março de 2022, mas a assessoria de imprensa não soube dar mais informações sobre o referido projeto, tampouco o encontrou nos arquivos do sistema. Todavia, mantive as informações a partir dos relatos dos integrantes da Mocidade.

da Mocidade. O “Amigos da Gente”, antes de ser uma escolinha de percussão, era, antes de tudo, um projeto social. As crianças participantes tinham que estar matriculadas na escola, não podiam tirar nota baixa para participar do programa e o acompanhamento pelo Mestre Eduardo daquelas crianças e jovens era tão sério que muitos deles, até hoje estão na bateria, e não se esquecem do período. “O Eduardo foi como um pai para mim. Quando cheguei na Mocidade, eu era um menino rebelde, e o Eduardo me mudou. Ele ia no meu colégio para ver como estava o andamento das minhas notas, se eu estivesse ruim na escola, não poderia participar das aulas, tudo tinha que estar alinhado, era uma relação próxima. E era assim com todos”, diz Roger Sapucaí, diretor de bateria da Mocidade (e Mestre de outras baterias), formado pelo projeto social tocado por Eduardo. “A bateria não faz só um ritmista, faz um homem também”, diz.



Eduardo ensinando percussão para crianças do Gama via projeto do Sesi
(Foto: Pedro Teixeira/Arquivo Pessoal)

Cristina McAlpine, ex-rainha de Bateria, afirma que Eduardo endireitou muitas pessoas por meio da bateria. “Gente que não tinha nem eira nem beira, mas tinha que ficar sóbrio pra tocar na bateria. Ele dizia: ‘eu vou bater na tua CARA na frente de todo mundo se você chegar aqui bêbado desse jeito mais uma vez’”, uma fala suficiente de um “negão 5x5”, como diz Cristina, para convencer os jovens. Postura adotada também por Mestre André na Mocidade de Padre Miguel, que não deixava por menos e já disciplinou, inclusive fisicamente, seus ritmistas, como conta o filho de Mestre André no livro *Estrela que me faz sonhar* (2013), de Bárbara Pereira.

Um momento simbólico para demonstrar como Eduardo levava a bateria com rigor foi quando o Mestre mandou um ritmista para casa, prestes a entrar na avenida. Para um desfile, Eduardo passou seis meses ensaiando uma novidade que ia embasbacar os jurados: os ritmistas iriam parar na frente de uma cabine de

jurados, iriam subir um em cima do outro até formar uma pirâmide no meio da avenida – e sem parar de tocar! De fato, aquilo seria demais, além dos jurados, a arquibancada viria abaixo; só era necessário sair certinho, porque caso algo desse errado, tudo ia por água abaixo.

Na hora da verdade, já na concentração na avenida, todo mundo com fantasia, Eduardo foi passar a pirâmide uma última vez para sair tudo nos trinquês. Até um ritmista, que faria parte da base da pirâmide dizer ao Mestre que não ia mais participar. Naquele dia tinha chovido muito, característica de fevereiro, portanto, as solas dos sapatos estavam enlameadas, lembra Valquíria. O garoto desistente disse que a roupa dele estava limpinha, olhando para a calça branca, e que ninguém ia subir nele e sujar tudo. Eduardo ficou pasmo e perguntou:

— Você não vai ser a base?

— Não — o garoto respondeu.

— Bicho — Eduardo replicou, incrédulo —, a gente ensaiou por seis meses e agora você diz que não vai fazer?

— Não vou fazer — respondeu, resolvido de sua posição.

Eduardo então resolveu ser mais incisivo e queria saber se o ritmista não ia fazer mesmo, porque aquela situação fugia da normalidade, não era possível que aquilo estava acontecendo, e perguntou:

— Você não é escola, não?

— Não — respondeu, apesar da dura pergunta, que o fez vacilar, mas devolveu resolutivo.

— Como é que é? Você não é escola?

— Não.

— Você não é camisa? — Eduardo disse pegando na própria camisa, como se não estivesse sendo claro o suficiente com o garoto, precisando se comunicar de maneira explícita.

E de novo: “Não”.

— Beleza, irmão, já que você não é camisa, não preciso de você aqui, não. Tira a roupa.

Diante do pedido do Mestre, o ex-base da pirâmide ficou intimidado, mas não se moveu em favor da fala de Eduardo, enquanto olhava o líder da bateria. Irredutível, Eduardo disse: “tô brincando não, rapá, tira a roupa”, já farto com a insolência do ritmista. O diálogo e a tensão corriam enquanto a bateria estava formada, vestida, olhando para os dois esperando a resolução do caso. Vendo a

seriedade de Eduardo, o vivente tirou o chapéu, tirou a blusa e os entregou ao Mestre. Eduardo pareceu não entender porque só tinha o chapéu e a camisa da fantasia em mãos e repetiu: “tira a roupa, tira a roupa toda. Você não é escola, não é? E quem te deu essa roupa foi a escola. Por que você vai ficar com essa roupa se você não é camisa? Se você não é escola, você não merece vestir a escola. Tira a roupa”. Calado, o rapaz tirou a calça, ficou só de cueca. Eduardo pegou a calça, mas olhou para o pé do garoto e lá estava o sapato que a escola tinha entregado.

— O sapato também, maluco — disse Eduardo.

O jovem, no entanto, vendo a pista suja de lama trazida pelos sapatos, disse:

— Mas, Eduardo, vou ficar descalço, minha chinela tá no ônibus.

— Ué, tá doido? Não tá ouvindo? A meia e o sapato também são da escola.

Vencido, o rapaz tirou o sapato, tirou a meia, ficou — agora sim — só de cueca, porque, provavelmente, se a cueca fosse da Mocidade, ele teria de entregar também. Ao ficar seminu, Eduardo disse que agora ele podia ir embora, que ninguém mais precisava dele ali. Com o jovem indo embora sob o olhar de todos, Eduardo reclamou a atenção da trupe e chamou um outro ritmista, perguntando se ele conseguia fazer a pirâmide. Prontamente, respondeu que sim e, assim, substituiu a peça da base que a bateria perdera há alguns minutos. No fim das contas, a pirâmide foi feita na frente dos jurados, como havia sido premeditado, mil maravilhas.

Já sobre a rainha, Cristina era, anteriormente, madrinha da bateria, cargo da componente que ajuda financeiramente a bateria. Tal qual a rainha, a madrinha saía à frente da bateria, porém mais à frente ainda que a primeira. Renato Lemos em seu livro *Inventores do carnaval* (2015) conta que o cargo de rainha era inicialmente chamado de madrinha. A primeira Rainha (madrinha) de bateria foi Monique Evans, em 1985, na Mocidade Independente de Padre Miguel. Na Mocidade gamense, o cargo de madrinha foi mantido além do cargo de rainha justamente para angariar recursos para a bateria, fórmula ainda usada por algumas escolas pelo Brasil. No entanto, hoje, muitas agremiações usam o cargo de rainha como vetor de recursos, suprimindo o cargo de madrinha. Muitas mulheres pagam altas quantias para sair em determinadas escolas como rainhas de bateria, assim como na Mocidade brasiliense era uma função da madrinha.



Cristina quando ainda era Madrinha da Bateria da Mocidade do Gama (Foto: Cristina McAlpine)

Pois bem, a doação da madrinha a Mocidade era específica para a bateria e a escola não poderia usar esse recurso para outros fins. Para ser rainha, Cristina teria que ser escolhida via concurso ou pela própria bateria, e, neste caso, ela foi escolhida pelo mestre Eduardo para ser rainha. A garota fazia tudo pela escola e pela bateria, ainda cumprindo seu papel como madrinha. Sempre ia aos ensaios na quadra e às apresentações feitas pela bateria nos lugares mais inóspitos e “fuleiros” — como ela mesma diz —, sempre que necessário, recheava o próprio carro de componentes para levar onde fosse, levava o lanche na quadra, ligava para todo mundo perguntando se precisava buscar para o ensaio; de fato, batalhadora.

Eduardo, então, vendo toda essa movimentação da madrinha, resolveu premiar sua dedicação com o cargo de rainha. Cristina passou sua infância, adolescência e início da vida adulta na escola, inclusive foi rainha no campeonato que a Mocidade conquistou no grupo especial, em 2005. Segundo a Rainha, ela não teve aulas de samba. “Você vai indo para escola, vai sambando e aprende a sambar. Ninguém te ensina, não. Você começa lá matando barata, e uma hora sai. Não é de uma hora para outra, demora muito, mas quando você percebe que deu o clique, que o corpo está alinhado com o samba, é uma sensação muito boa”, conta.

A tarefa de Rainha não é nada fácil, além de representar a bateria que vem atrás, é muito trabalho e muita responsabilidade. Cristina conta que, certa manhã, um dia antes do desfile da Mocidade, uma de suas irmãs ligou do barracão

dizendo que o pessoal virado da noite anterior na força tarefa de terminar fantasias e adereços não tinha comido nada e estavam todos famintos. Perguntou, então, se Cristina podia levar uns pães e mortadela para a quadra para matar o que estava matando a galera. Cristina disse “sim” e logo passou na padaria, pegou o pedido e ligou para um mototáxi para conseguir chegar à quadra. Cristina não tinha muito costume de andar de moto, mas era a opção de transporte mais barata e rápida no momento, e foi o que aconteceu.

Chegando no destino, a rainha, meio atrapalhada, desceu pelo lado errado da moto, em que o motociclista não apoiava com a perna, e se o piloto não tivesse compensado o peso para o outro lado quando a mulher forçava a descida, ambos e a moto teriam caído no chão. Entretanto, no movimento brusco do piloto para compensar o peso, ao puxar a moto para o outro lado contrário ao da descida de Cristina, a moto veio com força e o escapamento beijou a batata da perna de Cristina, como dois amantes se encontrando após um longo período de saudade. O doloroso encontrão resultou em uma boa parte da panturrilha da rainha queimada. Lembrando: um dia antes do desfile.

Como a roupa da rainha não costuma cobrir muito o corpo e a ferida só ficava mais feia com o passar das horas, Cristina decidiu cortar em um tecido uma estrela grande o suficiente para cobrir o buraco causado pelo escapamento, passou cola na recém cortada figura e lascou na ferida. Pronto, figurino nota 10; já a nota da epiderme não daria para saber naquele momento. Dez, no entanto, seria difícil ser.

Na concentração do desfile, já com toda a indumentária, a queimadura doía muito e a dor começava a se infiltrar no psicológico da rainha, podendo prejudicar o samba no pé. A importante componente não parava de pensar nisso. Avistou um ambulante que vendia bebidas e foi implorar por um drinque que com certeza faria bem o papel de um forte analgésico. Cumprimentou o comerciante, disse que não carregava dinheiro consigo, mas que precisava de um rabo de galo, drinque poderoso também conhecido como traçado — vermute com cachaça, em versões básicas. Antes de saber da resposta do ambulante, um cidadão já nas tantas de álcool na cabeça entrevistou e resolveu o problema de Cristina: “não te preocupa que eu pago, gata”, tudo o que a rainha precisava ouvir.

Aproveitando a gentileza, virou para o vendedor, antes de se voltar novamente ao bom samaritano para agradecer a boa ação, disse: “então me dê dois!”. O analgésico funcionou tão bem quanto Cristina previra, o desfile correu belissimamente bem. Mas como a cachaça não fecha ferida, só faz esquecer-las, no outro dia ela precisava tirar a estrela que estava colada à sua queimadura. Uma atividade que não tinha como fazer com jeitinho. Era aquilo lá mesmo, tirar a estrela colada na pele já maltratada pelo ardente escapamento. Talvez se arrancasse a estrelinha de uma vez a dor fosse menor. Cristina nunca saberá se acabou sendo melhor ou não.

Retirado o tecido que salvou sua noite, a garota encontrou um monte de purpurina dentro do buraco. Não se sabe se foi a visão da carnavalesca ferida que engatilhou os outros sintomas ou se a magia do carnaval que já estava maquiando a realidade com ilusões se esvaía: o que se sabe é que a queimadura inflamou, criou uma bolha “horrível”, a mulher deu febre e tudo o mais que é acarretado a queimaduras severas, tratadas com cola, tecido em cima e muito samba agitando o músculo.



Cristina como rainha e Keila Silva, ex-passista da Mocidade, em um desfile (Foto: Cristina McAlpine/Arquivo Pessoal)

Em outro desfile, já dentro da avenida, quando a bateria entrou no recuo, manobra que permite que o resto da escola passe à frente da bateria e que ela seja ouvida por toda a escola e arquibancada, Cristina estava morrendo de sede. Aquela sede que o ar respirado gruda na seca garganta e a saliva, já rara, briga com o estado líquido da matéria, começa a entrar em relacionamento com o estado viscoso, deixando a língua pastosa e a garganta como um seco túnel de carne.

Enquanto sambava (não pode parar!), procurava por alguma salvação que caísse do céu como alguém da harmonia que lhe oferecesse uma água, algum conhecido da arquibancada que pudesse ajudar, mas nada.

De repente, o samba correndo e a bateria ainda no recuo, passou um carro alegórico na frente da musa e com ele uma repórter que carregava uma garrafinha de água bonitinha, que não dava pra ver o conteúdo dentro. Cristina já foi implorando por uns goles da garrafa da repórter e ao mesmo tempo avançando sua mão no recipiente e trazendo à boca, derramando o líquido direto em sua própria garganta, enquanto fazia o movimento da cabeça para trás e fechando os olhos para canalizar todos os sentidos do corpo naquele prazer que viria a acontecer em segundos; o oásis no deserto; o pão ao faminto; o sono ao cansado.

Enquanto fazia o movimento de levar o recipiente à boca, a repórter gritou algo ininteligível, visto que Cristina estava ao lado da castigante bateria. Era tarde. Nem precisava dizer nada, Cristina sentiu. Assim como água despejada de um galão no filtro, a rainha tomou vodca em vez de água. Logo fechou a boca ainda cheia de líquido, com as bochechas estufadas, a pele quase rasgando e esbugalhou os olhos, que há pouco descansavam, que antes pertenciam ao etéreo quando a rainha achava que estava ingerindo água.

Caindo em si, tinha que decidir o que fazer. O que fazer não, tinha que engolir o álcool incandescente, pois cuspir o erro não era uma alternativa. E num ato de coragem e força passou para dentro a canjebrina toda, que desceu rasgando e queimando sua traqueia, ansiosa por água, não álcool. A vodca desceu como se fosse a enxurrada de lava que varreu Pompeia às cinzas, mas, neste caso, foi o organismo da rainha que se contorcia em apavoro diante da água que passarinho nenhum neste mundo bebe ou virá a beber.

Após um apagão momentâneo, seus sentidos foram voltando, a bateria foi gradativamente soando mais forte e mais forte, a visão desembaçando até que o mundo real, brilhante, pulsante, barulhento e vivo retomou 100% sua forma. Ao se deparar novamente com a realidade, percebeu que para curar a sede, ali, era melhor a vodca do que água, e que já estava pronta para sambar por mais três desfiles. A repórter esperta já sabia.

Eduardo, então, com seu novo trabalho, auxiliado pelos projetos sociais, angariou mais jovens, renovando, assim, a bateria; adaptou aqueles que continuaram desde antes, teve um trabalho profundo e vendo essa renovação, veio a ideia de um apelido para a bateria da Mocidade, que seria conhecida a partir dali como “Furiosa do Planalto”. O costume de apelidar as baterias das escolas de samba

começou no Rio de Janeiro e já se espalhou pelo Brasil inteiro. Por exemplo, a bateria da Portela é carinhosamente chamada de Tabajara do Samba, em referência à famosa Orquestra Tabajara; a da Mocidade de Padre Miguel é conhecida como Não Existe Mais Quente; e a da Beija-Flor é Soberana, para citar apenas três. Com referência da bateria do Salgueiro, que é conhecida como Furiosa, Eduardo trouxe esse apelido para a Mocidade.

Os ritmistas da Furiosa do Planalto tinham noção de que Eduardo era uma figura diferente. Não era normal aquilo que eles ouviam soar do repique do Mestre. Ou da caixa. Ou da cuíca. Afinal, apesar de ser o Repique de Ouro do Estácio, Eduardo dominava todos os instrumentos — condição fundamental para ser Mestre de Bateria. O Mestre colocava seus alunos em frente à TV e mostrava a eles VHS's com suas apresentações, deixando-os de boca aberta, encantados. Viam as apresentações do Mestre com artistas famosos pelo mundo, viam desfiles primorosos do Estácio naquele carnaval luxuoso que atrai turistas do mundo inteiro, “o maior espetáculo da Terra”, como o carnaval do Rio é comumente chamado, tiravam o olho da TV, viravam a cabeça para o lado e ali estava Eduardo. Era a maior referência deles, todos queriam ser o Eduardo.



Bateria da Mocidade em preparação para o carnaval de 1999
(Foto: Guilherme Henrique/Arquivo Pessoal)

“O melhor repique que eu já ouvi na vida, na história e até hoje, era o Eduardo”, conta Roger, que já passou por muitas escolas tanto em Brasília, São Paulo quanto no Rio, conhecendo vários Mestres famosos e ritmistas que tocam no Rio há anos. “Ele era um monstro. E como a gente era criança, ele era a nossa referência, o que

a gente queria ser. Ele não gostava de mostrar muito o que ele sabia, mas a gente que era do dia-a-dia, sabia do que ele era capaz”, afirma Guilherme Henrique, lembrando a atenção de Eduardo, que passava tardes inteiras mostrando como se tocava o repique e aperfeiçoando os traquejos e batida do jovem e dos colegas.



Eduardo e seus comandados na avenida (Foto: Mirislei Lopes/Arquivo Pessoal)

Aliás, bastava querer aprender tocar um instrumento na Mocidade que Eduardo ensinava. Ele era, de fato, atencioso com os componentes da bateria. “Ele pegava a bicicleta dele e ia na casa de todo mundo perguntando como é que tava, conhecia cada um. Se alguém chegasse com alguma chateação no ensaio, ele logo captava e perguntava o que era, o que estava acontecendo, tinha muita atenção com todos”, diz Dona Maria Geovana da Conceição Marques, mãe de Cristina e ritmista da escola. Essas ações de Eduardo exemplificam como ele era querido pelas bandas gamenses e como todos o tratavam como “mentor”, “pai/padrinho”, “amigo” e outros substantivos que expressam muito carinho e afeto.

A orientação de Eduardo com as crianças e jovens da Mocidade sobre as batidas, andamento, swing, postura e outros mais tinha uma razão: ele ensinava os fundamentos e os toques com o DNA do Rio, aqueles meninos e meninas não estavam sendo moldados para tocar no carnaval de Brasília. Sendo cria da Estácio, uma das melhores baterias do RJ, segundo Roger, Eduardo primava por uma bateria para cima, com um andamento adequado, energética, mas com humildade, sem arrogância e sempre com objetividade. Para ter uma boa bateria, com ritmistas

afiados, é preciso ensaiar o ano inteiro, não pode ficar parada, mesmo com o carnaval acontecendo só em três, quatro meses. Mesmo sem samba, sem certeza do carnaval, os ritmistas não podem parar. Nas épocas do ano em que não há movimentação intensa para o carnaval, a bateria costuma passar sambas antigos, músicas populares, ensaiando paradinhas, ensinando as batidas para os mais novos e reciclando os mais velhos, tudo para não perder a mão.

Antes da chegada do ritmista do Morro de São Carlos, o carnaval em Brasília era uma coisa, depois dele se transformou. Eduardo também trouxe profissionalização para outras áreas como dança de passistas e harmonia. Ajudou o Gama e passou a ajudar outras escolas. Com o crescimento da Mocidade, a bateria era contratada para tocar em outras escolas e os ritmistas e demais componentes queriam ser os melhores, inatingíveis. Mas esse não era o intuito do Mestre. O Gama em si tinha alcançado um nível muito bom, muito alto, mas partiu para melhorar o todo do carnaval do DF, não era só a Mocidade.

Portanto, a escola passou a ajudar outras agremiações. Eduardo se envolveu com diretores e mestres de bateria de outras escolas, auxiliando-as em outras áreas, tal como havia feito com a Mocidade. O Mestre mexeu com o carnaval de Brasília. O objetivo era subir o sarrafo não só da Mocidade. A escola gamense seria, para Eduardo, uma referência para as demais, e, deste modo, retroalimentaria o carnaval daqui. A Mocidade e Eduardo se dispuseram a ajudar as agremiações que assim desejassem.

A cada ano que passava Eduardo e a bateria chamava mais atenção. O Mestre começou a ser muito requisitado e tinha que se desdobrar em vários para cuidar da Furiosa do Planalto, ajudar outras escolas e ter tempo para seu lar. Eduardo não podia ter um horário de folga, um momento disponível para lazer que ele se mandava para Sobradinho dar uma força, estava na Asa Norte, no Cruzeiro, em Santa Maria... Vendo essa movimentação do marido, Mirislei conta que pensava “Meu Deus, casei com uma escola de samba”. Quando estava em casa, Eduardo sempre pegava alguma coisa para tirar som, treinar ou ficava batucando pensando uma nova paradinha. “Frigideira, prato, garfo lá em casa vivia torto, quebrado. Tudo ele pegava para tirar som”, lembra Mirislei.

As novidades musicais que Eduardo preparava para a Mocidade não ficavam apenas no âmbito melódico, o Mestre também introduziu novos instrumentos na bateria. A depender do samba, é comum figurar um instrumento diferente, não participe de uma bateria usual. Aliás, várias escolas adaptam o samba ao enredo, adicionando algum instrumento que seja emblemático daquele gênero como, por exemplo, um triângulo quando um enredo homenageia um mestre do xaxado,

ou atabaques usados em terreiros se for um enredo afro. Na mocidade, já foram levados à avenida berimbau, atabaque, timbal. Já tocaram funk, axé, forró, claro, adaptando ao samba e sem sair do contexto do enredo.

O instrumento mais diferente que já usaram na bateria, conta Roger, foi a lira, espécie de xilofone, a qual é tocada com baquetas em uma espécie de piano composto por paletas. A lira foi utilizada no desfile da Mocidade de 2014. Para usar o instrumento, as notas dela precisam soar em cima dos instrumentos agudos para funcionar dentro do samba-enredo. “Instrumento difícil de colocar no samba”, conta Roger.

Mesmo com esse afã, desenvolvendo várias áreas da escola e de outras escolas pelo DF, Eduardo ainda não tinha abandonado a Estácio. Ele saía, ao mesmo tempo, na escola que o criou e comandava a Mocidade. Muitas vezes o desfile daqui não chocava com o de lá. Praças mais próximas do Rio, por sinal, realizam seus desfiles em dias diferentes dos dias em que os desfiles do Grupo Especial acontecem na capital carioca, para, fundamentalmente, não disputarem foliões.

Na Marquês de Sapucaí, o grupo especial desfila no domingo e na segunda de Carnaval, e as outras localidades realizam, assim, seus desfiles sexta e sábado. Deste modo, Eduardo conseguia pegar um avião depois do desfile daqui, chegava no Rio e saía na Sapucaí com a Medalha de Ouro. Além disso, ia lá ao longo do ano ensaiar e estar em contato com a escola. Nem a Mocidade nem a Estácio ficariam desamparadas por Eduardo. Quando o calendário carnavalesco brasileiro, por algum motivo, estabelecia segunda e terça ou sábado e domingo como dias do desfile e a Mocidade era sorteada para desfilas no mesmo dia que o Estácio, ele comandava a Furiosa do Planalto e ia para a Estácio sair no desfile das campeãs, que acontece no sábado seguinte.

Aliás, quando Eduardo saía do Rio, sempre trazia fantasias usadas na Estácio para o Gama. A própria escola carioca fazia doações de fantasias de destaque e de mais pompa, como MS e PB, para a Mocidade, a pedido de Eduardo e Mirislei. Além dessas fantasias para comporem alegorias, Eduardo conseguia pegar fantasias para os ritmistas. Isso antes da proibição, feita pela Liga, de trazer fantasias do Rio de Janeiro para as alas das escolas daqui.

Pedro Teixeira lembra que a proibição das fantasias (ainda neste capítulo dou a devida atenção a esse ponto) cariocas no carnaval daqui foi apenas para as alas completas, contudo ainda ficou permitido trazer fantasias de destaque e fantasias para composição de carro alegórico, desde que tivesse a ver com o enredo apresentado. A Mocidade só conseguiu fantasias para a ala inteira uma única vez, quando pegou fantasias de baianas do Império Serrano (RJ) que não haviam sido todas usadas.

Portanto, Eduardo trazia as tais fantasias de destaque e material da Estácio, até porque pouca coisa que sobrava por lá, era o suficiente para cá, visto que o número de componentes nas escolas daqui é muito menor. Uma bateria que sai com 70 ritmistas aqui, sai com 300 lá. Cerca de 1 mil componentes que saem numa escola aqui, lá são para lá de 2,5 mil, no mínimo³⁹.

Mas a melhora nas fantasias e materiais não vinham só daí. Os contatos da Mocidade do Gama de materiais qualificados no Rio de Janeiro foram estabelecidos por Eduardo. Antes do Mestre, a Mocidade tinha fantasias feitas com materiais mais baratos, como, já dito, saco de estopa, por exemplo. As passistas usavam material que “pinicava, era triste, horrível”, de acordo com Mirislei.

Maria Do Carmo, outra foliã da Mocidade, diz que antes dos contatos do Rio, a escola tinha recurso financeiro e material muito fraco. “Algumas meninas que iriam desfilas de biquíni, colocavam a parte de cima e a de baixo, geralmente de cor branca, e a fantasia em si era de papelão amarrado com fita”, lembra. Eduardo conhecia os ateliês que trabalhavam para o Estácio, os mercados com bons materiais, costureiras, carnavalescos, aderecistas no Rio de Janeiro. Eduardo, então, viabilizava a compra de materiais e fantasias melhores para a Mocidade.

É bom lembrar que a qualidade ruim do material nada tinha a ver com o esmero das costureiras. Todavia, com a vinda de insumos melhores, as costureiras, ainda não profissionais, também davam um upgrade no seu trabalho. Lembrando que o carnaval daqui é comunitário, ainda não tem o nível de excelência de outras praças. Portanto, a Mocidade conseguia sair na avenida com o que dava, mesmo com muito esforço e prumo, teve um avanço, dentro do parâmetro que o carnaval daqui permite, com os contatos do Mestre Eduardo.

³⁹ Segundo regulamento da Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (Liesa) para o carnaval carioca de 2020, o mínimo de componentes para saírem naquele ano foi de 2500 e o máximo sendo 3200.



Eduardo orientando a Furiosa do Planalto e Cristina, Rainha de Bateria (Foto: Mocidade do Gama/Divulgação)

Em 1999, a extinta Rádio Nacional, hoje Empresa Brasil de Comunicação (EBC), resolveu realizar a premiação “Estandarte de Ouro” (criada pelo Jornal O Globo, do Rio de Janeiro) em Brasília. O estandarte é composto por um grupo de jurados que julgam alguns critérios do carnaval, como melhor bateria, melhor fantasia, melhor inovação, melhor carro de com, sendo um “oscar do carnaval”. Na categoria “melhor bateria”, a Mocidade levou o prêmio em todos os quatro anos em que a premiação existiu, até 2004⁴⁰. Quando a Furiosa ganhou o primeiro prêmio, quis ganhar todos. Os ritmistas queriam ter essa chancela mais do que os 10 que levavam dos jurados no desfile. Para alguns ritmistas, era mais satisfatório ter o estandarte do que ganhar o carnaval. Quando a Mocidade ganhou o carnaval de 2005 (ainda chegaremos lá), o prêmio já tinha acabado, mas a vontade era de ter mais estandartes engatilhados. “A gente só não ganhou mais estandarte porque acabaram com o prêmio; a Aruc ganhava o carnaval e a gente trazia o prêmio de melhor bateria pra casa”, recorda Roger.

⁴⁰ Em 2003 não houve carnaval em Brasília, por isso o prêmio aconteceu quatro vezes, de 1999 a 2004.



Eduardo (à direita) e Paulão, diretor de bateria, celebrando a conquista do estandarte de ouro pela Mocidade em 2000 (Foto: Mocidade do Gama/Divulgação)

O leitor deve ter percebido que, dentre outros exemplos citados neste livro, com Eduardo indo para a Mocidade a pedido de Mirislei, negando o convite da escola do Cruzeiro, e a fala de Roger sobre os carnavais ganhos da Aruc — hoje, de longe a maior campeã do Carnaval do DF com 31 títulos⁴¹ —, há certa rivalidade entre as duas escolas. Vários componentes da Mocidade declaram que, de fato, Aruc e Mocidade rivalizam. “Já me chamaram para desfilhar lá, mas não vou de jeito nenhum. Tenho amigas que frequentam lá, e tudo bem, não vejo problema, mas falo por mim. Não vou nem morta”, confidencia uma componente da Mocidade. Já um ritmista diz que até teve um siricutico quando estava prestes a tocar com a

⁴¹ A título de comparação, a maior campeã do carnaval carioca, Portela, tem hoje 22 títulos.

Carcará⁴². “Uma vez me chamaram lá, mas quando coloquei aquela fantasia azul comecei a passar mal, juro por deus”. Cito aqui dois exemplos, mas poderia redigir outro volume deste trabalho apenas de depoimentos gamenses contra a escola do Cruzeiro.

A rixa pode ser contada desde a fundação de fato da Mocidade, sendo a outra escola no DF, tirando a própria Aruc, que tinha uma quadra. Quando subiu para o grupo especial, a Mocidade já mostrava ser uma força com potencial de rivalizar com a escola do Cruzeiro. Por isso, os próprios componentes e comunidade, de ambas as escolas, tinham noção disso, querendo uma agremiação melhor que a outra. Porém, Pedro Teixeira explica que essa rivalidade vem desde quando a Mocidade começou a ter destaque, principalmente depois da relevância alcançada pela escola com a chegada de Eduardo:

Paulo Roberto sempre foi um cara de mídia, sempre foi um excelente vendedor, então ele vendia bem a imagem da escola de samba. Ele fazia dela a melhor. Sempre. Na cabeça dele, ela sempre era a melhor. Mas nos anos 90, quando a escola, digamos assim, se consolidou no cenário, aí ele começou a colocar a Mocidade como a escola mais bairrista, mais aguerrida, que junto com a torcida do Gama (time de futebol) tinha força, essa coisa começou na década de 90. Foi bem quando a Aruc começou a perder componentes. Porque a Aruc era uma escola que se sustentava com componentes do Guará, do Gama, de outras localidades; e tem gente que gosta de sair com a escola que vence. Então como a Aruc era mais forte, tinha aquela história de ter orgulho de sair na Aruc, ‘ah eu saio na Aruc, eu desfilo na Aruc’, porque era a escola que ganhava sempre. E quando o Gama [Mocidade] começou a crescer, também começaram a surgir outras escolas, o carnaval foi crescendo, outras escolas se fortalecendo. A Candangos ficou mais aguerrida, surgiu o Império do Guará, que ficou mais forte, ali pertinho [do Cruzeiro]. Ou seja, muitas escolas começaram a crescer em volta da Aruc e ela foi perdendo componente, porque o Cruzeiro é pequeno. O que fazia a Aruc não era só o Cruzeiro. Quando essas pessoas começaram a ficar nas suas escolas, a Aruc foi enfraquecendo, então começou a buscar gente em outros lugares, enquanto a Mocidade ia crescendo, e Paulo Roberto sempre anunciando que a escola era ‘tal e tal’. Foi quando começamos a fazer nossas fantasias no Rio de Janeiro, quando começamos a trazer intérprete do Rio, PB e MS também de lá. Eduardo chegou e deu um ganho excepcional para a escola, tanto que a bateria virou o xodó de Brasília. Eduardo era um cara muito bem quisto em todas as escolas de samba, tanto que a Aruc fez várias propostas para ele, mas ele não foi porque ele era Gama e ele gostava do desafio. O Gama começou a ser a estrela do carnaval de Brasília, todas as escolas vinham para os eventos do Gama para prestigiar e admirar o

⁴² Apelido da bateria da Aruc.

trabalho do Eduardo na Furiosa, e tudo isso fez o Gama crescer, e Paulo Roberto: 'mídia, mídia, mídia', vendendo bem, e a bateria dando show, aí pronto, começou a ser visada e essa guerra ficou.

Pedro lembra que além da troca de farpas entre os ritmistas das duas baterias, as diretorias brigavam na “mesa” porque a Mocidade encabeçou uma série de mudanças, segundo o ex-dirigente, das quais a escola do Cruzeiro costumava se beneficiar. Agora a história da proibição das fantasias vindas do Rio de Janeiro: muitas vezes a Aruc fazia seus desfiles com fantasias adquiridas no Rio e, até então, não era proibido usar fantasias já usadas pelas bandas de lá. Pensando nisso, a Mocidade brigou muito para que as fantasias cariocas não fossem permitidas aqui, até efetivamente conseguir a proibição das fantasias já usadas em outros carnavais, em alas das escolas de samba do DF. Nessa decisão, ficou liberado trazer apenas fantasias de destaque e aquelas mais aprimoradas como de MS e PB. Até a fantasia de baiana ficou proibida. A partir desse momento, segundo Pedro, todo mundo começou a ter que trabalhar, criar figurino próprio de acordo com seu enredo e não mais adaptar fantasia de alas do Rio para o Carnaval daqui.

Como a Aruc sempre teve um chão muito bom, uma harmonia impecável, de acordo com Pedro, a Mocidade buscou dar um pouco mais de “isonomia”, “democratizando” mais a disputa. A Mocidade sempre estava na frente da briga, batendo de frente com os interesses da escola azul e branca do Cruzeiro. Pedro, aliás, conta que algumas decisões de jurados não eram certas, totalmente confiáveis, que, na visão dele, eram enviesadas. Portanto, começaram a brigar para chamar jurados sem ser de Brasília, a fim de tentar dar uma mexida nos critérios que eram usados.

Ainda de acordo com o dirigente, o enredo da Mocidade em 1997, “Joãosinho Trinta: o Arquiteto da Avenida”, em homenagem a um dos maiores carnavalescos da história da festa, foi prejudicado por conta da pressão da Aruc. O carnavalesco iria sair na escola que o homenageara naquele ano, mas pela pressão encabeçada da escola cruzeirense, as outras escolas acharam que, de fato, a presença de Joãosinho iria ser uma desvantagem para as demais; isso com o homem já em Brasília. A pressão foi tamanha que o homenageado realmente não saiu no desfile, o que maltrata o juízo de Pedro até hoje. Vale dizer, por outro lado, que a pressão que a Mocidade por vezes fez também era feroz do lado de lá, como a própria briga pela fantasia vinda do Rio, que no fim das contas também foi uma solução para a Mocidade. Como dizem, um eterno pé-de-ferro que se estende por décadas e que influencia os próprios componentes em várias esferas e amplitudes.

Voltando à Furiosa, a mão de Eduardo na Mocidade deu muito certo: a bateria tirava quase todos os 10. Nota máxima ou alta, nesse sentido, virariam característica da escola. Eventualmente um jurado ou outro tirava alguns décimos, não deixando a escola ter o escore perfeito, até a vinda de jurados de São Paulo ou Rio. Como mostrado há pouco, os jurados brasilienses, na percepção de Pedro, chegavam a tirar nota da bateria “de sacanagem”. Certa vez, um jurado tirou décimos da bateria e na justificativa escreveu que a penalidade foi imposta por Eduardo ter dançado na frente da bateria. Ressalte-se que Mestre André, criador das paradinhas e um dos maiores nomes do carnaval, dançava na frente da Não Existe Mais Quente (bateria da Mocidade de Padre Miguel).

Uma quebra, contudo, aconteceu na continuidade de Eduardo no comando da bateria da Mocidade. Em 2008, Eduardo e Paulo Roberto tiveram um rompimento por conta de motivos financeiros, demanda feita por Eduardo. A rusga foi tamanha, que, como alguns ritmistas contam, Eduardo foi praticamente expulso da escola pelo presidente. Eduardo, de fato, saiu antes do carnaval de 2009, fazendo que a Mocidade achasse outro mestre de bateria para conduzir a bateria. Aliás, a Mocidade teve que achar toda uma bateria para sair naquele carnaval, porque sem Eduardo a totalidade da Furiosa ficou do lado de seu mestre e, já que ele não ficaria na escola, ninguém ficaria. “Todo mundo cria dele, o melhor de Brasília indo embora, todo mundo deixou a escola”, lembra Valquíria. Para aquele ano, a Mocidade contratou a bateria do Águia Imperial, do Mestre Vagner, para sair na avenida. No entanto, enquanto as coisas se acertaram para a Mocidade, Eduardo foi com alguns ritmistas, como Valquíria e Roger, para o Rio de Janeiro passar o carnaval e introduzir os ritmistas ao verdadeiro carnaval. Lá, passaram, naturalmente, pela Estácio, mas também União da Ilha e Unidos da Tijuca, viram os melhores ritmistas, conheceram muita gente e aprenderam muito.



Eduardo no Rio de Janeiro, em 2009, na Estácio de Sá (Foto: Valquíria Almeida/ Arquivo Pessoal)

Para o ano seguinte, com uma nova diretoria, os ânimos se acalmaram e Eduardo e a Furiosa voltou à Mocidade, mas uma tragédia aconteceria.

Em junho de 2006, Eduardo passou no concurso da Secretaria de Saúde do DF e passou a trabalhar no projeto Saúde da Família, em que agentes da saúde atendem em casa pacientes com dificuldade de locomoção. Eduardo sempre foi muito bem recebido. Como visitava muitas pessoas, sempre tinha uma tosse ali,

um espirro acolá de pacientes, de fato, doentes. Se por contágio ou não, no fim de 2009, em uma dessas vezes, adoeceu. Com o passar dos dias, os sintomas de uma gripe se agravaram e o diagnóstico inicial foi de pneumonia. Eduardo, fumante há muito tempo, teve a doença agravada através de inflamação no pulmão e este ficou tomado por secreção. Eduardo ficou de cama e, portanto, teve o tratamento intensificado.

Deste modo, o mestre não poderia tocar o carnaval de 2010, não tendo condições do maior mestre de bateria da história da Mocidade comandar a verde e branco na avenida. Eduardo, então, incumbiu Júnior, seu filho e ritmista há muito, com 25 anos, para levar a escola. Com a decisão, chamou Júnior ao quarto e o avisou que ele colocaria a bateria na avenida, contudo, um pouco apreensivo. Vendo a cara do pai, Junior perguntou “O trabalho não tá pronto? Não é só conduzir, pai?”.

De fato, a bateria estava nos trinques, o filho tinha competência suficiente para levar a Furiosa. Todavia, Junior tinha um temperamento diferente do pai, o filho se mostrava um pouco mais prepotente que o pai. O mestre então só pediu que ele tentasse mudar o temperamento, ser mais amistoso e tudo estaria bem. Mirislei pediu cuidado ao seu filho, perguntou se ele tinha certeza daquilo, que Eduardo tinha um nome a zelar e não era “de hoje e nem só aqui”. Junior respondeu que não era para se preocupar, ele daria conta. Assim, Eduardo assentiu e o filho foi comandar a Furiosa no ano de 2010, com também a ajuda de Paulão, primeiro diretor, e Valquíria, segunda diretora. Afinal, era só uma vez, dali a pouco Eduardo melhoraria.

Mesmo com o tratamento para pneumonia mais contundente, Eduardo não melhorou. Foi descoberto, aliás, que Eduardo estava, na verdade, com tuberculose e, por vezes, a infecção por tuberculose se confunde com pneumonia. O tabagismo sendo um fator agravante e o tratamento adequado para tuberculose não realizado de início foram elementos determinantes para Eduardo continuar piorando até o seu falecimento no dia 12 de janeiro de 2010, aos 48 anos. O “Mestre André” da Mocidade do Gama, Eduardo, que revolucionou o jeito de meter a mão no couro por aqui, assim como Mestre André fez em Padre Miguel, deixou um legado inegável na escola. Mestre André está para a Mocidade Independente de Padre Miguel assim como Mestre Eduardo está para a Mocidade do Gama.

Quando alguns ritmistas souberam da morte do Eduardo foi um baque grande porque ele era o mentor deles, o guia. “Ele era meu amigo, meu padrinho dentro do samba. Doeu muito”, conta Roger. Não só os ritmistas, mas toda a Mocidade. Até hoje ao se referirem ao Eduardo, componentes que o conheceram tornam a voz mais melodiosa e empregam adjetivos que exprimem afeto e saudade pelo Mestre de São Carlos.

Foram reunidos cerca de 50 ritmistas da Mocidade para prestarem homenagem no velório, que foi feito ao rito budista — religião de Eduardo; religião

que, por conta do mestre, foi a qual Valquíria se converteu. Lá se encontravam amigos, inclusive cariocas que conseguiram ir a tempo, gente do samba, pessoas importantes. “Acho que só não estava o governador da época”, recorda Mirislei. A Furiosa do Planalto primeiro executou algo como uma “marcha fúnebre” com apenas o surdo tocando seu som grave em um compasso marcado, como o barulho de um ponteiro de um relógio solitário em um cômodo silencioso, mas ao invés do som de tic... tac..., foi um forte bater de coração tum.. tum... Ato contínuo, com a fúnebre passada, era hora do que Eduardo gostava e queria ouvir, a bateria passou a tocar sambas enredo durante o enterro e a executar bossas. O caixão de Eduardo estava coberto com a bandeira de sua escola materna, Estácio e daquela que ele modificaria para sempre, Mocidade do Gama. Ao passo que o caixão começou a descer, foi aí que a bateria não parou mesmo. A Furiosa do Planalto e o samba do Gama se despediam do seu Mestre.

Eduardo morreu em uma data muito próxima do Carnaval, no entanto, sua morte não cancelou o carnaval da Mocidade; dias depois do enterro os ensaios recomeçaram. Mesmo com a morte inesperada e muito sentida, perceberam que desfilar seria um pedido de Eduardo. Desde o primeiro ensaio após a morte do Mestre até o desfile foi muito choro, muita tristeza e muita emoção. Mas o filho do Mestre, Eduardo Junior, à frente da bateria, evocou de alguma maneira a figura que todos estavam acostumados. Junior não teve problema em levar a bateria naquele desfile, aliás foi muito bem: Júnior ficou como mestre da Mocidade até 2014, último ano de desfiles em Brasília.

No desfile de 2010, a bateria toda foi com uma tarja preta no braço direito simbolizando o luto por Eduardo e promoveu uma homenagem. Em meio ao desfile, a bateria abriu como o mar vermelho e um banner com uma foto de Eduardo comandando a Furiosa ocupou toda a faixa central aberta pelos ritmistas. A Furiosa honrou o nome de Eduardo naquele desfile. Os ritmistas transformaram o choro e a tristeza em força e foram com tudo na avenida, colocando o couro para mugir, levando duas notas 10 e uma 9,5. Eduardo pediu que a Mocidade nunca deixasse de ser uma bateria referência, perfeita e, também, formadora, missão que deveria ser liderada por Valquíria, Júnior, Roger e Paulão; herança que Eduardo deixou na escola, já que agora seus discípulos deveriam continuar a semear talentos na Mocidade. E assim tem sido. Se depender da Furiosa, o nome de Eduardo nunca será esquecido.

Porém, com a ida de Eduardo, muitos se sentiram abalados e não conseguiram continuar na escola. Foi o caso de Paulão, que não deu conta de se manter na Mocidade com a partida de seu melhor amigo, seu tutor e guia. Assim como Paulão, alguns não tiveram forças para continuar sem o antigo mestre, pelo menos não da mesma forma de antes, mas a Mocidade é resistência, e continuou a trilhar seu caminho, da forma que lhe cabia, mesmo sem uma das maiores figuras de sua história.

O Grito do Cerrado

Com melhores materiais para confecção de fantasias e com a Furiosa do Planalto virando protagonista no carnaval, a Mocidade do Gama passou a figurar com frequência nas primeiras colocações dos desfiles do DF. E, de fato, desde que a escola saiu do grupo de acesso e voltou para o grupo A, em 1996, a Mocidade passou a levar com frequência o terceiro lugar ou o vice-campeonato, quando não, a quarta colocação. Aliás, além das melhores fantasias e do desempenho da bateria, o primeiro casal de MS e PB da Mocidade era sempre quase impecável na avenida. Com a fila sendo puxada por Márcia e Maurício na fundação da escola, seguiram ao posto Edilamar e Anderson, filhos de dona Hilma e Jota Mocidade, ou Oliveira, em 1989; depois, em 1997, assumiram Gleiton e Elisângela. Em seguida, em 2004, César, MS da Aruc, campeão de carnavais pela referida agremiação, entrou no lugar de Gleiton, e fez parceria com Elisângela, tendo Zé Alves e Elizete figurando como segundo casal. Esses casais que desfilaram na avenida no carnaval de 2005, enredo a ser explorado neste capítulo.

Edilamar e Anderson, nos seus quase 10 anos como primeiro casal de PB e MS da escola, mantiveram o status que Márcia e Maurício tinham dado à Mocidade. Antes, ainda crianças, como segundo casal, Edilamar e Anderson ensaiavam todos os dias, hábito que os levou a sempre se sentirem muito preparados: apenas uma vez, já como primeiro casal, não tiraram 10, acabando indo para casa com 9,5. O desconto na nota veio porque no desfile em questão fazia uma ventania danada, causando à bandeira da Mocidade, empunhada por Edilamar, enrolar no mastro, motivo para um jurado tirar pontos do casal. Curiosamente, no mesmo desfile, uma porta bandeira de outra escola caiu em frente aos jurados e, ainda assim, levou nota 10 de todos.



Edilamar e Anderson como casal de MS e PB da Mocidade (Foto: Edilamar Melo/Arquivo Pessoal)

De qualquer maneira, o quesito casal de MS e PB e Bateria eram os carros-forte da Mocidade.

Além desses elementos técnicos, que colocaram a Mocidade no centro das atenções e promoveram a escola a outro degrau desde a metade dos anos 90, muito da “nova Mocidade” estava na conta de quem comandava a escola. Os presidentes Paulo Roberto e Pedro Teixeira (Pedro, inclusive, já vinha assumindo cargos na diretoria da agremiação desde a virada para a década de 90, chegando à presidência da escola pela primeira vez para o carnaval de 1998), basicamente se alternaram no comando da escola por quase uma década — com algumas exceções de mandatos, como Salvador, em 1989, e Inocêncio, em 2006, por exemplo — e mantinham tudo em ordem deixando o caminho livre para a agremiação fazer o que sabia na avenida. E mesmo quando um estava na presidência, o outro ainda permanecia na diretoria ou em algum outro cargo dentro da escola dando apoio.

Os componentes e integrantes da escola, além de se mostrarem satisfeitos com a condução da agremiação na mão dos dois, traduzida nas colocações da Mocidade nos carnavais ano após ano, conseguiam identificar as diferenças entre os dois mandatários quando na presidência. Paulo era o coração, Pedro a cabeça; Paulo era emoção, Pedro a razão; Paulo era apaixonado, Pedro era calculista. Novamente, trazendo o livro *O corpo encantado das ruas* (2019) de Antônio Luiz Simas, Pedro é como Oxalufã, orixá reconhecido por ser paciente, metódico, reto; e Paulo como Exu, orixá da abertura de caminhos, da comunicação, do movimento, mas inesperado, sincopado, imprevisível.



Pedro Teixeira, à esquerda, e Paulo Roberto, à direita, na quadra da Mocidade (Foto: Pedro Teixeira/Arquivo Pessoal)

Pedro Teixeira, à esquerda, e Paulo Roberto, à direita, na quadra da Mocidade (Foto: Pedro Teixeira/Arquivo Pessoal)



Dada a paixão desenfreada de Paulo pela Mocidade, que inclusive era conhecido por ser o membro mais apaixonado pela escola (“ninguém teve mais paixão pela Mocidade do Gama que Paulo Roberto”, conta Pedro), muitas vezes, decisões que precisavam ser tomadas com cautela, com certa distância, não seriam realizadas adequadamente com Paulo no comando. Por outro lado, quando fosse necessário correr atrás de patrocínio, bater na porta de deputado, de governador, buscar componente onde fosse, Paulo seria o cara certo, e sempre estava disponível para fazer esse tipo de ação. Mas também com uma volúpia descompensada para ver a Mocidade bem, como conta Guilherme Henrique, filho de Paulo.

“Meu pai fez muita coisa que deixou minha mãe furiosa. Ele tirava de casa para colocar na escola, minha mãe (Cícera) passou muitos momentos conturbados por causa do amor dele pela Mocidade. Chegou a tirar material de construção, dinheiro da construção da casa que minha mãe mora até hoje, fazia dívida, dava o nome como garantia. Era tudo para a escola de samba e nada para casa. Tudo pela escola de samba, tudo. O sonho dele era ver a escola com quadra, com banheiro, com bar, com condição de receber público, de fazer evento, de deixar as pessoas

confortáveis, e ele não media esforços para isso: era desde tirar coisas de dentro de casa até ficar se humilhando na frente de deputado, de administrador”. E continua: “se ele via que precisava aumentar em tantas telhas o telhado da escola, levantar uma parede, colocar mais uma privada no banheiro ele ia lá e fazia, corria atrás de empresários do gama para patrocínios, colocava a mão na massa — aqui leia-se literalmente — para arrumar uma porta e assim ia. Pagava do próprio bolso um pedreiro, arranjava um ajudante para o profissional, contratava serralheiro, vidraceiro, mas a escola não poderia estar à míngua”.



O empresário e político Paulo Octávio com Paulo Roberto, em uma das missões de Paulo pela Mocidade (Foto: Guilherme Henrique/Arquivo Pessoal)

Guilherme Henrique também conta que Paulo Roberto era até uma figura “polêmica”, dividindo sentimentos de amor e ódio em relação a ele dentro da Mocidade. “Na questão que envolvia dinheiro, administração ou execução de algum projeto, a paixão tem que ser deixada um pouco de lado, algo que meu pai não conseguia. Então as pessoas podiam não gostar muito dele pelo fato dele não conseguir separar paixão da razão. E mais: ele queria estar no controle de tudo, supervisão de tudo e tudo tinha que ter a cara dele, o que incomodava muitas pessoas, porque ele não confiava nas pessoas, fazia tudo do jeito dele, mesmo que escondido. Mesmo delegando funções, acabava dando pitaco e tomava as rédeas, fosse na bateria, na execução de alguma coisa, enfim”, revela.

Na eleição que escolheu o presidente para o biênio 2004 e 2005, Pedro foi eleito pela segunda vez para comandar a Mocidade. Paulo ficou fora da escola, pois tinha sido eleito presidente da Liga das Escolas de Samba de Brasília (Liesb) também em 2004. Período, aliás, difícil para a Mocidade, pois Paulo queria mostrar sua retidão como presidente da Liga e fazia de tudo para não parecer desonesto em ações que pudessem favorecer a escola, porém, às vezes, chegando ao ponto de prejudicar a Mocidade. Por exemplo: na apuração do carnaval de 2004 (primeiro ano de mandato de Paulo na Liga), um membro da Comissão de Carnaval da entidade propôs uma punição para a Mocidade do Gama pelo fato de a escola ter desfilado com nove componentes na Comissão de Frente (CF), sendo que o número mínimo de pessoas previsto no regulamento da Liga era de 10 componentes. Segundo o regulamento, caso a escola fosse para a avenida com menos de 10 (mínimo) e mais de 15 (máximo) componentes na CF, sofreria punição na nota. De acordo com Pedro, a escola havia ido com o mínimo de componentes, mas a confusão se deu porque a fantasia de um componente era diferente do resto da CF, o que fez o membro da Comissão de Carnaval propositor da punição entender que o indivíduo da fantasia diferente era o coreógrafo, assim, configurando que a CF da Mocidade tinha apenas 9 pessoas. A proposta de punição foi acolhida por Paulo Roberto, que efetivamente aplicou a punição à Mocidade, fazendo a escola perder 17 pontos, tirando o segundo lugar da agremiação naquele carnaval e a deixando no 6º lugar na colocação, apenas uma posição à frente do rebaixamento. Naquele ano, abaixo da Mocidade ficaram Acadêmicos da Asa Norte e Império do Guará, rebaixadas para o Grupo de Acesso. O clima ficou ruim, Paulo ficou preocupado e passou um tempo sem pisar na agremiação. O pessoal ficou nada feliz. Posteriormente, com a situação superada, ficou a lição de que essa vontade de Paulo de mostrar lisura no cargo de presidente da Liga poderia até passar para o outro lado, fazendo, inclusive, a escola que ajudou a fundar quase ser rebaixada.

Agora, para demonstrar a parte controladora e “palpiteira” de Paulo: durante seu mandato na Liesb mais atritos estavam acontecendo entre ele e Pedro. Se para a Liesb Paulo queria demonstrar lisura, na Mocidade continuava com vontade de interferir na condução da escola, o que Pedro não aceitava, gerando discussões. Paulo, inclusive, aplicou uma advertência proibindo que Pedro se manifestasse nas assembleias da Liga devido às constantes brigas. Pedro apresentou um pedido de defesa e a assembleia derrubou a punição. Choques e discussões corriqueiras na vida dos dois, mas que eram inexoravelmente superadas.

Pois bem, ultrapassado o carnaval de 2004 — e suas problemáticas —, era chegada a hora de arquitetar o enredo para 2005, o qual deveria envolver Brasília, critério estabelecido pela Liesb para todas as escolas. Na Mocidade, um grupo dentro da diretoria escolheu contar sobre a cultura de Brasília, outro grupo escolheu a arquitetura, outro quis se apegar a algum personagem ou personagens icônicos da capital. Pedro, a contragosto quase geral, decidiu falar sobre a parte ambiental

de Brasília, sobre o cerrado. Paulo Roberto, mesmo apitando nada dentro da escola na época, esteve envolvido indiretamente no carnaval a ser apresentado em 2005; o poder de decisão, no entanto, estava com Pedro.

Paulo também compartilhava da opinião de outros grupos sobre a história do cerrado. Disse que aquilo não daria certo; já Pedro, em contrapartida, falou que conseguia ver, sim, coisas boas de apresentar na avenida. Com os dois apegados às suas convicções do que seria melhor para a Mocidade, acabaram novamente brigando algumas vezes, mas Pedro, como presidente da escola, bancou sua própria decisão: “Vai ser isso e acabou. Sou o presidente da Mocidade e o enredo da Mocidade para 2005 vai ser sobre o Cerrado”, disse a Paulo.

Pedro queria novidades para o desfile, renovação no que a Mocidade vinha apresentando em seus carnavais, trabalhados por Francisco das Chagas Mascarenhas, mais conhecido por Risko de Santarém⁴³. O carnavalesco estava trabalhando na Mocidade há bastante tempo e, ao fim, veio a ficar na escola por cerca de 10 anos. Pedro, contudo, estava sentindo um desgaste no processo criativo do carnavalesco. Para o presidente, as concepções de Risko estavam parecidas ano a ano, como se a criação já estivesse esgotada. Portanto, buscando a renovação, Pedro desejava tirar Risko do processo criativo. Paulo foi contra: mais brigas entre os dois.

Paulo não queria perder Risko, carnavalesco de confiança, mas Pedro bancou a decisão de mudar. Com o presidente irredutível, Paulo acabou por concordar com a ideia e sugeriu Trovão, dono de um ateliê em São Paulo, de quem ambos já tinham referência de alguns trabalhos feitos pelo artista. Após a discussão de mais alguns nomes, Pedro achou que Trovão trabalharia melhor dentro da concepção ambiental que queria. Essa mudança causou desgaste na relação entre Pedro e Risko de Santarém. O presidente, no fim das contas, não queria dispensar totalmente o carnavalesco da Mocidade, desejava tê-lo por perto, havia coisas que ele poderia ajudar. Conversa vai, conversa vem, Risko aceitou cuidar dos carros e alegorias, enquanto Trovão ficaria responsável pelas fantasias e adereços do carnaval de 2005 da Mocidade: “O Grito do Cerrado”.

O trabalho de Trovão consistia em apresentar propostas para as ideias de Pedro. Se o presidente queria uma cachoeira, o artista desenvolvia a cachoeira, de forma material. Esse processo demandava, em certa medida, o acompanhamento de perto por parte de Pedro. Foram 5 viagens de bate e volta Gama-Osasco, em cerca de 15 dias, até resolver as questões que apareciam no processo. Além da estética, Pedro também precisava de um samba. Conversou com Paulo, que fez os trâmites para encomendar o samba a ser defendido pela Mocidade naquele ano.

⁴³ Já falecido.

Antes do conflito com Risko e Paulo Roberto na prévia da realização do carnaval de 2005, Pedro havia comprado outra bronca dentro da Mocidade: havia decidido por não dar continuidade da moradia de Dona Hilma e Oliveira dentro da escola. Uma decisão muito difícil, segundo Pedro, visto que eram queridos por todos e a escola estava muito estruturada em cima da família, pois Jota Mocidade [Oliveira] era compositor e por vezes intérprete da escola, contribuindo com a Mocidade desde que eles chegaram, em 1987; Dona Hilma com sua habilidade de costura e de hospitalidade dentro da escola também tinha semeado muito afeto e carinho por todos. Seus filhos, Edilamar e Anderson formavam casal de MS e PB, outro irmão fazia parte da bateria, e tudo isso desde praticamente a fundação da Mocidade.

Pedro conta que em certos momentos a diretoria ficava até constrangida de tomar uma outra decisão que afetasse a família, para não sofrer “retaliações”. No entanto, tirar a família de lá, na percepção de Pedro, foi uma decisão para fazer valer os interesses da escola, não questões individuais. Decisão e processo doloroso. Mas no fim das contas, foi melhor para todas as partes. Edilamar conta que, com a decisão de Pedro, os dois se mudaram para um local “ao lado” da escola e a relação não estremeceu, tinham, na verdade, sentimento de gratidão por todo o período.



Hilma e Oliveira na quadra da Mocidade (Foto: Mocidade do Gama/ Divulgação)

Com a saída da família de Hilma, o barracão ficou a ermo. Certo dia, Pedro estava em casa e recebeu uma ligação sobre um incêndio na quadra. Os bombeiros já tinham sido acionados e Pedro saiu correndo de casa em direção ao Bezerrão. Como o Barracão não era compacto, havia áreas dispersas dentro do local, por isso o fogo não consumiu tudo. Contudo, fantasias, adereços e parte de carros alegóricos foram atingidos. Prejuízo considerável para a Mocidade. Lembrando que o incêndio aconteceu antes de, efetivamente, começar a montagem para o carnaval de 2005. Após o acontecimento, Mestre Eduardo e Mirislei passaram a morar no Barracão da escola.

Retornando ao pré-carnaval de 2005, em meio a ensaios, produção de fantasias, de carros e a correria habitual para colocar um carnaval na avenida, a uma semana do desfile, o intérprete da Mocidade, Silvio de Itapuã, figura conceituada dentro da escola que pertencia à prateleira dos mais competentes, pediu a Pedro o adiantamento de seu cachê de 500 reais, combinado de ser pago posteriormente ao desfile. Vale destacar que os dias antecedentes ao desfile são de muito estresse e ânimos à flor da pele. Pedro, portanto, “aceitou” a reivindicação do trovador, pagou ao cidadão a quantia e avisou que ele não precisava mais ir aos últimos ensaios porque ele não iria para a avenida.

A sete dias do desfile, a Mocidade havia perdido seu intérprete. O “cara”, o “bambambam”, nas palavras de Pedro, não estava mais à frente do carro de som. O que fazer? Outros intérpretes estavam em concentração total com suas escolas, não havia alternativa. A saída encontrada foi dentro da escola: Sorriso, o número 2 do carro de som. Pedro resolveu ir para a avenida com um integrante do coro da escola, participante do carro de som. Sorriso já sabia o samba, estava ensaiando com o outrora principal e tinha costas para aceitar o desafio. A Mocidade estava pronta para sair na avenida, em Ceilândia.

O circuito conhecido como “Caldeirão da Folia” montado entre 1997 e 2004, atrás da Torre de TV, no Eixo Monumental, foi transferido em 2005 para Ceilândia. A nova estrutura ficou conhecida como Ceilambódromo, onde o carnaval foi realizado até 2012. Rogério Rosso, então administrador de Ceilândia, queria transferir o carnaval do centro da capital para a RA.

Em tempo, Paulo Roberto, anos antes da transferência, já percebia que o carnaval estava perdendo força no Plano Piloto. Guilherme Henrique, filho de Paulo, diz que, atrás da Torre de TV, chegou ao ponto da Mocidade desfilando para praticamente ninguém, várias partes da arquibancada vazias, desmotivando em certa medida os desfilantes. Com a proposta de Rosso a Paulo, o presidente da Liga ficou muito animado, pois mudar o local dos desfiles já era um sentimento

no radar da comunidade carnavalesca, que logo abraçou a proposta de Rogério Rosso.

Pedro e outras escolas, porém, eram contra Ceilândia. Para eles, beneficiaria a Águia Imperial e outras agremiações da região. Ademais, o novo local de desfiles seria distante para algumas escolas. “Não era tão democrático”, lembra Pedro. Mas as escolas foram cedendo, Paulo e uma parte da Liesb se associaram a Rogério Rosso e foi decidido levar o carnaval para Ceilândia. Essa decisão, contudo, não era unilateral, precisava-se da assinatura de todas as escolas para que a transferência pudesse ser concretizada. A Mocidade, portanto, não queria de jeito nenhum acatar a proposta. Pedro aguentou até onde pôde, ao ponto em que só faltava a assinatura dos representantes da Mocidade para o carnaval acontecer em Ceilândia. Período de desgaste, mais uma vez, entre Paulo e Pedro. Por fim, depois de perceber que era inevitável, Pedro e dirigentes acataram e assinaram por último o documento com o aceite. O carnaval de 2005, portanto, iria para a Ceilândia.

O complexo do Ceilambódromo ficava entre a via M1 e M2 de Ceilândia, ao lado da Administração da RA e próximo ao Fórum e à Feira da cidade. A avenida tinha 250 metros de comprimento e 15 metros de largura, com um recuo para a bateria no meio da passarela. As duas arquibancadas tinham capacidade oficial para 12 mil pessoas, embora até mesmo antes do início dos desfiles fosse esperado um público de 50 mil presentes por dia. Ao todo, com as vindouras apresentações do grupo especial, do grupo de acesso e das apresentações dos blocos, a expectativa era de 150 mil pessoas. Além das arquibancadas, o complexo também contava com 51 camarotes, que ficavam à direita da avenida e 60 banheiros químicos atrás das arquibancadas — 20 deles próximos aos camarotes e praça de alimentação. Apesar de tudo isso, passou a ser comum nos desfiles problemas na concentração e dispersão, além da estrutura não ser definitiva, sendo necessária ser montada ano após ano.



OPERÁRIOS TRABALHAM PARA TERMINAR A ÁREA DOS DESFILES, NA CEILÂNDIA: ARQUIBANCADAS COBERTAS TÊM CAPACIDADE PARA 12 MIL PESSOAS SENTADAS

Montagem da estrutura do Ceilambódromo, em 2005
(Correio Braziliense de 02/02/2005/Reprodução)

E cumprindo as previsões, na abertura do carnaval, um sábado, 5 de fevereiro de 2005, com muito axé — preparando o terreno para o trovejar das baterias que se apresentariam nos dois dias seguintes — o público compareceu em peso no Ceilambódromo: cerca de 30 mil pessoas a mais do que havia previsto a organização, um “Sucesso” como escreveu o Correio Braziliense na edição de domingo, 6 de fevereiro de 2005.

Nota 10 em EMPOLGAÇÃO

DANI JÚNIOR
E MARA FERREI
DAQUILO DO CORREIO

O Ceilambódromo veio para ficar. O sucesso dos quatro dias de festa garantiu a consolidação da maior cidade do Distrito Federal como sede oficial do carnaval de Brasília. As estatísticas ajudam os defensores da ideia. O público presente nas arquibancadas e nas proximidades da passarela em 2005 foi superior aos dias dos últimos quatro anos somados. Aproximadamente 250 mil pessoas passaram pela nova Passarela da Alegria entre as noites de sábado e sexta-feira, de acordo com a Polícia Militar. Entre 2000 e 2004, as marchas contavam atrás da Torre de TV, a média de público anual foi de 60 mil espectadores, de acordo com a Liga das Escolas de Samba. Diante da aprovação popular, a promessa é de ampliar a infra-estrutura, construir um sambódromo definitivo, erguer barracões nas regiões das escolas de samba, possibilitar que as organizações promovam eventos ao longo de todo o ano e gerar empregos.



AS ARQUIBANCADAS DO CEILAMBÓDROMO FICARAM LOTADAS DURANTE OS QUATRO DIAS DE CARNAVAL. MAIS DE 250 MIL PESSOAS ESTIVERAM NA NOVA PASSARELA DA ALEGRIA

Matéria sobre o sucesso do primeiro carnaval em Ceilândia
(Correio Braziliense de 06/02/2005/Reprodução)

Ao fim da festa, mais de 250 mil pessoas compareceram ao Ceilambódromo em quatro dias de carnaval, número superior ao público presente nos quatro carnavais anteriores, que aconteciam atrás da Torre de TV. O prognóstico de Paulo estava correto, a mudança do local dos desfiles foi um acerto, tanto pelo público presente quanto pela segurança — apenas ocorrências leves foram registradas, e qualquer princípio de brigas era vaiado pelo público. No entanto, o carnaval na Ceilândia aconteceu até 2012. No ano seguinte, foi transferido para a parte externa do Ginásio Nilson Nelson, diante das reclamações de estrutura e distância de algumas escolas para a passarela.

Como relatado no início do capítulo, a Mocidade passou a figurar com frequência no pódio do samba do DF e, para isso, a agremiação sempre fazia seus investimentos com o pensamento de chegar ao menos em 3º lugar; e em 2005, a escola havia feito muitos investimentos, como de praxe. Uma vez que não era viável começar a correr atrás para começar montar o carnaval inteiro a partir da liberação da subvenção (que em 2005, inclusive, só foi liberada a 15 dias do carnaval), a

escola fazia dívidas no decorrer do ano, com dirigentes (como já visto no caso de Paulo Roberto) até tirando do próprio bolso, contando que esse dinheiro retornaria com a premiação pelo menos do terceiro lugar. Se não pegassem pelo menos essa colocação, aí sim, seria prejuízo; muito dinheiro empenhado seria perdido. Claro que passava muito pela confiança no trabalho, na escola, na comunidade, e quem seriam seus adversários: conhecer seus concorrentes é fundamental, segundo Pedro. A verba liberada pelo GDF, para aquele carnaval, foi de R\$ 75 mil e a Mocidade acabou gastando R\$ 90 mil. Ou seja, a escola estava tencionada a ganhar o pódio de pelo menos terceiro lugar para não ter prejuízo algum. Pedro lembra que, no ano em questão, teve até que pegar um empréstimo no banco para jogar na Mocidade; em outra ocasião vendeu até a própria geladeira para pagar contas da escola.

A Mocidade levou à avenida 700 componentes e três carros alegóricos. Seu casal de MS e PB estavam de beija-flor e flor, respectivamente, a bateria foi fantasiada de verde e marrom, aludindo à renovação do cerrado a partir de suas queimadas naturais, a CF e o abre-alas traziam à luz a importância da água. O desfile sustentável da Mocidade foi um deleite para os jurados.



Dados e fotos do desfile da Mocidade em 2005
(Correio Braziliense de 14/02/2005/Reprodução)

Depois de perder o vice-campeonato em 2004 por uma pesada punição de 17 pontos, a Mocidade, em 2005, pegou nota máxima em 11 de 20 quesitos, somando 195 pontos, o suficiente para ser campeã. Porém, outra escola também tinha ido muito bem; aliás, tão bem quanto a Mocidade: a dona da casa, a Águia Imperial de Ceilândia conquistou os mesmos 195 pontos que a verde-e-branco. Para uma se consagrar campeã, haveria de ter o desempate, considerando determinados critérios. Mantendo-se o empate no primeiro critério, seguiria para o segundo, e caso ainda se mantivesse o empate, iria para o seguinte e assim por diante.

O primeiro critério de desempate era a maior nota em bateria. Quando foi anunciado este critério na apuração — que aconteceu na quarta de cinzas, no

próprio Ceilambódromo —, toda a turma do Gama que acompanhava o evento começou a delirar, gritavam, cantavam o samba-enredo, pulavam e, como não poderia deixar de ser, alguns ritmistas representando a Furiosa colocaram o couro para pedir clemência, porque da fruta que a Ceilândia gosta, o Gama come até o caroço: no critério bateria, a verde-e-branco teve nota 10 dos dois jurados, enquanto a águia teve 9,5 em ambos. Fim das contas: Mocidade conquista seu primeiro — e único — título do grupo especial, em 2005.

Ainda no Ceilambódromo, na celebração do título, a anfitriã não aceitava o campeonato da Mocidade, pelo fato de Paulo Roberto ser o presidente da Liga naquele ano: “muito feio”, disse o presidente da Águia Imperial sobre Paulo e o título da Mocidade. Esse frisson foi se acumulando ao ponto da torcida do time de futebol Brasiliense, associada à Águia (ambos são de Ceilândia) começar a ter um atrito com a torcida do Gama. A cavalaria da PM teve que controlar a situação e alguns grupos da Mocidade foram escoltados para os ônibus que levariam de volta os foliões alviverdes.

Vale um parênteses aqui. A tensão entre a torcida dos times de futebol Gama e Brasiliense é comum, pois configura-se a principal rivalidade nos campos do DF. Esse tipo de briga, todavia, não é normal de acontecer entre escolas de samba. É, inclusive, natural uma escola convidar outra para apresentações em sua quadra, mesmo se consideradas rivais. O elemento cultural impede, por muitas, esse estranhamento entre componentes ao ponto de chegar a agressões verbais ou físicas, que, infelizmente, são corriqueiras entre torcidas de futebol.

Nesse caso, isso aconteceu pelo fato de as torcidas dos times estarem estritamente ligadas às escolas. A “Inferno Verde”, antiga torcida organizada do Gama, ia para as arquibancadas inflamar o desfile da Mocidade, com balões, com cânticos, com pulso; um carnaval à parte nos alambrados. Não só a Inferno, mas também a “Ira Jovem”, organizada que sucedeu a Inferno. Assim, calhava de ter brigas nas arquibancadas por conta do conflito trazido dos estádios para a passarela. Mais um exemplo da impossível dissociação entre Mocidade e time do Gama.

Público e a torcida Inferno Verde inflamando a arquibancada enquanto a Mocidade atravessava a passarela (Foto: Mocidade do Gama/Divulgação)



A comemoração da escola aconteceu no sábado seguinte à apuração, no Bezerrão, com tudo de direito: trio elétrico, palco, samba comendo, chopp escorrendo dos copos de plástico, latinha de cerveja, cachaça, pagode, fogos de artifício e o mar verde-e-branco em celebração. Gente da comunidade, parentes, jogadores do time do Gama, torcedores, crianças, todos em sintonia. Era abraço e beijo para cá, outras coisas pra lá — carnaval em seu estado puro. O tanto de gente que se encontrava no ar devido aos pulos era o mesmo que se espatifava no chão, devido ao estado motor comprometido pela canjebrina. “Não sei que diabo é que aquela grama escorrega tanto. Meu couro rasgava todo”, diz uma foliã, lembrando da festa.

Inclusive na hora de fazer o samba para 2006, Eduardo pediu (e seu pedido foi atendido) ao compositor Dilson Marimba que colocasse um verso em referência ao critério de desempate que deu o campeonato para a Mocidade e, claro, em provocação ao lado ceilandense. O verso saiu como “a furiosa é quem decide, nesse batuque eu quero ser feliz”.

Para arrebatrar a felicidade de vez, só faltava o Gama ganhar do Brasiliense no jogo que viria a acontecer no dia seguinte, domingo. A festa foi também uma forma de inflamar jogadores e torcidas para ir com tudo para cima do Brasiliense no Bezerrão e decretar a hegemonia, momentânea, claro — uma vez que em competições tudo é passageiro — do Gama sobre Ceilândia. A equipe ceilandense não vencia o Gama no Bezerrão há 3 anos, portanto, o favoritismo ainda ajudava a turma do “empolgou”. Na festa da comemoração, no sábado, não demorava e

aparecia um grito: “E DOMINGO É O GAMA! É O GAMÃO DO POVÃO!”. Mas, antes, a partir da quinta-feira que antecedeu a festa, carros de som começaram a passar pela cidade, até sábado, convocando a massa para a peleja de domingo.

Dia do jogo. Tudo certo para o golpe de misericórdia que seria dado ali no Bezerrão. A escola de samba deu a volta olímpica no estádio antes do jogo, mandando beijinho, apresentando o troféu de campeã de 2005 e o casal de MS e PB empunhando o pavilhão da escola. Estádio alviverde fervendo, fogos de artifício e alegria no ar. Times entram em campo, árbitro faz os últimos ajustes e inicia o jogo. Ali, mais festa ainda, como não poderia deixar de ser. Era só questão de tempo para o ano do Gama ter sido feito ali mesmo. O time da casa abriu 2x0 logo no primeiro tempo, nada mais importava. Contudo, veio a inesperada água no chope. “Aí o filha da puta do Brasiliense vai e empata. 2x2. Puta que pariu, gosto nem de lembrar, ô desgraceira”, relembra Maria do Carmo, torcedora. Mas mesmo com o empate, o torcedor da Mocidade não desanimou e seguiu para a quadra após o jogo para fazer a festa. A cereja do bolo, que não veio, não estragaria o evento principal. Não vou estragar a narrativa da alegria daquele dia, mesmo com o empate. Mas só para o leitor ficar contextualizado, o Brasiliense acabou levando o campeonato daquele ano por 3x0, sobre quem? Gama.

Aliás, sobre a premiação da Mocidade de campeã, curiosamente, foi de 20 mil reais — R\$ 50 mil a menos que a subvenção. Se o gasto foi de R\$ 90 mil e a subvenção de R\$ 75 mil, a escola tinha conseguido cumprir o objetivo de cobrir os investimentos daquele ano.

Em meio ao alto astral, já no planejamento para o carnaval de 2006, chega uma informação para a Mocidade que transformou sua história. O Bezerrão passaria finalmente pela reforma que vinha se arrastando em forma de promessas, e mudando de projetos, desde 2001. Nesse último projeto, que já iria entrar em execução, não havia espaço para a quadra da escola; ela deveria ser realocada.

Era como se Exu — Orixá do movimento, da comunicação —, o Orixá malandro, festeiro, moleque arteiro, imprevisível e irreverente (assim como o surdo de terceira); aquele que “acerta o passarinho ontem com a pedra que joga hoje”, ou “quando está sentado, sua cabeça bate no teto, e quando se levanta alcança o tamanho de uma fogueira”, como diz a tradução de dois de seus Orikis⁴⁴, o que está acertado quando vira do avesso, enquanto festejava a glória da Mocidade,

⁴⁴ Frase que revive, simboliza, sintetiza e evoca características de um determinado Orixá a partir de sua mitologia. Orikis retirados do livro “*O corpo encantado das ruas*” (2019), de Luiz Antônio Simas.

dançando, cantando e bebendo, ao mesmo tempo oferecesse à escola um prato de vatapá encharcado com a pimenta mais brava e ingrata de todas, que dilacera até o mais grosseiro dos paladares e que nocauteia e expurga como cachaça velha da Bahia.

O anúncio da reforma prenunciava o mar de azar que a Mocidade passou a enfrentar por anos, com episódios que testaram a comunidade. Para deixar claro, a Mocidade só saiu do Bezerrão no segundo semestre de 2007, portanto os próximos capítulos ainda são com a escola tendo sua sede no estádio da cidade. Contudo, apesar de ainda figurar no pódio do carnaval nos quatro anos seguintes, os componentes da escola verde e branco passaram por poucas e boas depois da conquista do campeonato de 2005.

A Vida é um Jogo e Cada um Joga Com o Que Tem

Findado o carnaval de 2005, as eleições para escolher o presidente do biênio seguinte estavam prontas para serem realizadas. Pedro Teixeira não queria se reeleger, mas, com ajuda de Paulo Roberto, indicou ao posto uma pessoa que participou do carnaval da Mocidade de 2005: um ex-administrador do Gama, Júlio César Amorim⁴⁵. Pedro fez o convite ao homem, viu que ele tinha uma cabeça nova, era um cara empolgado; seria um processo de renovação na condução da escola. Se Júlio topasse, o próprio Pedro montaria uma diretoria “bacana”, também com novas ideias pro mandato, tudo para dar certo. Feito o convite, Júlio topou e, com o apoio de Pedro e Paulo Roberto, acabou ganhando a presidência.

Pouco tempo dali, no anúncio do novo presidente, Júlio queria ser apresentado na quadra da escola com pompa, o que causou certo mal estar. A própria — nova — diretoria e os componentes da Mocidade estranharam a atitude do novo presidente. Ainda teve mais: um ex-diretor de cultura do Gama que trabalhou com Júlio na época que este fora administrador, estava trabalhando, na ocasião, com promoção de eventos. Para um novo evento que iria realizar, o, agora, promotor viu que a quadra da escola tinha um bom espaço e procurou a Mocidade, via Júlia César, para que fosse alugado o barracão. Sem muitas dores de cabeça, o negócio foi fechado.

No evento, o locatário, que tinha rugas com o atual (daquele ano) diretor de cultura do Gama, começou a falar mal dele na quadra da escola, com microfone ligado nas caixas e com tudo o que tinha direito. Pedro, logo que soube do caso, foi falar com o promotor de eventos sobre a atitude, até porque a quadra da escola não poderia ser palanque para aquilo. A Mocidade sempre foi parceira de qualquer administrador do Gama, fosse quem fosse. Recebendo a crítica, o falador disse que estava no seu direito porque estava alugando o espaço. Pedro não aceitou o argumento e se manteve firme em sua posição de que aquilo não poderia ter acontecido. Júlio interveio em defesa de seu antigo diretor de cultura. Como o escritor e jornalista baiano Franciel Cruz diz, “a casa começava a feder a homem”.

Júlio César, parecia, na verdade, estar em ritmo para se lançar como deputado distrital em 2006; fato que ele nunca confirmou, mas nunca negou. Usou sua posição para tentar angariar votos. Pedro mais uma vez interpelou a atividade do presidente e disse que se ele quisesse ser candidato ao legislativo,

⁴⁵ Procuramos contato com Júlio Cesar, mas não obtivemos retorno.

teria que ajudar a Mocidade de outras formas. Afinal, sempre que há campanha eleitoral, a escola procura um parceiro político para obter recursos e viabilizar o dia a dia da agremiação, inclusive o administrador. Ali houve um choque entre Pedro e Júlio Cesar.

Percebendo que era furada, que a escola não estava em boas mãos, Pedro precisava agir, visto que o carnaval já estava próximo. Ele se reuniu com a diretoria montada para Júlio César, colocou toda a situação para os membros e pediu para que entregassem os cargos. Assim, o presidente não teria apoio político e seria forçado a sair. Os diretores entenderam a situação e desertaram. Sem a diretoria, Júlio Cesar saiu da presidência da escola, ainda dizendo que iria acionar seus advogados. Situação estéril, nada aconteceu.

Portanto, o próximo passo era chamar eleições provisórias. Inocêncio Roque Aragão, fundador da escola e que veio no barco com Iza Barbosa, foi, então, indicado por Pedro para o mandato tampão. Aragão, como também era comumente chamado, havia sido o diretor financeiro no carnaval de 2005 e, para Pedro, era uma forma de prestigiá-lo, até por sua história, dado que ele havia participado das primeiras conversas para fundação da escola. A indicação foi outro pedido de Pedro acatado pela escola: Inocêncio presidente temporário para o biênio 2006-2007, agora com Paulo Roberto sendo diretor de carnaval. É aqui que começa o problema da Mocidade para o carnaval de 2006.

Antes da Lei Distrital de Carnaval nº 4.738/2011, ao fim de cada carnaval, as contas-correntes das escolas ficavam inativas, visto que não costumam ter movimentação, já que o caixa das escolas não tinha fluxo. O Banco de Brasília (BRB), responsável pelas contas das escolas, informou que uma conta corrente sem movimentação durante um ano fica em standby, ou inativada, isto é, fica sem poder ser utilizada até a eventual ativação, feita via contato com o banco. Portanto, para que as escolas não ficassem pagando a tarifa de manutenção até a derradeira inativação, era melhor que as próprias escolas a pedissem, assim que acabasse o período de carnaval. Logo, com a conta inativada, as escolas precisavam ativar novamente suas contas para receber a subvenção do carnaval seguinte.

Pedro Teixeira relata como era o dia-a-dia da escola com a dinâmica de inativação da conta corrente. “Conta de subvenção é um valor que vem e você tem que usar tudo, se não usar tudo, tem que devolver o que não usou para o governo. Como esse dinheiro era insuficiente, você usava todo o recurso. No decorrer do ano, o que vinha mal girava no caixa, os eventos que a gente fazia eram muito de empatar ou dar prejuízo, de você ter que correr atrás, era só para movimentar a escola mesmo. As escolas nunca tiveram recurso para manter nada em conta corrente”, diz.

Agora, à história: uma sexta-feira já próxima do carnaval, sete de fevereiro de 2006, era dia de repasse da segunda parcela da subvenção, realizada pela Liga

para as escolas de samba. Na tarde daquele dia, o telefone de Pedro tocou e, no outro lado da linha, era Paulo Roberto perguntando qual era o número da conta da Mocidade. Aquilo foi muito estranho, pois a primeira parcela da subvenção já havia sido depositada pela Liga, faltava apenas a segunda, de acordo com os responsáveis, no valor de 30 mil reais. Mas se a primeira parcela já havia sido liberada, a conta teria que ter sido ativada, há pelo menos um mês, para a Mocidade a ter recebido. Pedro, muito confuso, perguntou: “Ué? Vocês não ativaram a conta? Como fizeram com a primeira parcela da subvenção?”, e Paulo respondeu que ele e Inocêncio precisaram viajar, e a primeira parcela tinha sido depositada na conta de Aragão, mas que agora, estavam com o dinheiro da segunda parcela na mão e queriam depositar o dinheiro na conta da Mocidade. Achando aquilo muito esquisito, sem entender direito, Pedro informou o número da conta.

Os fatos a serem narrados a partir de agora foram extraídos de acordo com os depoimentos dados ao delegado Fabiano Medeiros de Souza, no inquérito da 1ª Delegacia de Polícia do Valparaíso (GO); hoje o inquérito está arquivado na 2ª Vara Criminal de Valparaíso (GO). A ordem dos depoimentos, aqui, é de Aragão, Paulo Roberto, Maria Lúcia (diretora financeira da escola) e Ana Paula, gerente da agência do BRB do Buriti. Segue:

De acordo com Aragão, ele estava com Paulo Roberto na quadra da escola e, por volta das 15h, foram à agência do BRB localizada no Buriti pegar R\$ 30,5 mil, provenientes da parcela da subvenção. Na agência, Aragão disse que pediu para a atendente fazer a transferência do valor para a conta da escola, vinculada à agência do BRB do Gama, mas lhe foi dito que o dinheiro não estava entrando na conta, pois tal conta era inexistente. Aragão, portanto, ao invés de passar para a conta da escola por transferência, decidiu sacar o dinheiro e depositá-lo direto na conta.

No depoimento, Aragão ainda disse que o dinheiro só poderia ser sacado com assinatura do presidente da escola, ele, e do diretor financeiro da agremiação, na época, Maria Lúcia. Portanto, para sacar a subvenção, Inocêncio ligou para o local de trabalho de Maria Lúcia, que disse não ser possível ir à agência, mas incumbiria o diretor de carnaval, no caso Paulo Roberto, de efetuar a assinatura para sacar o dinheiro.

Em seguida, de acordo com o depoimento, os dois sacaram o dinheiro e foram até outro lugar do banco para realizar o depósito, mas, mais uma vez, não deu certo, pois a conta destino estava inativa. Diante da negativa, decidiram ir embora para a quadra com o dinheiro em mãos e, na segunda-feira, fazer o depósito diretamente na agência destino. Antes de ir para o Gama, entretanto, passaram no departamento da seção de cargas e encomendas da Varig, no aeroporto de Brasília. De lá, partiram para a Mocidade.

Quando chegaram, Aragão disse que passou cerca de meia hora e, com todo o dinheiro, foi para casa. Aragão reiterou que naquele momento apenas Paulo sabia que o dinheiro estava com ele. Inclusive, o então presidente afirmou que Paulo havia até se oferecido para guardar o dinheiro. Contudo, diante da negativa dada pelo presidente, Paulo ainda ponderou que seria bom ele ficar pelo menos com metade e, mais uma vez, Inocêncio disse que não. Pegou o dinheiro inteiro da parcela, entrou em seu carro e foi para casa, localizada, à época, no Setor de Chácaras Ipiranga, no Valparaíso I (GO), cerca de 16km do Bezerrão.

Aragão alegou ter ido direto para casa. Ao chegar na porteira principal, que dava acesso à casa, desceu do carro, a abriu e, antes de entrar novamente no carro, foi abordado por dois rapazes, um deles com arma de fogo e o outro em um carro vermelho ou vinho (não conseguindo se lembrar, porque estava nervoso), no banco do motorista. O assaltante chegou falando para Aragão passar o dinheiro, que sabia que o presidente estava com muito. Sem saída, Aragão acabou entregando o dinheiro e o assaltante entrou no carro de fuga e os dois foram embora em alta velocidade.

Já Paulo Roberto contou ao delegado que por volta de 12h, saiu do barracão junto com Aragão para o Plano Piloto resolver uma questão salarial. Ao sanar a questão, foram até o BRB do Buriti por volta das 15h30 buscar a segunda parcela da subvenção.

Chegando lá, antes de efetivamente entrar na agência, Paulo contou que Aragão disse que ia ao banco e que em seguida ia ao local de trabalho de Lúcia. De fato, depois de ir à agência, voltou — ainda sem dinheiro — e ligou para a diretora, mas não a encontrou. Com Aragão não achando a diretora, Paulo então disse ao presidente que não seria possível sacar o dinheiro, pois o banco precisava da assinatura dos dois para realizar o saque. Mesmo assim, Aragão entrou na agência, sacou o dinheiro da subvenção e voltou com o dinheiro em mãos.

Com a quantia nas mãos de Aragão, Paulo pensou que seria interessante depositar metade e a outra metade levar à quadra para pagamentos da mão de obra no carnaval. Para isso, Paulo ligou para Pedro pedindo o número da conta da Mocidade para realizar o depósito do dinheiro que Aragão tinha recém sacado, uma vez que não tinha conseguido transferir. Com o número da conta, tentaram o depósito, mas foi informado pela gerente que não era possível pois a conta estava inativa. Tentaram mais algumas vezes, sem sucesso, até decidirem resolver a situação na segunda-feira, decidindo ir embora com o dinheiro.

Ainda no Plano Piloto, Paulo propôs guardar 15 mil, mas Inocêncio se negou porque Paulo estava com uma camisa curta e bermuda, portanto chamaria atenção o pacote com ele. Paulo também disse que antes de irem para o Gama, foram ao aeroporto retirar um pacote da Varig.

Já na quadra, ficaram por cerca de 20 minutos e Aragão foi embora sem dar satisfação, levando toda a quantia e deixando R\$ 500 para pagamentos da noite. Paulo contou que recebeu um telefonema às 19h40 do Mestre Eduardo, nesta hora o diretor de carnaval não estava mais no barracão, dizendo que Aragão fora assaltado, com o dinheiro da subvenção. Com a informação, Paulo ligou para a residência do presidente, sendo atendido pelo neto, que não sabia de nada, estava, inclusive, surpreso com a notícia que Paulo dera.

Por volta das 23h, Paulo, Rosivam (membro da diretoria), Mestre Eduardo e Risko foram até a residência de Aragão para ouvir o que ele tinha a dizer sobre o episódio. Lá, Aragão contou que ao parar para urinar na porteira da casa, fora assaltado por dois elementos em um Fiat Uno marrom.

No depoimento, o delegado perguntou se Paulo havia assinado no banco alguma autorização para retirada do dinheiro. O então diretor de carnaval disse que sim, mas que não sabia que era um recibo de quitação, tampouco sabia que estava assinando no lugar da diretora financeira; assinou achando que era taxa de recibo de gravação de dois CDs, pois era um recibo idêntico.

A diretora financeira Maria Lucia Gonçalves da Silva disse em seu depoimento que às 17h15 recebeu uma ligação de Aragão dizendo para ela ir ao Buriti realizar a assinatura de saque do dinheiro da Liga, junto com ele. Maria respondeu que não iria por conta da hora próxima do fechamento do banco e que até chegar lá, a agência estaria fechada. Aragão então perguntou se ele sozinho poderia realizar a retirada, ela disse que não sabia, mas que ele poderia tentar.

A então diretora afirmou no depoimento que não sabia que Paulo estava junto de Aragão no banco e nem sabia que Aragão tinha conseguido sacar o dinheiro e tentado depositar. Só soube às 21h, por meio do esposo, Cândido, não o que havia sido presidente no início dos anos 1990, que Aragão tinha conseguido sacar e que fora assaltado.

A gerente da agência do BRB no Buriti, Ana Paula Locuratolo, disse que por volta das 16h30, todos os representantes das escolas de samba estavam na agência para receber a última parcela da subvenção e que esse pagamento iria ser feito à cada escola pela Liga, sendo tarefa dela apenas mediar a transação, não sendo possível a transferência da Liga individualmente para cada escola. Ela contou que presenciou quando foi repassado, pela Liga, ao Aragão, uma quantia próxima de 30 mil, mediante assinatura de recibo e que ele estava sozinho quando recebera o dinheiro.

Perguntada pelo delegado se eles tentaram depositar o dinheiro, disse que sim, mas que não não tinha sido possível pois a conta não estava ativada. Afirmou que Paulo acompanhou Aragão apenas para assinar o recebimento do dinheiro e depois para tentar depositar. Contou também que não foi ela a tentar

realizar o depósito, foi outra funcionária que, inclusive, falou a eles sobre a não possibilidade de depósito. Aqui encerram-se os depoimentos e os fatos narrados no inquérito.

Guilherme Henrique, filho de Paulo Roberto, conta que naquele dia, na escola, estava tendo um evento de terceiros, por isso, se reuniram em uma sala da quadra com outros membros da diretoria para decidir o que fazer com o dinheiro. Afinal, seria perigoso deixar todo aquele montante no barracão. Depois de muita discussão, Inocêncio disse que levaria o dinheiro para sua casa. Todos disseram que era uma má ideia, visto que Aragão morava no setor de Chácaras Ipiranga I no Valparaíso (GO), setor ermo, na época.

O ritmista reitera que essa é uma lembrança muito clara na cabeça dele porque ali mesmo estava óbvio que algo de ruim iria acontecer, nas palavras dele “ia dar merda”. Era comum, segundo Guilherme, quando o dinheiro para carnaval era liberado, passar por muitos lugares, sendo observado por muitos olhos, ao passo que todos sabiam com quem ficava com o dinheiro, até porque “naquela época era transferência, cheque ou dinheiro”.

Segundo Guilherme, depois de muita insistência por parte de Aragão e discussão entre os membros, Inocêncio acabou por levar toda a subvenção para casa. Pouco tempo depois, às 18h, Pedro chegou na escola — Paulo Roberto não estava mais lá, tinha saído para realizar o sorteio da Loteria da Caixa Econômica, local em que trabalhava. Pedro foi lá para ver como ia o andar da carruagem do carnaval da Mocidade, e Mestre Eduardo, na época morando no barracão, chegou nele e disse: “Pedro, você tinha que ter chegado há uns 10 minutos aqui”. Pedro perguntou o motivo e Eduardo contou o quiproquó envolvendo os membros da diretoria e o que se sucedeu do imbróglio: a saída de Aragão com o dinheiro para o Valparaíso. Pedro ouviu tudo, pensou que Paulo poderia ter levado o dinheiro para casa, visto que como não havia local seguro na escola para deixar tal quantia, Paulo seria uma boa opção por morar perto da quadra, e respondeu ao mestre: “tomara que aconteça nada”. O celular de Pedro tomou a frase como uma senha para receber ligação dali 15 minutos; quando tocou, uma voz feminina do outro lado da linha disse: “Pedro, pelo amor de Deus, meu pai acabou de ser assaltado!”, disse, chorando e desesperada, a filha de Aragão.

Como já narrado, mesmo apesar de incongruências, contradições e inconsistências nos depoimentos, já está pacificado o fato de Aragão ter sido assaltado na porta de casa, por isso, resolvo não passar pelos pormenores novamente; vamos a novos fatos.

Aragão afirmou ao jornal Tribuna do Brasil, e não à polícia, que o assaltante aparentava ser das forças armadas. O criminoso chegou à vítima rindo e descontraído, tanto que Aragão achou que fosse uma brincadeira, hipótese logo descartada assim que o assaltante mostrou a pistola, dizendo que queria

o dinheiro. A vítima disse que não tinha dinheiro, que não sabia de nada. O bandido, por sua vez, disse que tinha sim e que ele sabia muito bem, segundo publicou o Tribuna. Não teve chance, um idoso contra dois assaltantes — ou até três, Aragão, ao Tribuna, dizia que não se sabia ao certo quantos participaram da arapuca — só resultaria sucesso dos larápios. O acontecimento mexeu com a cabeça do presidente de tal forma, que ele não conseguiria, eventualmente, dar maiores detalhes sobre o crime à polícia.

Contradições

O presidente Inocêncio Aragão conta que, no dia 3 deste mês, voltava para a casa depois de receber o dinheiro da Liesb. Ao parar em frente ao portão da residência, na Chácara Ipiranga, em Valparaíso, foi surpreendido por dois ou três homens, um deles armado. Após ameaçá-lo, o grupo levou o dinheiro. Essa é a versão que ele contou ao delegado titular da Delegacia de Polícia de Valparaíso, Fabiano Medeiros, que investiga o caso.

Segundo o delegado, o presidente da **Mocidade do Gama** se contradisse várias vezes. "Ele não consegue explicar os motivos de não ter deixado o dinheiro no banco, a cor do carro usado pelo grupo que o abordou e quantas pessoas o assaltaram", diz o delegado. Medeiros informa ainda que já ouviu a diretoria da Mocidade.

Ao **Correio**, o presidente Inocêncio Aragão disse ontem à noite que quem o assaltou sabia com certeza a hora em que ele chegaria em casa e que estava com o dinheiro. "Estão desconfiando de mim. Mas, aos 75 anos, não seriam R\$ 30 mil que iriam me corromper", assegurou. Ele afirma confiar na justiça divina para que o caso seja esclarecido.

Trecho sobre as
contradições presentes
no inquérito (Matéria
de 14/02/2006/Correio
Braziliense)

Posteriormente, Aragão não conseguia explicar de que cor era o carro que os bandidos estavam, quantos eram e se contradisse algumas vezes no depoimento. Também ao delegado responsável pelo caso, Fabiano Medeiros de Souza, explicou que além de confiar na sorte de nunca ter sido abordado por ladrão algum, ele não tinha horário pra chegar, não tinha avisado ninguém a que horas sairia da escola, por isso, segundo seu próprio juízo, não tinha como alguém saber que ele estaria em frente à sua residência naquela hora.

Bem, ao saberem do assalto, todos que estavam na escola quando Aragão saiu com o dinheiro foram registrar o Boletim de Ocorrência na delegacia de Valparaíso e esperar a conclusão do caso. Depois de colhido todos os depoimentos, o inquérito correu e ao longo de 13 anos os envolvidos voltaram lá para pressionar algumas vezes, mas nada foi resolvido até hoje; o inquérito foi encerrado e arquivado em 2019 sem nenhuma solução. Esse fato deu abertura para todo mundo pensar o que quisessem sobre o episódio.

“Até hoje tenho minhas dúvidas sobre o que aconteceu”, “muita gente se deu bem de vida depois daquilo, pode ser nada, mas...”, “aquilo não existe, gente”, são algumas das falas que a comunidade diz até hoje sobre o assalto. A zorra foi tamanha na época, o telefone sem fio se esticou tanto, o disse-que-disse foi tão presente que há pessoas pensando, aliás, que o assaltado foi Paulo Roberto.

Enfim, o dinheiro nunca mais foi visto; até mesmo uma premiação foi oferecida, caso fosse devolvido a quantia integral ou parcial, mas ainda assim, nada. Aragão começou a sentir muito todo o contexto. “Estão desconfiando de mim, mas aos 75 anos não seriam 30 mil que iriam me corromper”, disse ao Correio Braziliense na ocasião.

Na época, o dinheiro foi um desfalque enorme. Segundo Guilherme, era um momento decisivo, a escola já estava devendo muita gente por mão de obra e teve que correr atrás para colocar o carnaval na rua. Mais do que já costumava fazer. Então, com os ânimos alterados, os protagonistas da confusão desestabilizados, Pedro teve que assumir o comando da escola, com Aragão e Paulo Roberto saindo um pouco de cena. Tudo isso, lembrando, há 25 dias para o carnaval. Pedro, agora como presidente, tinha a árdua missão de captar recursos não só para tapar o vazio dos milhares de reais deixado pelo roubo, mas para colocar a escola como competitiva no certame.

A Mocidade precisava então recuperar os R\$30 mil da subvenção e ainda conseguir mais verba, para não ser apenas uma figurante no carnaval. Embora tenha sido campeã no ano anterior, essa renda já tinha sido investida meses atrás para ser compensada em uma boa colocação em 2006, como sempre. Se não estivessem nas cabeças, seria prejuízo, e dos bons.

Entretanto, como conseguir dinheiro na praça com tal descrédito? Como procurar ajuda no mercado para fazer um carnaval, se não era possível explicar para o credor como que some, da sua mão, 30 mil reais? Considerando que o dinheiro precisaria estar na conta da Mocidade dentro de poucos dias (até porque o dinheiro não significa o produto pronto, o dinheiro é o primeiro passo para construir o carnaval, é a base da pirâmide do desfile), o agora presidente teve que colocar a cabeça no lugar, ir com tudo para a rua. Enquanto isso, um furacão, um terremoto e um vulcão entravam em erupção na quadra da Mocidade da Gama. Juntamente com os materiais a serem comprados, muita gente precisava ser paga, a mão de obra estava com as contas no vermelho.

Os componentes voltaram para a realidade de uma década atrás, em que todos viravam noites no barracão, cortando, costurando, colando e bordando. Todos contribuindo com alguma coisa, construindo o carnaval à base de suor. Alguns daqueles contratados, nem sabiam se iam receber, e ali estavam. Nem que fosse com a roupa do corpo, a escola iria sair. Era agora uma questão de superação.

Na corrida contra o tempo, Paulo Roberto, mesmo fora dos holofotes, conseguiu a contratação de dois shows da Mocidade, Pedro pediu R\$ 10 mil emprestado, personalidades políticas também ajudaram. Com 10 mil daqui, 2,5 mil dali, doações de material, contribuições de outros, assim o dinheiro foi pingando, foi pingando e a escola conseguiu se restabelecer competitiva, como desejava Pedro, dentro do tempo escasso. O dinheiro estava ali e a mão na massa ocorria de forma concomitante, mesmo debaixo de muito esforço.

Carnaval, segundo Pedro, é um processo feito em várias pontas. “Você começa todas ao mesmo tempo. Chega no dia e tudo não tá pronto, tem que arrumar a escola toda. Você tem o carro com a ferragem toda, mas falta o acabamento, tem todas as fantasias em 90%, mas não dá para sair daquele jeito. Tem muita coisa avançada, mas quase nada tá terminado. Chega uma hora que tem que acabar tudo”, explica.

Com o dinheiro reduzido, considerando o investimento inicial, ainda com a premiação de campeões do ano anterior, a Mocidade teve que diminuir um carro alegórico, de 4 para 3, acessórios mais brilhosos e finos nem entraram no rol, tiveram de usar materiais mais pitorescos, a mão-de-obra ainda teria que ser paga, de mil componentes, a mocidade saiu com 800; de 100 ritmistas, a furiosa foi com 80.

No dia do desfile, a Mocidade não comprometeu. Foi uma escola compactada, mas, como diz Pedro, competitiva. Dentro de todas suas possibilidades e limitações naquele ano, não fugiu da sua tradição — começada nos anos 1990 — e ficou no pódio, conseguindo, ainda, o terceiro lugar, comemorado como campeonato. Os carros exploravam as mandingas do brasileiro, as “fezinhas”, as amarrações para amor e trabalho, simpatias, crenças populares e mais representações da crença brasileira naquele elemento espiritual, ou sobrenatural, que ajuda o cidadão no dia-a-dia. O enredo daquele ano — acertado e construído antes de todo o quiproquó — foi “A Vida é um Jogo e Cada um Joga Com o Que Tem”. No fim das contas, a dimensão artística da escola ultrapassou as fronteiras da poesia e trouxe toda a comunidade da Mocidade para dentro do enredo. Uma coincidência penosa.



Desfile da Mocidade do Gama de 2006 (Foto: Pedro Teixeira/Arquivo Pessoal)

Para o carnaval seguinte, de 2007, Paulo Roberto, que voltou a ser presidente, pensou em homenagear a Estácio, e por consequência, Mestre Eduardo, o maior mestre de bateria da escola. Tudo fora preparado às maravilhas, com intérprete do Rio de Janeiro — Serginho do Porto — e casal de MS e PB também do Rio, ingredientes pensados para arrasar na avenida. Os elementos para um belo espetáculo na avenida estavam todos ali. Até uma hora antes do desfile a Mocidade estava prontinha para desfilarmos e emocionar seus componentes e comunidade, mas não deu. A expectativa para sair existiu até o momento de efetivamente não sair. Mais um acontecimento desastroso na história da escola.

Carnaval sem Mocidade

Em julho de 2006, Paulo Roberto passou a ser presidente da Mocidade com mandato até o segundo semestre de 2007, ou seja, outro presidente tampão, pois Pedro fora eleito secretário geral da Liesb na ocasião. No entanto, Pedro continuou na agremiação atuando como diretor financeiro — possibilidade permitida pela liga.

Como secretário da Liga, dentre outras competências, Pedro ficou responsável por todo o planejamento de distribuição de ônibus que levariam os componentes das escolas para o desfile. Confeccionou uma planilha para cada escola participante do carnaval do DF. As planilhas se constituíam de informações como quantos ônibus — o máximo permitido eram 10, número, inclusive, pedido pela Mocidade — a escola iria precisar, o horário e local que eles deveriam estar e por aí vai. Feita a planilha, guardou o modelo e distribuiu para as escolas preencherem. Com o preenchimento de todas as escolas, recolheu de todo mundo, juntou, fez o ofício para o presidente da Liga assinar e ali estava pronto o pedido à Secretaria de Transporte para remanejamento dos ônibus que Viação Planalto (Viplan)⁴⁶ iria disponibilizar para as escolas.

A preparação para o carnaval de 2007 ia desaguar ali, dia do desfile, 20 de fevereiro. Mocidade, por ideia de Paulo Roberto, homenagearia a Estácio de Sá e o seu Mestre de Bateria em um desfile esperado por todos. Além disso, o Pan-Americano do Rio, realizado mais tarde naquele ano, foi mais uma inspiração do Rio de Janeiro para a Mocidade. Roger lembra que vieram pessoas do Rio para a homenagem a Eduardo, gente da Estácio, da Unidos da Tijuca, Portela. O nome do enredo foi: “O ti-ti-ti de Maracanã – no Embalo do Pan”. Para o desfile, a Mocidade foi atrás de personagens do Rio de Janeiro para elevar o patamar da procissão verde-e-branco na avenida. Serginho do Porto, intérprete que já passou por várias escolas do Rio, um casal de MS e PB, também carioca, iriam fazer parte do desfile, segundo Pedro, “voando”. Além disso, o desfile ainda seria a chave de ouro da avenida: a escola gamense iria ser a última a desfilarem naquela terça-feira.

Pois bem, com todos os componentes preparados na quadra da escola — tirando aqueles que vão previamente com os carros alegóricos para realizarem

⁴⁶ Empresa de ônibus que circulou em Brasília por 40 anos, sendo substituída pela Sociedade de Transporte Coletivo de Brasília (TCB), em 2014. A intervenção do governo aconteceu após a Viplan (que teve falência formalmente decretada em 2020) perder a licitação para renovação do sistema em 2013, por ter acumulado dívidas trabalhistas.

os últimos ajustes nas alegorias —, era só esperar os ônibus começarem a levar o pessoal para a avenida e iniciar o processo de concentração e armação. As horas passavam e nenhum ônibus chegava à quadra da Mocidade. Mais tempo passado e nada. A escola estava prontinha e todos animados para a revanche de 2006, queriam fazer um espetáculo, um carnaval à altura de uma competidora dos primeiros lugares. A escola estava “com sangue nos olhos”, como diz Pedro.

Sem ônibus, diante da situação, os componentes que tinham condição estavam indo por conta própria. Era táxi, carro particular, carona, e tudo o mais para tentar adiantar o máximo a escola em Ceilândia. Em meio ao correr, muitas ligações a fim de saber onde estavam os ônibus, muito esculacho no telefone, muita gente nervosa, a preocupação tomando conta de tudo. Paulo Roberto era um dos que já estavam na avenida previamente e estava muito nervoso. Por telefone, ligou para Pedro perguntando onde estava a escola. Pedro respondia que a galera estava lá, ansiosa, nervosa, preocupada, imersa em um “terror”.

Ao todo, chegaram cinco ônibus pingando na quadra em horários distintos. Foi quem podia, e o resto ainda esperava no Bezerrão. Além disso, Pedro conseguiu de última hora que a bateria fosse à Ceilândia com um caminhão-baú, “olha o perigo”, lembra o ex-dirigente. Com o desfile cada vez mais próximo e só metade da escola na avenida, Pedro recebe uma ligação de Mestre Eduardo, que já estava no Ceilambódromo. “Pô, Pedro, o Paulo vai colocar a escola na avenida”. Pedro então saiu rapidamente do Gama e chegou à Ceilândia para impedir que Paulo fizesse o que estava planejando. Paulo defendia que a escola saísse de qualquer maneira e Pedro argumentava que não era para isso acontecer, que se desfilassem, iam estar sob julgamento dos jurados e ele não queria isso, queria saber o que havia acontecido. O choque resultou em uma das mais intensas brigas entre os dois.

Pedro e Paulo tinham vozes iguais em relação ao carnaval, estavam no mesmo patamar nesse assunto, e o poder de argumentação prevalecia ora de um ora de outro, mesmo que estivessem em posições diferentes hierarquicamente dentro da escola. Neste episódio, mesmo Pedro estando abaixo de Paulo, lembra que seu argumento foi bastante “racional” e mesmo na briga e no aborrecimento de ambos na avenida, em um momento que precisava de uma decisão rápida, Paulo deu razão ao seu diretor financeiro: a escola acabou não entrando na avenida.

A Mocidade não colocou o carro abre-alas em posição de desfile, assim, nem iniciando o processo para atravessar a avenida. A escola não chegou a estar

concentrada,⁴⁷ tampouco armada⁴⁸. Para o desfile, essas etapas contam pontos. A Mocidade estava, em parte, concentrada, mas Pedro não a deixou ser armada. Assim, a escola não saiu, não fechou o dia de desfiles e Mestre Eduardo não teve sua homenagem na avenida.

Esse dia foi um dos mais tristes da história da escola, segundo muitos componentes e dirigentes. A escola chorou em peso, o pranto era geral, as pessoas que ficaram na quadra sem ônibus estavam fantasiadas, prontas, tinha criança chorando, gente com raiva e, em geral, muita gente decepcionada, frustrada, triste, zangada e cansada. Além de triste, muitos gamenses dizem “uma sacanagem” o que aconteceu. Pedro, por outro lado, ao invés de choro e tristeza, estava tomado de raiva e de ódio, determinado a descobrir porque a Mocidade havia sido prejudicada. Afinal, o que havia acontecido?

Em meio à missão de Pedro para descobrir o que havia acontecido com os ônibus — calma, já daremos a devida atenção —, corria o processo de decisão da Liga sobre o que fazer com o Gama: se a decisão iria pelo rebaixamento da escola ou se mantinha a escola no primeiro grupo. Logo começou o rumor que a verde-e-braco teria que descer, devolver o dinheiro investido no carnaval, por não ter desfilado, além de diversas penalidades. Diante de tal cenário e ainda “mordido” pelo acontecimento, Pedro procurou um bom advogado, procurador do GDF na época, hoje falecido, e, assim, estava “prontinho” para entrar com uma ação de impugnação de resultado para declarar ninguém vencedor.

Na terça seguinte à apuração, que aconteceu na quarta de cinzas, foi feita uma reunião para decidir o destino da escola do Gama. No entanto, nada se resolveu, permaneceu o impasse. Inclusive, por meses, a Liga se reunia e nada de sair o veredito no caso da Mocidade. Segundo a apuração, a escola que iria descer (no regulamento daquele ano, apenas uma escola desceria ao Grupo de Acesso), era a Mocidade do Valparaíso, uma escola parceira da Mocidade gamense. Mestre Eduardo, junto com a Furiosa, participou da fundação da Mocidade do Valparaíso, em 2001; os ritmistas e componentes transitavam entre as duas escolas; a do Gama sempre os ajudou desde quando a do Valparaíso estava no acesso. A proximidade se dava inclusive no âmbito geográfico entre as duas cidades, cerca de 15km. Mas como “farinha pouca, meu pirão primeiro”, a Mocidade do Valparaíso não aceitou descer naquele ano porque quem tinha de descer, segundo dirigentes da escola, era o Gama, por não ter desfilado. Pedro ficou morto de raiva, pensou um monte de coisas da escola e daqueles que endossaram o coro do Valparaíso. Resolveu jogar pesado: disse que no dia

⁴⁷ Componentes da agremiação devem estar em local determinado da avenida em certo tempo antes do desfile, mas ainda fora de moração. Processo anterior à Armação.

⁴⁸ Último momento pré-desfile, em que a escola deve estar formada, ala por ala, alegoria por alegoria, da mesma maneira em que o espelho entregue para os jurados indica. A escola deve estar completamente armada para iniciar o desfile.

que tivesse assembleia para decidir sobre a manutenção ou não da Mocidade do Gama queria estar junto.

No dia da tal assembleia, Pedro entrou calado e assim permaneceu durante a reunião, que aconteceu na sede da Liga, no Setor Comercial Sul, no centro de Brasília, preferindo nem sentar-se. Pedro diz que tinha muita informação sobre as escolas e se decidissem pelo rebaixamento do Gama, ele estava disposto a “implodir o carnaval de Brasília”. Sobre a natureza das informações “não vem ao caso”, diz Pedro rindo, “mas tinha muita informação, entendeu?”, conclui. Pela fala, fica implícito que seriam irregularidades de prestação de contas que Pedro já tinha deixado passar em seus anos como secretário da Liga, mas o ex-dirigente prefere não comentar sobre suas “informações”.

Pedro tinha feito prestação de conta de muita escola de samba do DF, devido sua experiência em contabilidade. Então, segundo ele, fazia tudo conforme mandava o manual. Mantinha as notas fiscais certas, evitava notas suspeitas, não aceitava recibo com cara de nota fiscal, nota fiscal sem validade de carimbo, cuidou do seu trabalho, em maioria, corretamente, no entanto filtrou muita coisa errada dos outros. Ajudava, dizia que aquilo não era nota fiscal, “devolve, traz de outro jeito”, “isso tá vencido”, “isso não entra em prestação de contas do governo”, mas mesmo quando não tinha jeito, deixava passar uma coisa ou outra, pela parceria.

Com o ar intimidador de Pedro e os outros sabendo que o dirigente do Gama realmente tinha uma vantagem sobre eles, fecharam o entendimento que a Mocidade não iria descer, votaram pela manutenção da escola no Grupo Especial.

Ao passo que as reuniões eram inconclusivas e aconteciam mês após mês, até a assembleia fatal que decretou que a Mocidade não desceria, Pedro mantinha sua missão para descobrir o que tinha acontecido para que os ônibus não tivessem aparecido no Bezerrão no dia do desfile. A empreitada começou a partir de uma manifestação da Liga, alegando que o motivo do desaparecimento dos veículos foi porque a Mocidade não havia pedido ônibus, mas Pedro sabia que o pedido havia sido realizado, afinal fora ele próprio o despachante do pedido. Informações de bastidores: com umas amigas na Secretaria de Transporte, Pedro começou a frequentar o recinto, perguntando por aqui e por ali. Bastou uma semana transitando por lá, conseguiu ver que o ofício que estava no gabinete do secretário de Transporte contava com a planilha de ônibus da Mocidade. Então, por que os ônibus não foram buscar os componentes no Gama?

O ex-governador José Roberto Arruda (2006-2009) fazia os despachos de seu governo no Buritinga⁴⁹, em grandes reuniões com várias pessoas do alto escalão do governo reunidas. Como os despachos aconteciam nessas reuniões, que serviam justamente para quebrar a burocracia do aparato público, cópias de documentos eram comumente levadas à essas rodas, com o objetivo de dar celeridade aos processos.

Quando a Liga deu entrada do ofício na Secretaria de Transportes, o passo seguinte era esse ofício chegar ao secretário, que posteriormente entregaria o documento ao responsável da Viplan em uma das reuniões do Buritinga. Portanto, um servidor da Secretaria tirou uma cópia desse documento entregue pela Liga e o entregou ao secretário; no entanto, essa cópia, provavelmente, foi sem a planilha da Mocidade, que estava, originalmente, fixada como a última folha no ofício.

Na reunião, o secretário de Transportes levou a cópia do ofício, já sem a planilha da Mocidade, e a entregou para o responsável presente da Viplan que iria providenciar os ônibus da lista.

O ofício original, que estava no gabinete na Secretaria de Transportes, estava completo, mas a cópia — que foi o documento entregue à Viplan pelo secretário — não. Ou seja, o ofício entregue ao secretário era justamente o que não continha a planilha para a Mocidade. Pedro diz que não sabe o que aconteceu, se tiraram a folha de propósito, se só não tiraram a cópia da última folha, se esqueceram de grampear faltando a planilha do Gama. Fato é que a escola acabou por não desfilar no ano de 2007 por um erro administrativo, proposital ou não.

Com o fim da história e o final do mandato de Paulo Roberto, no segundo semestre de 2007, devido ao grande desgaste, acabou ali o envolvimento de Pedro com o carnaval, tirando ajudas pontuais que deu à Mocidade — contadas em dedos de uma mão. Seu amor pela Mocidade não cessou, mas, como revela, não tem mais cabeça para trabalhar administrativamente em uma escola de samba.

⁴⁹ Centro Administrativo que reunia fisicamente nomes do alto escalão do governo do DF, fazendo despachos ocorrerem mais rapidamente, visando a “desburocratização da Máquina Pública”. O apelido é uma junção de Palácio do Buriti, sede do poder executivo do Governo do Distrito Federal, com Taguatinga, Região Administrativa onde se encontrava o centro.

Golpe de Misericórdia

19 de novembro de 2008. Brasil e Portugal se enfrentam em uma partida amistosa em Brasília. Para ser mais preciso, no Gama! O motivo do confronto foi o primeiro jogo do novo Bezerrão. O reformado estádio recebeu a Seleção Brasileira com Kaká, Adriano, Luis Adriano e grande elenco para o embate contra Portugal da recém-estrela Cristiano Ronaldo. Expectativa gamense e brasiliense alta, afinal Kaká, jogador, nascido em Brasília, havia sido eleito no ano anterior o melhor jogador do mundo, atuando pelo time italiano Milan. Não era todo dia que um jogo daquele nível ocorria no Bezerrão.

A partida começou, entretanto, com gol de Portugal logo no início do jogo. O gamense merecia mais, não era possível que a inauguração do Bezerrão ia ser marcada com uma derrota para a Seleção Brasileira... e não foi: a Seleção virou o jogo ainda no primeiro tempo e foi para o intervalo com um belo 3x1. O público já poderia ir embora logo ali, três gols de virada é uma sensação extasiante, mas tinha mais. A reinauguração do estádio pedia um show, não uma vitória apenas. A peleja terminou em um impactante 6x2 para a seleção da casa. Louros estavam à espera do Bezerrão, episódio com cara de presságio. Agora com 25 mil lugares, o brioso palco poderia receber grandes confrontos e receber estrelas mundiais.

Mas a que preço? Entre vários preços, um deles e o mais cruel para o próprio Gama, foi o desmantelamento de uma escola de samba. Torcendo a cultura gamense até que ela arrebentasse, deixando décadas de legado e tradição, aprendizados e lazer em frangalhos, sobrando apenas fractais do que havia sido durante 20 anos.

No pós-carnaval de 2007 chega uma notícia aos dirigentes da Mocidade que mudou o rumo da escola fundamentalmente. A quadra, aquele “barracão de madeira com alvenaria”, teria que sair do Bezerrão. O estádio seria reformado e a nova estrutura precisava de uma entrada principal livre, bem onde se localizava a quadra.

A reforma do Bezerrão, no entanto, já havia sido anunciada em dezembro de 2001. De 20 mil lugares, a capacidade do estádio mais que dobraria, para 43 mil. Mas esse projeto era caro, muito ambicioso, difícil de ser executado; o custo sairia por R\$52 milhões. Em maio de 2004, um novo projeto surgiu, com mais

chances de sair do papel: de R\$52 milhões, a obra seria de R\$9 milhões. Porém, ao invés de dobrar a capacidade, o estádio teria 5 mil lugares a mais. Além da ampliação da capacidade, o novo complexo previa um ginásio poliesportivo, piscina coberta, pista de atletismo e novos banheiros e vestiários. Mais fácil de ser concluído, esse foi o projeto tocado pelo Governo do Distrito Federal. Com toda a pompa, a ideia era que o novo estádio servisse de local de treinamento para Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2014, o que de fato aconteceu.

Em agosto de 2005 as obras começaram. O estádio ficou interditado por mais de um ano, com mato tomando conta do campo, obrigando o time do Gama a mandar seus jogos no estádio Mané Garrincha, mais de 30 km de distância dos seus torcedores, durante esse período. Enquanto isso, a quadra da Mocidade estava em funcionamento, pois mesmo com a obra travada e, quando muito, caminhando lentamente, o espaço da sede ainda não havia sido comprometido. Isso até o segundo semestre de 2007, quando a obra avançou e alcançou a quadra da escola. O espaço da sede seria necessário também para construção do estacionamento público que serve ao estádio e ao SESI Gama.

O GDF prometeu ao Paulo Roberto, então presidente da escola, que a sede da escola seria compensada. O governo construiria um galpão dentro do Complexo Desportivo do Gama — o novo estádio — para a Mocidade. A área acordada fica, hoje, entre o Restaurante Comunitário e o Centro Olímpico e Paralímpico, construções entregues na reforma. Preocupado, Paulo pediu a Pedro, que participou da gestão até o fim daquele mandato e à época estava trabalhando na Secretaria de Obras, para conferir através de consultas em documentos se o governo estava, de fato, considerando uma nova quadra para a escola. Pedro, então, teve o cuidado de verificar que, sim, havia uma nota de empenho e uma ordem de serviço para esse galpão da Mocidade, mais ou menos nas mesmas dimensões da antiga quadra. Com a checagem, o clima ficou mais ameno dentro da escola.



Visão aérea do Complexo Desportivo do Gama. Em vermelho, local que a quadra era localizada, desmantelada para construção da entrada e estacionamento do estádio. Já em azul está o anfiteatro do Complexo (Google Maps/Reprodução) Imagem acessada em 25/7/2022.

A obra foi concluída na correria, não tão próxima daquele projeto da maquete. Com a reforma, a Mocidade ficou sem sua quadra, mas a escola esperava logo que o prometido galpão fosse entregue para não haver eventuais problemas, em razão de todo o patrimônio da escola estar sem teto. Enquanto o novo local não fosse entregue, as coisas ficaram onde dava: casa de um, chácara de outro, quintal de uns, caminhão do amigo e por aí vai. Aliás, os documentos mais importantes da Mocidade e troféus ficaram — por pelo menos dois anos e meio — no carro de Paulo Roberto, como um escritório itinerante. No entanto, em meio ao corre-corre para a entrega da reforma, o GDF cancelou o empenho e a ordem de serviço da construção do galpão.

A construção da casa da escola nem tinha começado e, naquele momento, não iria mais, pois a reforma do estádio havia sido entregue. A escola ficou sem quadra, sem teto, sem lar e sem nenhuma compensação financeira pela retirada

de sua sede e pela ordem de serviço e empenho cancelados sem explicação⁵⁰ — até hoje a escola não tem um espaço apropriado para realização de eventos, ensaios e montagem do carnaval. A sede, fruto de ajudas de Castor, do administrador do Gama e do governador do GDF, que colocou a Mocidade na frente das demais já no seu primeiro momento de existência, já não havia mais. A execução dos carnavais seguintes foi feita em locais cedidos pela administração do Gama ou por espaços disponibilizados por empresários, de forma que eram emergenciais e de maneira alguma devidamente apropriados para o funcionamento de uma escola de samba.

A perda da quadra foi impactante na história da Mocidade, talvez o maior e mais sofrido golpe da agremiação. Como não tinha mais um lugar próprio, precisou diluir seu patrimônio (agora não de forma temporária, como quando estava esperando ser entregue o galpão) pela cidade para não deixar seus troféus, documentos, prêmios no meio da rua. Desta forma, ele foi se perdendo com o passar do tempo, como um punhado de sal se dissolvendo em litros d'água. Os instrumentos se espalharam por ali e por aqui, na casa de um e de outro, as esculturas das alegorias, que sempre davam um jeito de reciclar e reaproveitar para os carnavais, também acabaram sumindo. Base para carro alegórico, ferragem e chassi de caminhão ficaram um tempo numa chácara onde se pagava o aluguel, depois seguiram para uma localização próxima ao Instituto Federal Brasília (IFB), campus do Gama, mas também, eventualmente, desapareceram. Grande parte dos materiais que a escola conseguia economizar e reciclar para o ano seguinte, carnaval após carnaval, pereceu.

A Mocidade nasceu com uma quadra para acolhê-la, nunca tinha tido uma experiência diferente disso. Esse elemento, fundamental para o funcionamento pleno de uma escola de samba, como diz José Sávio Leopoldi, a colocou na frente das demais, junto à Aruc, na época. Sem espaço, houve uma quebra no andamento da história. A quadra sustentava tudo, tanto no sentido financeiro como no sentido humano, fraternal. As pessoas se sentiam estimuladas tendo um lar, um lugar de ensaios, de convivência. Sem isso, as pessoas foram largando a escola. O barracão era como uma força de sustentação para o funcionamento da Mocidade e do dia-a-dia da comunidade. Sem ela, foi como se tirassem à força o coração de um corpo, uma raiz de uma árvore, do solo.

Nessa nova realidade, até Paulo Roberto deixou um pouco a liderança da escola, estava esgotado, como Pedro depois do caso dos ônibus que não buscaram os componentes da Mocidade para o desfile de 2007. O fundador continuou na agremiação, mas não queria mais estar à frente, gostaria que a escola tivesse uma nova cara, sem sua dependência. Ajudaria no que fosse preciso, mas não

⁵⁰ Procurada, a Secretaria de Obras diz não saber o motivo da ordem de serviço e o empenho serem cancelados na ocasião.

se sentia bem apitando nada, queria passar a gestão para outras pessoas. O que explica um pouco a falta de mídia da escola a partir desse período, por exemplo nos jornais, porque ele era o responsável por buscar os veículos de comunicação para pautar a escola, dando entrevista, procurando rádios, assim, tendo facilidade para colocar a escola em evidência.

Com menos pessoas, a Mocidade agora respirava por aparelhos. Foi tomado não só o espaço da agremiação, mas o espaço da cultura no Gama, de gente que ganhava dinheiro com a escola, de crianças que tinham um futuro por meio dos projetos sociais, da bateria. A ex-rainha Cristina diz que, como mãe e entusiasta da escola de samba, lamenta muito a perda da quadra da Mocidade, onde tantos projetos sociais foram desenvolvidos e a infância de muitos construída com uma base sólida. “A escola de samba tem por obrigação oferecer aos filhos, sobrinhos, netos dos componentes uma opção de lazer e cultura. Os filhos dos ricos têm dinheiro para pagar um curso de música, um esporte, uma luta, para ajudar a entender todas as mudanças que uma criança na puberdade passa, por exemplo. O do pobre, não. O filho do pobre tem a casa e a rua”, diz.

Em 2008, mediante articulação de Paulo Roberto com a Secretaria de Esportes, a Mocidade ainda realizou três carnavais em um espaço no recém reformado estádio, mas apenas, como dito, de forma paliativa, porque não era apropriado para funcionamento de bar, nem para ensaios de toda a bateria, apenas para confecção de fantasias e ensaios. Dentro do Complexo Desportivo do Gama, a produção de fantasias foi feita, nesses três anos, onde hoje é localizado o posto de saúde (UBS 7) e os ensaios da bateria eram realizados no anfiteatro, na parte superior do Complexo (veja na imagem há três páginas). A concessão do espaço para Mocidade foi encerrada em 2010, voltando a acontecer para o carnaval de 2013, e a escola, quando estava sem o espaço do anfiteatro, teve que ir pingando em localidades da cidade para montar carros alegóricos e realizar ensaios, fato que será aprofundado no próximo capítulo.

Área do anfiteatro, ala norte, do Bezerrão, onde a Mocidade se instalou provisoriamente enquanto estava sem quadra (Foto: Mocidade do Gama/ Divulgação)



TEATRO DE ARENA – ALA NORTE – ESTADIO BEZERRÃO – GAMA –DF
SUBSOLO/ARQUIBANCADAS - QUADRA DE ENSAIO DA MOCIDADE DO GAMA

Sem um teto, é uma dificuldade ensaiar a bateria, diz Roger. Atualmente, para não ensaiar castigada pela chuva, previstas de outubro a meados de maio no DF, os ensaios ficam raros e cancelados em cima da hora. A Furiosa realiza seus ensaios embaixo de alguma marquise e procura um local que a bateria não atraia reclamação de locais e vizinhos, já que o som é muito alto. Dessa maneira, só pode ensaiar algumas vezes, em um número não satisfatório de ensaios e de componentes.

Sem local apropriado, os ensaios costumam acontecer da seguinte maneira: o mestre passa por aplicativo de mensagem o ritmo, as bossas e as paradinhas para o ritmista treinar em casa e chegar no ensaio presencial o mais afiado possível. Mas como a maioria — a grande maioria mesmo — não possui o instrumento que toca na avenida, ensaia em casa batendo na perna, no braço do sofá, na caixa de fósforo, onde consiga tirar um som e entenda que são aqueles movimentos a aplicar no instrumento. Os ensaios presenciais são as oportunidades de tirar dúvidas e, com um instrumento de verdade, ter a noção de conjunto.

A tomada da quadra parecia ser o maior tormento para o funcionamento da escola gamense, visto que sem o lar tudo passou a ser muito difícil porque a agremiação passou a resistir sem renda, sem força e sem comunidade. Mas um acontecimento em 2009 viria dificultar ainda mais o carnaval na cidade.

Criada em 2007, a Empresa Brasiliense de Turismo (Brasiliatur) funcionava como a agência de turismo da capital. A empresa tinha por objetivo o desenvolvimento do turismo no DF com custos baixos e também funcionava para dar agilidade à distribuição de recursos da capital. Dentre suas atribuições, a empresa realizou os carnavais de 2008 e 2009, organizando a festa e liberando a subvenção à Liga. O carnaval foi vivenciado, celebrado, jornais cobriram a festa (seus preparativos, sua ocorrência e desdobramentos), troféus foram distribuídos e tudo o mais que se esperava do desfile aconteceu.

Entretanto, a empresa virou a protagonista de um escândalo que envolvia shows superfaturados sem licitação. Em 2008, o governo pagou, por exemplo, R\$ 760 mil ao grupo Rebeldes e R\$ 492 mil para a banda baiana Chiclete com Banana por shows pela comemoração do 48º aniversário de Brasília, na Esplanada do Ministérios; apresentações, segundo o Ministério Público do DF e Territórios (MPDFT), realizadas sem licitação e com indícios de superfaturamento — episódios que começaram a chamar atenção do MP. Dentro desses acontecimentos, um episódio que trouxe atenção para a “farrá” da empresa foi a aplicação de R\$800 mil em 2009 ao cantor baiano Edu Casanova, para o artista divulgar Brasília no carnaval de Salvador daquele ano. Devido aos escândalos (além dos shows, a

Brasiliatur também era utilizada para liberação de emendas distritais) houve uma intervenção na empresa. Ela foi extinta em maio de 2010 pelo próprio GDF, durante a administração de Rogério Rosso. “A Brasiliatur perdeu o foco. Deveria ser uma empresa para pensar políticas para o turismo e se tornou uma estrutura destinada à produção de shows e eventos”, disse o então governador ao Correio Braziliense, em maio de 2010, diante dos gastos e atividades da empresa. A investigação sobre os escândalos ficaram sob auditoria do Tribunal de Contas do Distrito Federal (TCDF) e do MPDFT⁵¹.

Essa baralhada da empresa trouxe consigo as escolas de samba para o buraco, uma vez que haviam recebido a verba da empresa para a realização do carnaval de 2009. Deste modo, em decisão do TCDF em junho de 2010, todas as escolas de samba que participaram do carnaval daquele ano tinham que devolver o valor integral da subvenção recebida: R\$2,469 milhões, referente à 2009. Vale lembrar que meses antes, em janeiro de 2010, quando a empresa ainda não havia sido liquidada e ainda não tinha decisão do TCDF, a Brasiliatur chegou a destinar, em duas parcelas, R\$ 3 milhões para o carnaval daquele ano à União das Escolas de Samba e Blocos de Enredo (Uniesbe), entidade que as escolas escolheram para serem representadas, em preterimento à Liesb (liga que o leitor viu algumas vezes durante o livro).

Antes de continuar, explico a mudança da entidade que organiza o carnaval no DF. Em 2008, antes mesmo da história da Brasiliatur, uma ação de improbidade foi ajuizada pelo MPDFT em razão das irregularidades apontadas pelo TCDF no convênio entre a Secretaria de Cultura e a Liesb. Por conta de irregularidades encontradas pelo Tribunal, a Liesb havia sido proibida de receber verbas públicas diretamente da Secretaria de Cultura, mas, segundo o MP, o então secretário de Cultura, Silvestre Gorgulho, a substituiu contratualmente pela Uniesbe, justamente para driblar as sanções impostas pelo TCDF. A Uniesbe se defendeu dizendo que não surgiu para substituir a Liesb, e que, aliás, tinha personalidade jurídica desde 2003. “Já provamos na Justiça que não temos nada a ver com a Liesb e não devemos nada”, dizia Geomar Leite, o Pará, então presidente da Uniesbe. Fatalmente, o Tribunal foi convencido, e o argumento da constituição da Uniesbe ser fundada unicamente para driblar sanções do TCDF foi vencido. As escolas escolheram a entidade para serem representadas, em 2007, para o carnaval de 2008, e é até hoje a principal liga das escolas de samba do DF.

Continuando, com o repasse de R\$ 2,469 milhões para a Uniesbe, para o carnaval de 2009, segundo decisão despachada em junho de 2010, pela 2ª Vara da Fazenda Pública do DF, a organização e o secretário Silvestre teriam que devolver ao GDF o valor da verba repassada às escolas naquele ano: R\$ 2,469 milhões

⁵¹ O processo ainda corre na justiça. O acesso aos autos do processo é público e podem ser encontrados sob o número nº 23745/2013-e, pelo site do TCDF.

— valor que até hoje nunca foi pago. Diante desse revés, as escolas buscaram a justiça para provar ao TCDF que não participaram de nenhum drible fiscal com a Brasiliatur.

Segundo dirigentes das escolas de samba com quem conversei — Mocidade, Águia Imperial e Aruc —, por mais que se mostrasse ao TCDF que o desfile fora realizado, com vídeos, fotos, matérias jornalísticas e com a comprovação da prestação de contas, mesmo assim o Tribunal permaneceu com a posição de que a liberação de verba para as escolas não havia sido feita de forma adequada, pois “ficou constatada a dificuldade em se conhecer os serviços contratados, já que os projetos básicos não detalharam os locais e as datas das prestações de serviços”, disse um auditor do TCDF ao Correio Braziliense em janeiro de 2012.

Mas o buraco era mais fundo. À medida que as investigações do TCDF corriam, descobria-se, segundo o Tribunal, mais irregularidades. Apenas no ano de 2012, os auditores apontaram irregularidades, além dos carnavais de 2008 e 2009, também nos convênios de 2007 e de 2002 (este, inclusive, não envolvendo a Brasiliatur); todos por “falhas e irregularidades nos contratos”. As escolas, além de terem de devolver o valor desses carnavais, estavam impedidas de receber verba pública diretamente, já que a Uniesbe também estava impedida de representá-las. As agremiações estavam afundadas em problemas jurídicos e financeiros, que, de acordo com elas, não são seus de fato.

Diante as acusações do TCDF e sem possibilidade de ressarcimento do erário, como pedia o Tribunal, as agremiações até hoje (2022) tentam provar que nada tiveram a ver com eventuais irregularidades de contrato, ou seja, até hoje o processo e as sanções impostas ainda estão em vigor (o valor dos repasses tendo de serem devolvidos e o impedimento das agremiações receberem verba pública diretamente). De acordo com Pará — hoje presidente da Águia Imperial de Ceilândia —, só há um jeito de resolver a situação: representação jurídica. Não basta apenas pedir para o GDF aliviar a barra:

“O que está estampado é que as prestações de contas foram feitas, isso aí não há dúvida, não tem que se preocupar com isso porque a prestação tá lá dentro da Seplag (Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Gestão do Distrito Federal), dentro da Tomada de Conta Especial. A prestação foi feita, o carnaval foi feito, não houve prejuízo ao erário, a gente sabe que não, mas os órgãos não entendem assim. O Tribunal de Contas recebe [o parecer] da Secretaria de Planejamento, que tá lá desde 2009, eles só olham e ‘dá ok’, e manda para frente, manda condenar, não dá a defesa para você fazer, que tinha que ter sido antes, lá no Planejamento, quando cada presidente [de cada escola] foi chamado, pegou cópia do seu próprio processo. Todo mundo tem ciência disso, todas as agremiações que estavam vinculadas naquele projeto de 2009 têm ciência disso: fizemos o carnaval

e prestamos conta, não demos prejuízo ao erário, isso nós sabemos, só que temos que provar isso na justiça. Se vai ser na Justiça comum, isso é quando as escolas vão sendo chamadas, é que vai se resolvendo, aí tem que contratar um advogado, criar uma defesa daqueles valores e questionar, provar que prestou contas. É esse o caminho, não existe outro. Não tem essa de ‘ah porque prestamos contas, por que a Secretaria [de Cultura] não liberou dinheiro [diretamente]?’ Não liberou porque [o nome das escolas] está no Siggo (Sistema Integral de Gestão Governamental), enquanto tiver no Siggo não tem como receber [verba pública], nenhuma instituição recebe do GDF desde que esteja no Siggo, ‘cabou,’ não tem outro caminho. Ou tem que autorizar uma [empresa] representante, como foi feito em 2011, 2012, 2013, 2014 [já daremos profundidade neste aspecto] ou ficar sem participar, não tem outro caminho. Tem que entrar na justiça e provar que realmente não deve nada. Esse é o caminho, não existe outro.”

O advogado do caso por parte das escolas, Otniel Fonseca, conta que o processo está em fase de recurso; que por conta da não movimentação no processo, de 2013 a 2019, a defesa busca a prescrição. “Estou recorrendo com a tese da prescrição porque a lei fala que o processo, se ele ficar sem movimentação em torno de três a cinco anos, então cai na prescrição intercorrente, e é essa tese que eu estou defendendo, porque ele ficou de 2013 a 2019 parado, totalmente parado no setor, então ele tinha que ser julgado. A prescrição intercorrente é de 5 anos e ele ficou quase 6 anos parado em um setor só do tribunal, então eu recorri mês passado e estou aguardando o tribunal se manifestar”, explica.

Tal situação engessou as escolas, trouxe um prejuízo grande que se arrasta há 12 anos e as desmantela de forma grosseira. “Essa é uma situação que as escolas não comportam. Elas já não têm estrutura, ainda leva um tiro mortal desses, é quase um decreto de falência”, conta Helio dos Santos, presidente da Liga Independente das Escolas Tradicionais de Samba de Brasília (Liestra), fundada em fevereiro de 2021, com o objetivo de reunir as escolas com mais 30 anos de existência em Brasília, existindo paralelamente à Uniesbe. Hoje, participam da Liestra a Acadêmicos da Asa Norte, ARUC e Capela Imperial (Taguatinga).

No entanto, as escolas encontraram uma saída para receber dinheiro público para os carnavais vindouros (2011-2014): um CNPJ que pudesse representar as escolas, recebendo a verba do GDF e a repassando para as escolas; alternativa prevista na Lei Distrital de Carnaval 4.738/2011, em seu artigo 3º: “as escolas de samba e os blocos tradicionais podem ser contratados diretamente ou por meio de seu representante exclusivo, respeitadas as condições estabelecidas pelo art. 6º desta Lei”. As condições são, por exemplo, o representante já ter dois anos de existência, ser organização sem fins lucrativos e ter participado do carnaval do DF. Pará informa que duas empresas representaram as escolas no período: Associação

Bateria Nota Show⁵², e a escola de samba Gigante da Colina, sediada em Varjão.

Para alguns dirigentes de escolas, essa alternativa não funciona, pois tira a autonomia das escolas. Hélio diz que dessa forma não é interessante. Ele não vê como benéfico ter o processo terceirizado para realizar o carnaval, afinal essa é uma saída de fazer carnaval enquanto as dívidas das escolas não forem resolvidas perante o GDF, mas espera que mais cedo possível tenha a possibilidade das escolas receberem verbas diretamente.

Sem quadra e sem possibilidade de subvenção direta, a Mocidade estava em frangalhos. Mas era preciso continuar, era necessário seguir a vida da escola, mesmo que fosse no sacrifício, na luta e resistindo. Edilamar conta que a partir da confusão da Brasiliatur, houve uma discriminação muito grande partindo daqueles que não gostam de carnaval, acusando as escolas de roubo, espalhando inverdades de que as escolas só tinham ladrão no meio e isso, de acordo com as escolas, atrapalhou ainda mais o dia a dia das agremiações.

⁵² Grupo fundado em 1999, com sede em Ceilândia, onde são realizadas oficinas diversificadas e gratuitas para a comunidade, como: artesanato, dança, percussão, capoeira, libras e outras mais. Segundo nota da associação, o grupo “oferece oficinas de música, dança, entre outros; bem como a inclusão e a assistência social, por meio da profissionalização, e o direcionamento para as políticas públicas às pessoas carentes do DF e entorno”.

Cinzas

Com a saída de Pedro Teixeira e com Paulo Roberto deixando a cabeça da escola depois da tomada da quadra, em 2007 foi eleita para a presidência Elisângela Maria Lima, antiga PB da Mocidade. Mesmo com uma nova presidenta, Paulo continuou nos bastidores dando apoio à nova mandatária. Junto deles, voltou à escola Edilamar, a PB que ganhou todos os prêmios e que estava na escola desde a fundação da escola até 1997, quando saiu para integrar a Império do Guará.

Para o carnaval de 2009, nas compras de material em São Paulo, Paulo Roberto convidou o então presidente da escola de samba Candangos do Bandeirante, Uedson Antônio Conceição Sá, para auxiliar a Mocidade, dado que ele tinha a expertise de Pedro Teixeira, sabia sobre as melhores lojas em São Paulo. Uedson aceitou e foi ajudar a escola nesse novo processo de compras. À medida que conhecia a agremiação e a comunidade ficava encantada, mesmo com a realidade minguada que a Mocidade passara a enfrentar há pouco tempo. Ainda assim, Paulo e Edilamar, vendo a animação e encantamento de Uedson, colocaram na cabeça do convidado disputar a presidência da escola na próxima eleição.

Uedson não queria encabeçar a chapa, gostaria que Edilamar assumisse, mas ela disse que não tinha condição para o papel. Apesar de ter vivido no barracão, não tinha experiência administrativa, o que a fazia pensar que não tinha preparo para comandar a escola. Então ele aceitou as propostas e se lançou como presidente em 2009 para desenvolver o carnaval de 2010, com apoio de Paulo e Edilamar, esta compondo a chapa. Edilamar e Paulo acharam que ele seria a nova cara da escola, uma pessoa muito séria, muito correta financeiramente — tanto quanto os outros, mas com um foco maior nesse aspecto.

Em 2009, último carnaval de Elisângela à frente da Mocidade, foi também o último carnaval em que a escola conseguiu, ao menos, o terceiro lugar no desfile de Brasília, como já dissemos. Ano este que aconteceu o imbróglio com a Brasiliatur, ou seja, a partir desse ano, a escola passou a estar em alto mar, lutando para ao menos voltar à costa.

Com Uedson na presidência, a Mocidade mostrou uma capacidade de cuidar financeiramente da escola muito particular. Em 2010, de acordo com Edilamar, existiam dívidas de seis, sete anos, algumas de valor irrisório no contexto de escola, como de ferragem na quantia de 200 reais, de lata de tinta, de pessoas do barracão, “coisas pequenas” que foram saldadas na primeira gestão de Uedson. O processo de quitação dos valores foi fundamental, de acordo com

Edilamar, para Uedson conquistar a confiança da comunidade, pelo trabalho e pela credibilidade de cumprir com o que tinha combinado.

Considerando o novo cenário da escola, uma figura importante no funcionamento da agremiação é o empresário gamense e político Pedro Marcos Dias, mais conhecido como Pedro do Ovo, hoje assessor parlamentar. Sem quadra, quanto mais tempo passava, mais coisas da Mocidade se perdiam. Os documentos e troféus mais importantes da Mocidade ficavam, desde 2007 até 2010, em um escritório itinerante: carro de Paulo Roberto. Pedro do Ovo, que já ajudava pontualmente a Mocidade em determinadas ocasiões, ofereceu, então, à Mocidade um escritório em um prédio localizado na quadra 13 bloco 9 do Setor Oeste, perto da 20ª Delegacia do Gama, local que ele costumava alugar antes de ceder à Mocidade. Sim, ceder, porque a Mocidade não paga aluguel, tampouco água e luz do local.

Perguntado sobre a contrapartida da benesse dada à escola, Pedro diz que espera “vê-la ativa, brilhando e de volta à 1ª divisão”. Quando conseguiram esse espaço e começaram o processo de recuperação do patrimônio da Mocidade espalhado, acharam troféu da escola em casa de gente que Edilamar nunca nem viu dentro da agremiação. A bandeira da escola, por exemplo, ficava na casa da própria dirigente. O pouco que a escola ainda tem, materiais, fantasias, histórico administrativo, fotos, existe porque está concentrado no escritório cedido. Agora a agremiação tem de fato um escritório, com mesa, cadeiras e computador. Hoje, Uedson mora no prédio e fica incumbido de controlar o espaço, coordenar e organizar o recebimento de pagamento do aluguel de determinadas salas. A ajuda bem-vinda e necessária engloba até água e energia. Ainda, teve ocasião que faltou ferro para composição de carro alegórico e essa metragem faltante era, pelo que Edilamar lembra, 5 mil reais, então Pedro do Ovo disse que a escola não ia se prejudicar por 5 mil reais; foi lá e doou a quantia.

Segundo Edilamar, o empresário nem faz questão de ter seu nome constado em nada da escola, como é de praxe a escola fazer — desde sua fundação, parceiros políticos são essenciais para captação de recursos —, porque, de acordo com a dirigente, o político é apaixonado pela cidade e pela Mocidade. Pedro do Ovo diz ter ciência que ajuda a escola com a cessão do local, mas que “tem muitas pessoas que fazem com que a escola permaneça em pé, entre eles, membros da Diretoria, Uedson, Edilamar e outros também são importantes neste processo de manter a escola de pé”.



Prédio onde se encontra o escritório da Mocidade (Foto: Israel de Carvalho)



Escritório da Mocidade (Foto: Israel de Carvalho)



Parte de trás do escritório (Foto: Israel de Carvalho)



Arquivos de visuais e audiovisuais da Mocidade (Foto: Israel de Carvalho)



Documentos da escola, no escritório (Foto: Israel de Carvalho)



Entrada do segundo quarto do prédio, onde ficam os instrumentos e materiais da escola (Foto: Israel de Carvalho)



Fantasia e materiais da escola,
no espaço disponível para eles
(Foto: Israel de Carvalho)



Parte dos instrumentos da escola
(Foto: Israel de Carvalho)



Mais instrumentos da Mocidade, no escritório da escola (Foto: Israel de Carvalho)

Lembrando, a partir de 2009, as escolas só conseguiam receber recurso público por intermédio de um representante legal que repassaria a verba às escolas. O repasse às escolas, via representante, é feito mediante projeto apresentado pelas agremiações por meio de edital divulgado pela Secretaria de Cultura.

Segundo edital divulgado para o carnaval de 2015, que acabou não acontecendo (já explicaremos) alguns de seus objetivos são: “apoiar as instituições carnavalescas previstas no edital para que retomem paulatinamente suas atividades; permitir a rearticulação dos grupos que atuam com atividades permanentes; apoiar a gestão administrativa de entidades carnavalescas; estimular a integração dos

antigos componentes e a participação de novos, em diversos setores das entidades; valorizar a contribuição das Escolas de Samba e dos Blocos Tradicionais para a cultura local e nacional; contribuir para a manutenção das tradições carnavalescas e organização do carnaval do Distrito Federal”.

No edital, estão previstas quantias reservadas para o repasse (como os R\$ 5,9 milhões para o carnaval de 2014), a maneira que o repasse é feito, as fases de seleção da proposta apresentada pelas escolas, os critérios de seleção, os requisitos de habilitação por parte das agremiações, roteiro de elaboração da proposta, planejamento da parceria; detalhamento das ações; previsão de avaliação da parceria; planejamento financeiro — integrado pela planilha orçamentária; cronograma de trabalho e mais requisitos, detalhes, informações e critérios de avaliação determinados pela Secretaria. Abaixo, dois extratos de momentos distintos do edital de 2015.

a) propostas a serem submetidas devem apresentar planejamento financeiro, que conforme detalhamento exposto nas "Características da Parceria, itens": 1.6 e 3.2 do Edital.

b) custos dos serviços, produtos e materiais previstos deverão estar de acordo com o praticado no mercado, prezando pela economicidade no uso dos recursos.

PLANILHA ORÇAMENTÁRIA					
Item	Descrição Simplificada	Quantidade	Unidade de medida	Valor Unitário R\$	Valor Total R\$

ITEM 2 – PLANOS COMPLEMENTARES

O Planejamento Financeiro deverá contemplar todos os custos e necessidades para a plena realização das atividades propostas pelo Planejamento Técnico e conter obrigatoriamente os itens:

1. EQUIPE DE TRABALHO

Descritivo de todas as funções profissionais necessárias, com quantitativo e indicação de valores para cada função. O profissional pode ser parte do corpo funcional da OSC ou contratado por outros regimes.

2. ESTRUTURA TÉCNICA

Descritivo de itens para execução técnica e operacional das atividades, incluindo medidas de acessibilidade e mobilidade, prevendo os itens estruturais necessários ao projeto em todas as localidades previstas no cronograma;

3. LOGÍSTICA

Descritivos de itens logísticos necessários, com indicação quantitativa e de valores para cada categoria, prevendo (se houver) hospedagem, alimentação, traslado terrestre e passagens aéreas para os convidados de outras unidades da federação.

Extrato do edital de 2015 (Agência Brasília/Reprodução)

Critério de seleção e julgamento da proposta	Análise da proposta para avaliação do critério	Pontuação máxima do critério	Peso atribuído à pontuação	Nota do Critério
A – Alinhamento da proposta aos objetivos da política ou programa público em que se insere a parceria	PLANEJAMENTO TÉCNICO	2,0	2	4

B – Qualidade técnica da proposição	PLANEJAMENTO TÉCNICO	2,0	2	4
C – Adequação da proposta ao valor previsto no Edital e qualidade do planejamento financeiro	PLANEJAMENTO FINANCEIRO	2,0	2	4
D – Adequação do cronograma de trabalho ao previsto no Edital	CRONOGRAMA DE TRABALHO	2,0	1	2
E – Qualidade da equipe especializada envolvida na proposta	PLANEJAMENTO TÉCNICO	2,0	1	2
F - Relevância da trajetória artística e cultural do proponente – Será considerada para fins de análise a carreira do proponente, com base no currículo e comprovações enviadas juntamente com a proposta	PLANEJAMENTO TÉCNICO	2,0	2	4
PONTUAÇÃO MÁXIMA GLOBAL				20

Quadro de avaliação das propostas, também extraído do edital de 2015
(Agência Brasília/Reprodução)

Para Edilamar, a realização do carnaval via edital é positivo porque “ou você cumpre ou tá fora”. Para a dirigente, o edital promove transparência, visto que não é possível surgir diferenças de preços na compra de material, por exemplo, e na entrega do produto (desfile em si), a escola precisa mostrar comparativos, tudo em modelo. No início, diz a diretora, foi difícil, as escolas não tinham expertise nesse processo, mas com cursos e alguns carnavais sendo feitos dessa maneira, hoje Edilamar vê como ideal o carnaval ser apresentado por projeto.

Veio para somar, regularizar e profissionalizar o carnaval. Ou você se profissionaliza ou não tem como fazer, porque de certa forma, umas escolas fazem algo meio boca, mal feitas. Não usavam o recurso da maneira adequada, não sei o que faziam com dinheiro, mas era evidente que a verba era usada de forma inadequada. ‘Eu recebo 200 mil para entregar 3 carros, 200 fantasias e 10 ensaios — porque no cronograma é previsto etapas e como aplicar o dinheiro — e antigamente eu conseguia entregar e você não’. Por que? Com o edital, isso não

acontece. O edital e os projetos são a única forma de manter o carnaval. Não existe outro jeito, se não for através de empresa, através de edital, a gente não consegue viabilizar o carnaval [enquanto o processo não é resolvido].

Na fala da dirigente, fica evidente que, mesmo com a regularização das dívidas das escolas, o modelo adotado pela Secretaria de Cultura nos últimos anos para executar o carnaval é o ideal. Sendo até mantido mesmo quando os CNPJs da escola tivessem novamente limpos.

Como antecipado, a Mocidade funcionou dentro do Complexo Desportivo do Bezerrão até 2010, produzindo fantasias e alegorias no local onde é o posto de saúde dentro do Complexo e ensaiando no anfiteatro também dentro da reformada estrutura. Com o fim da concessão do espaço por parte da Secretaria de Esportes, ainda em 2010, a agremiação foi para um galpão de Pedro do Ovo, localizado no Setor de Indústrias do Gama, mas antes de terminarem o carnaval de 2011, foram para um espaço no setor Central da cidade, cedido pela Administração do Gama, onde permaneceram até 2012. Para o espaço, a escola comprou duas tendas no valor de R\$18 mil para proteger a escola do sol e chuva, já que a concessão era apenas do espaço. Porém, para 2013, a Mocidade conseguiu novamente com a Secretaria de Esportes o espaço do anfiteatro no Complexo Desportivo do Gama, apenas para realização de ensaios e montagem de fantasias e carro alegórico, ou seja, não era uma casa para a Mocidade, somente um lugar prático para a escola se preparar para o carnaval. A agremiação teve a concessão do espaço até 2014, último ano de carnaval em Brasília. Com a trajetória da Mocidade em busca de uma sede estando clara, vamos adentrar ao caminho que ela teve que percorrer quando ia de um lado para o outro no Gama.

Enquanto a Mocidade ainda estava no Complexo, mas já com a chapa de Uedson e Edilamar à frente da escola (2010 – presente), a escola operava em dois turnos, um turno diurno e outro de madrugada para conseguir fazer tudo a tempo. Além disso, várias pessoas da comunidade tiveram que ceder suas casas para conseguir cumprir o cronograma, visto que o espaço não era ideal para montar o carnaval inteiramente. Então, com a “quadra” espalhada por diversas casas e localidades, a Mocidade organizou a confecção das alas por quadras e lotes no Gama e em outras cidades que haviam componentes da escola como Taguatinga, Valparaíso e Santa Maria, por exemplo. Para conseguir entregar os materiais, ir atrás de adereços que faltaram, havia o custo da gasolina e do próprio carro pequeno, para conseguir entregar tudo de uma só vez, sendo necessárias muitas viagens. Para evitar o custo de vai e vem e o cansaço causado pelas viagens, decidiram comprar

uma kombi para dinamizar o percurso. Com recurso apertado, Uedson teve que tirar do próprio bolso porcentagem significativa para a aquisição do veículo.

A Kombi levava o material do Gama para Taguatinga; de Taguatinga para Luziânia; de Luziânia para o Gama. Edilamar conta que diversas vezes esqueciam linha, por exemplo, no primeiro destino, quando era para ser entregue no último, então tinham que cruzar a cidade novamente só para buscar a tal metragem de linha. “Era complicado”, lembra. Ainda assim, mesmo que eventualmente a diretoria tenha tido que rodar pela cidade mais que garrafa de pinga em mesa de bêbado, diz que se não fosse a ajuda das pessoas, não teria conseguido realizar os carnavais. Quando se percebe que todas essas pessoas têm obrigações fora do carnaval como família, emprego, estudo e ainda se dedicam de tal maneira para ver a escola sair, o resultado na avenida ganha outro significado. Os trabalhos de costura, de colagem, de ensaio têm ainda mais potência, mesmo que algumas dessas pessoas recebam para tal. Aliás, a Mocidade paga, assim como em seu histórico, o trabalho do artesão, da costureira, do aderecista, para citar alguns. Esses, aliás, são artistas do Gama.

Como já exposto, o ensaio da bateria, após a Mocidade ficar sem sede e sem a cessão do anfiteatro, passou a ser feito de forma picotada, certos instrumentos por ensaio, de 15 em 15 dias, primeiramente no galpão de Pedro do Ovo, posteriormente no espaço do Setor Central onde estavam as tendas, depois na quadra poliesportiva perto da 20ª Delegacia do Gama, e finalmente no espaço à frente ao escritório da escola — onde os ensaios têm sido realizados nos últimos meses (julho de 2022).



Espaço em frente ao escritório da escola. Os ensaios precisam respeitar os vizinhos e igrejas que ficam em frente ao prédio (Foto: Israel de Carvalho)

Sobre o ensaio das alas, o papel da diretoria era dar condições das pessoas chegarem até ao local, com o pagamento de transporte. Agora com componentes em várias partes do DF, devido a debandada de alguns anos antes, a escola freta um ônibus de, por exemplo, Luziânia, onde tem 30 pessoas, para o Gama na data combinada do ensaio. Mesma coisa com o grupo da Comissão de Frente, que era do Paranoá. A agremiação já realizou ensaio das alas no Setor Leste, Setor Oeste (ambos no Gama), Valparaíso, Paranoá e Santa Maria. Esse processo também é importante para a Mocidade chamar mais pessoas com o intuito de manter a escola viva, de propagar a escola e disseminar o samba para além do próprio Gama.

Para o carnaval de 2014, já dentro do Complexo do Bezerrão desde o ano anterior, a escola se preparou do melhor jeito possível para colocar o carnaval redentor dos últimos anos da Mocidade. Os diretores queriam voltar para o pódio e arrebatam o título do grupo especial pela segunda vez em sua história. Portanto, montaram o carnaval meticulosamente, contaram com uma equipe empenhada, tanto que levaram profissionais para aprenderem conceitos e práticas em São Paulo e no Rio de Janeiro. Trouxeram um motor e ferragem nova para os carros alegóricos e se debruçaram para arrebeitar no desfile de 2014, com o enredo “A Mocidade do Gama Mostra a Cara e Tira as Máscaras no Carnaval”. O valor total repassado para a Uniesbe foi de R\$ 5,9 milhões, verba considerada “recorde” pela Secretaria de Cultura, como adiantamos no primeiro capítulo. A Mocidade gastou R\$ 530 mil no carnaval daquele ano. “Até hoje tô pagando”, diz o presidente Uedson sobre o investimento feito para aquele desfile.

No dia do desfile, Edilamar estava responsável pela harmonia da escola, junto com Pedro Teixeira — numa das suas ajudas pontuais para a Mocidade —, e estava incumbida de deixar a escola “arrumadinha” para passar no tempo certo e com os componentes acertados de acordo com o release — plano detalhado do desfile na avenida — dado aos jurados. A escola tem que se apresentar de acordo com o escrito: em alas, fantasias, alegorias. “Se tem destaque do São Jorge e vem outra coisa: perde ponto. Nada pode ser diferente que o divulgado, porque senão perde ponto”, explica Edilamar sobre como funciona uma das ferramentas de avaliação dos jurados. Momentos antes de começar o desfile, ela juntou a escola, colocou cada qual em seu lugar e, com os componentes entrando na avenida seguiria para o fim da passarela, com o objetivo de ajudar na dispersão. Pedro ficaria no meio da escola ajudando a agremiação seguir, dada sua experiência, e ao passo que Edilamar seguisse para o fim, Pedro iria para o início.

Até a hora do desfile estavam todos felizes, e, como recorda Edilamar, os presidentes das outras escolas, vendo a beleza estética dos carros, ouvindo o samba,

vendo as fantasias e o chão da escola animado, empolgado, já aceitavam o destino e decretavam que o Gama era o campeão de 2014.

Com cerca de 10, 15 minutos de desfile, na entrada da Mocidade na avenida, o eixo do terceiro carro simplesmente quebrou e a alegoria travou na passarela, sendo impossível se mover, mesmo com os presentes na avenida empurrando a alegoria. Um erro inédito em praticamente trinta anos de Mocidade. O infortúnio aconteceu justamente quando Edilamar e Pedro estavam trocando de lugar. Como os membros da harmonia vinham da renovação de 2010, eram novatos, não tinham muita experiência, se desesperaram.

Ao invés de passarem as alas, continuarem o desfile, a escola parou atrás do carro esperando que se arrumasse um jeito, que uma solução surgisse. As alas à frente da alegoria seguiram desfilando, deixando um buraco do tamanho praticamente da avenida completa para trás, em razão de a Mocidade não conseguir evoluir atrás do carro empacado; infração mortal. A alegoria quebrada nem mesmo chegou a entrar na avenida e travou o resto da escola atrás dela.

A Harmonia não teve a destreza de seguir com as alas, passando entre o espaço do carro parado e o alambrado; o buraco foi crescendo. O cronômetro continuou rolando e sem uma solução aparente, enquanto Pedro não chegava para tentar resolver a situação, as pessoas ficaram nervosas, correndo e chorando, fazendo a bola de neve ficar cada vez maior. Uma das cabines de jurado ficava justamente no início e permitiu que se visse a situação de perto. Quando já era tarde demais, Pedro conseguiu acertar o desfile e colocou a escola dentro de uma certa ordem.

Conseguiram tirar o carro, ainda na armação, e tiveram fluidez maior, a esperança ainda existia entre a diretoria, porém, o quarto e último carro também teve uma falha. Segundo Uedson, o pino do volante sumiu, não sendo possível movimentar o carro. Ainda de acordo com o presidente, o mais fácil, pensando em eventualidade, incidente, seria que a porca sumisse, não o pino acoplado; o que para ele, se configura como “sabotagem”, porque mesmo que a porca se soltasse, o pino continuaria preso. De qualquer maneira, a Mocidade tinha se acertado e se encontrado depois do primeiro erro, dentro da possibilidade, quando aconteceu a infelicidade com o último carro. Aí o arroz já tinha virado papa, como diz o escritor baiano Franciel Cruz; já sabiam que não teriam ponto algum em Harmonia, mas continuaram, porque desistir não era uma opção.

Eram três jurados que julgaram o quesito Conjunto e Evolução (quesito que julga a progressão da escola na avenida, como a escola se apresenta de acordo com o tempo de desfile). As notas foram 7.00, 7.00 e 7.80. Já em Harmonia (quesito que julga o entrosamento das vozes da escola com os instrumentos), a Mocidade conseguiu levar para casa 9.80, 7.5, e 8.50. Com notas baixas compondo seu score, a escola tirou 250,70, a menor nota do desfile, dois pontos atrás do penúltimo

colocado. Uma nota “7” para o desfile é 0 porque a nota mínima é 7. Foi como se a escola não tivesse desfilado. Se tivessem atravessado a alegoria empacada, perderiam pontos ali e aqui, mas não seria 0, até pelo menos conseguirem tirar o empecilho do caminho. Com a menor nota do grupo, ao invés de ganhar o título do grupo especial pela segunda vez, como haviam pretendido, a Mocidade caiu para o segundo grupo pela segunda vez em sua história.

Edilamar teve sua frustração potencializada na avenida por ter dado seu máximo, por ter tido tanto esforço, por ter aquele carnaval como a menina dos olhos em quatro anos de gestão, em quatro anos não desistindo de sua escola, da agremiação que acolheu sua família há décadas, portanto, não conseguia parar de chorar na avenida. Já Uedson estava sério e passou o resto do desfile recolhendo material, tristíssimo, nem viu como a Mocidade passou. Paulo Roberto, também partícipe do desfile — como sempre — arrumava fantasias de sobra, distribuindo. “E ele estava muito muito emocionado com a exuberância da escola antes do desfile”, lembra Edilamar, mas nem chegou a acompanhar a procissão devido sua tarefa. Não deu tempo, inclusive, de trocar de roupa, estava de bermuda.



Fantasia de uma das alas do desfile de 2014 da Mocidade (Foto: Mocidade do Gama/Divulgação)

O fundador da Mocidade só foi encontrar Edilamar na saída, ambos com os olhos inchados de tantas lágrimas. A dirigente admite que em outras vezes não tinham dado o máximo e perdiam pontos por isso. “O Gama costumava perder ponto porque não tinha calçado o povo direito, porque as roupas de baixo não eram iguais, porque alguém não estava com uma peça de roupa descrita no release. No Gama já saíram de chinelo, já saíram pessoas embriagadas que furavam aquela fiscalização da armação, entrava de qualquer jeito... pensa no vexame, chinelo de

dedo”, e quando ela cuidou dos detalhes, perfeitamente, acontece algo que nunca tinha acontecido até então.

Apesar da pior pontuação e da queda em 2014, Edilamar tem a consciência que foi feito o melhor. Considerado apenas o período da chapa de Uedson (2010-presente), Edilamar afirma que o carnaval de 2014 foi quando a escola mais se dedicou, com intensos ensaios, o cronograma estipulado sendo seguido de forma correta, não houve falta de gente no desfile, enfim, cumpriram o trabalho proposto. Gastaram dinheiro para sapato igual, camisa igual, para não ter nenhum tipo de problema bobo, “quebraram” a cabeça pra fazer a distribuição correta das pessoas, e tinha tudo para dar certo, pela previsão da diretora.

Porém, qual foi a causa para o cataclisma da Mocidade? O que explica o primeiro carro — visto que o motivo do segundo carro não conseguir entrar no desfile foi o sumiço do pino do volante — quebrar e levar o sonho do segundo título para o ralo? Aos fatos: Edilamar e Pedro montaram o cronograma do desfile inteiro: as alas, os desenhos, os carros, que tiveram escolha artística pessoal de Edilamar junto com o carnavalesco Vinícius Souza. Quando estavam montando o carro, considerando o peso do chassi da alegoria, o serralheiro responsável disse para a diretoria que o carro aguentaria até 40 pessoas. Por questões de segurança, elegeram 30 para subir no carro. Já na avenida, no fatídico dia, Edilamar soube que nesse carro subiram cerca de 20 pessoas a mais. Os indivíduos simplesmente decidiram por algum motivo, na hora da armação, não desfilar no chão, então foram subindo no carro, sem que, infelizmente, Edilamar ou Pedro tivessem presentes. A bala de prata no bicampeonato da Mocidade.

Ou seja, só do carro estar desconfigurado do previsto no release proporcionaria a canetada dos jurados, mas essas pessoas a mais exerceram um peso não suportado pelo veículo quebrando o seu eixo. Edilamar soube depois que, na invasão de componentes no carro, houve até disputa de lugares, porque como o carro não tinha sido projetado para 50 pessoas, mas 30, ou seja, os penetras tiveram que encontrar espaço dentre os poucos lugares disponíveis. Nessa disputa, aconteceu a briga de duas mulheres que chegaram ao ponto de se estapearem pelo ponto central do carro. Teve grito, esculhambação, palavrão proferido, até que a turma do “deixa disso” interveio, inclusive o próprio profissional do guindaste que auxilia as pessoas na subida da alegoria foi separá-las e as colocou cada uma em um canto. Note-se que nenhuma das duas estavam previstas para aparecer no carro, ambas estavam com fantasia de chão.

Na época, a diretoria estava revoltada pelo rebaixamento. Hoje se tem outra perspectiva dentro da escola, veio o aprendizado. Necessita-se de mais profissionalismo nessa parte, percebem, agora, que Harmonia é a principal preocupação no desfile. Os cursos para profissionalização do carnaval (mais detalhes no próximo capítulo), deixam claro que cada carro deve ter pelo menos uma pessoa responsável para puxar os penetras, colocar alguém caso falte, fiscalizar

o andamento do carro. Não pode ter apenas uma pessoa responsável por tudo. Em perspectiva, no Rio de Janeiro tem 10 membros da Harmonia responsáveis por um único carro.

Para 2015, o planejamento teria de ser feito para um desfile do segundo grupo, ainda com o elemento da frustração e da revolta forte dentro da escola. A Mocidade foi levando, ensaiando e preparando o carnaval, até chegar uma notícia em janeiro que mudou para sempre a vida das escolas de samba do DF: por contenção de custos, o carnaval de Brasília foi cancelado. Notícia que caiu como uma bomba a apenas dois meses do desfile.

As escolas, frágeis, com o nome negativado, apenas sobrevivendo, teriam mais esse golpe, ainda mais se considerarmos que foi feito um investimento sem retorno, já que estavam montando o carnaval antes de janeiro. No entanto, no ano seguinte poderia dar certo, era só uma contenção de gastos com vias de se encerrar em determinado período. Porém, os anos foram passando e o desfile não voltava a acontecer. Ainda assim, a expectativa do carnaval “ano que vem” se mantinha. As escolas pensavam que iam sair, que daquele determinado ano não passava etc., mas nada. Há oito anos, em 2022, quase uma década, não existe mais desfile das escolas de samba em Brasília.

As tendas compradas pela Mocidade, palco para a produção de dois de seus carnavais, se perderam com o tempo no período sem carnaval, sem lugar para guardá-las. Edilamar diz que as duas custaram R\$18 mil. Hoje, a escola está pleiteando novamente o espaço do anfiteatro para realizar o carnaval. A Mocidade também não possui mais carros alegóricos. Assim como a espera foi se distanciando de sentido, os quatro eixos da escola se perderam, ficaram jogados pelo DF, assim como as rodas. Quase tudo foi roubado, o que não foi roubado, se deteriorou com o tempo. A Mocidade não tem nada para montar um carro alegórico.

Cinzas pressupõem folia. Ao fim da folia de carnaval, a melancolia, a tristeza, o vazio e a falta de fascínio voltam ao cotidiano do brasileiro. A realidade rotineira expulsa a folia e marca território em nossas vidas. Contudo, é impossível falar de cinzas sem falar de festa, de celebração, de êxtase. Por isso, no capítulo “Cinzas”, é preciso inserir seu outro lado, aquele que antecede às cinzas: a folia.

Em seguida, estão duas histórias de avenida contadas pela mesma foliã. Histórias que dão o sabor do que é desfilar e que retratam o poder do carnaval sobre nós, comuns da sociedade brasileira. Partindo do pressuposto que carnaval é inversão — inversão de valores, de hierarquia, de status-quo —, tomo a liberdade e inverto a ordem natural das cinzas, que naturalmente acontecem após a folia,

e decido trazer a festa, aqui, após as cinzas, para mostrar a força da folia como esperança, como potência e como renascimento, subvertendo, assim, as cinzas da Mocidade. Para simbolizar as histórias a seguir, deixo um trecho da canção de baile do Clube dos Democráticos, que o povo carioca entoava no primeiro carnaval após a gripe espanhola, em 1919: “Não Há Tristeza Que Possa Suportar Tanta Alegria”.

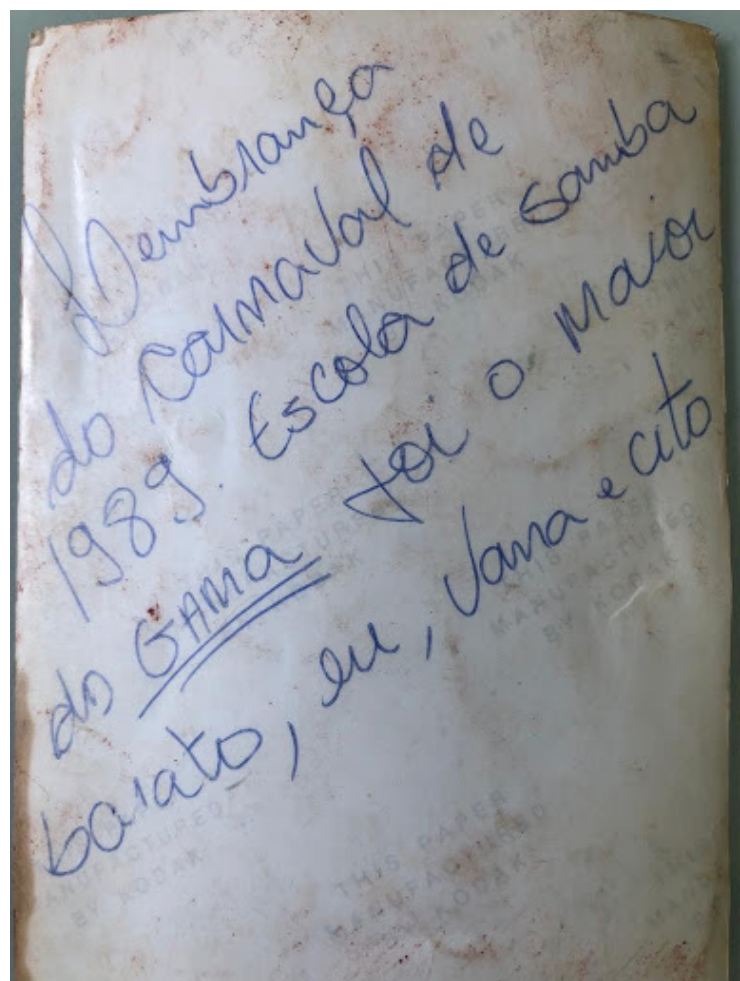
Maria do Carmo, componente de 69 anos da Mocidade, certa feita não estava tão empolgada no dia do carnaval. Para falar a verdade, não estava nem um pouco empolgada. A animação resolveu não aparecer. Saiu de casa e foi para o desfile quase por obrigação moral. Para piorar, naquele ano, ela só iria encontrar parceiras lá na avenida. Em todo o processo prévio, se encontrava sozinha, ninguém para conversar ou receber o desabafo de que ela nem queria sair de casa. Afinal, se aliviar das palavras negativas que traduzem a sensação ruim já dá uma melhorada no astral. Mas não, estava ali quase explodindo com a sensação de que não queria desfilar. Mesmo assim foi. Chegou no barracão para se maquiagem e enquanto via o pessoal cantando o samba, todo mundo ali animado, dançando, gritando já com purpurina, e ela olhando tudo aquilo com as pálpebras a meia altura indicando enfado. Jade, diretora de harmonia, chegou e disse: “Que isso? Você tá muito branca, tá com a cara muito amarela, como é que é? Vamos passar um trem nessa cara”, a qual respondeu, em uma rotação bem abaixo da pergunta feita: “ah.. passa aí”. Então foi arrumado o cabelo e a maquiagem foi realizada. O externo, pelo menos, ficou nos trinques.

Faltava apenas a fantasia de borboleta, que seria vestida na armação da escola, como já era protocolo. Quando o ônibus que ia levar Maria e outros componentes chegou à avenida, lá foi ela vestir a fantasia. As asas da borboleta se encaixariam em dois suportes de ferro que ficavam ao ombro da componente. No encaixe, logo ela sentiu o ferro machucar sua pele. Aquela sensação parecia que não sumia por qualquer movimento ou posição que deixasse a asa. “Putá que pariu, vai ferir tudo”, pensou. “A bicha entrava na minha carne mesmo”, lembra a foliã.

Mas já toda arrumada, saiu para encontrar as comadres e tomar cerveja; a nebulosidade entediante dava lugar aos raios de empolgação. Muita gente chegava pedindo para tirar foto, gringos inclusive, e ela já armava o sorriso genuíno com a boca aberta, os olhos apertados e abria os braços, com uma latinha em uma mão e a outra abraçando o remetente do pedido da foto, em felicidade dionisíaca. Não tardou para que entrasse na armação da escola e a adrenalina começasse a subir. Ao anúncio do início do desfile da Mocidade e o repique começou a comer, ali o êxtase já era total: “agora só dá eu!”. Não tinha mais aborrecimento, tédio, vontade de assistir novela, ou fantasia machucando. O negócio era ajudar a escola a levar todos os 10 que estivessem à sua disposição.



Maria do Carmo, à esquerda, Joana, sua irmã, à direita, e Cito, marido de Joana ao Centro (Foto: Maria do Carmo/Arquivo Pessoal)



Anotações de Maria do Carmo atrás da foto (Foto: Maria do Carmo/Arquivo Pessoal)

Já nos últimos desfiles, com a idade influenciando no vigor, a avenida parecia mais longa. Nunca, entretanto, foi impeditivo para sair na escola, mas realmente pareciam exigir cada vez mais de Do Carmo. “Ave Maria, mas nunca acaba. Já já eu vou parar no Gama”, lembra a sensação. Teve um dia que ela estava tão cansada, que quando terminou de atravessar a passarela, fecharam o portão logo atrás do seu último passo ela desabou no chão com as pernas tremendo. Veio bombeiro, veio filho, veio neta com água abanando a caída para acudir e ela dispensou o líquido padrão oferecido para quem passa mal e disparou: “que água o quê? Me dá cerveja pelo amor de Deus”. Disse que muitas vezes nem sabe como ou o quê estava sambando de tanta canseira.

O cronômetro é fundamental no desfile, algo que não pode ser esquecido ou ignorado. Não dá para correr demais porque não há quem aguente, além da possibilidade de surgir o temido buraco, que inflige perda de pontos em harmonia, mas também não dá para ser devagar porque a cada minuto estourado de tempo, a escola perde décimos. Ou seja, embora não seja para correr, é preciso desempenhar bem e ligeiramente.

Certa vez, em um desfile chuvoso, a ala da Maria do Carmo deveria além de sambar, em certos momentos, reverenciar os jurados, que se encontram em três módulos espalhados pela avenida. Na hora que ela fez o movimento de reverência, abaixando o torso e abrindo os braços, teve a sensação de que sua coluna puxou o freio de mão ao chegar no ângulo mais baixo alcançado. Não havia força capaz de levantar as costas de Do Carmo, enquanto o suor descia do seu rosto e a chuva castigava o lombo, fazendo pesar ainda mais sua fantasia. Ela estava muito cansada, a avenida é comprida, o passo é apertado e o samba afinado no pé. Maria disse que naquele momento não sabia do tamanho do cansaço: “Agachei lá para fazer a reverência para o povo e fiquei. Eu estava morta, morta, tava lá botando os bofe para fora, cansada que só o cão!”.

Uma integrante da comissão de harmonia a viu parada. Ficando para trás, poderia prejudicar a escola, ainda mais ali na frente dos jurados. Correu até a referida, bateu nas costas dela rapidamente dizendo: “anda! acorda! bora, tia, a senhora parou!”, a qual respondeu, virando a cabeça para a moça com o rosto exprimindo dor, quase como pedindo ajuda: “como, merimã??”, mas percebendo que realmente estava prestes a possivelmente fazer a escola perder pontos, pensou “ai, meu deus do céu”, conseguiu levantar, respirou fundo e ainda, depois de quase ficar para trás de vez, correu um pouquinho para acompanhar seus companheiros de ala que já haviam se deslocado um pouco dela e se encontravam a alguns metros à frente. Era a força do coletivo endireitando a própria coluna.

Capítulo 11

Dia Seguinte

*E depois quando a festa acabar
O que vai ser dessa vida?
Vai voltar ao que era antes
De passar pela avenida
Nem melhor, nem pior
Porque não pode ser mais dolorida
Que será desse mundo de branco e de azul
Quando a voz das pastoras emudecer?
Quando som da batida do surdo parar
Igual um coração para de bater
Que será dessa porta bandeira
Que foi tão aplaudida?
Amanhã quando recomeçar
A tristeza interrompida
E esse rei que perdeu a coroa
E a glória consentida
Volta a ser camelô biscateiro ou gari
Ou de berro na mão por aí reinar
Poderá ser mais um pingente que cai
Que no ano que vem
Ninguém vai notar*

Dia Seguinte: Carlinhos Vergueiro / J. Petrolino

Antes das eleições de 2014, o DF estava em crise econômica. De acordo com o governo de Agnelo Queiroz (2011-2014), o GDF tinha arrecadado menos que o esperado, não conseguindo pagar servidores e serviços, como jardinagem, recapeamento de asfalto e mais. Greves de professores, assistentes sociais, servidores da saúde, motoristas de ônibus e outros eram comuns na capital; vias de Brasília eram fechadas por manifestantes que pediam seus salários, que tiveram que ser pagos em parcelas. Segundo a Agência Brasil, em 2015, o

governo seguinte, de Rodrigo Rollemberg (PSB) herdou uma dívida de 3 bilhões de reais de seu antecessor. Deste modo, a prioridade do governo era pagar os servidores, assim, enxugando gastos em todos os segmentos e aumentando preços de serviços como transporte público, entrada em parques e locais como Zoológico para recuperação do caixa do DF.

Recursos aplicados em alguns setores teriam que ser realocados dada a prioridade do governo na época. Uma das não-prioridades eram eventos culturais como aniversário de Brasília, festa de virada de ano e carnaval — tanto os desfiles quanto para blocos de rua. O anúncio da supressão de verba para essas áreas foi feito ainda no início de janeiro. A promessa era que logo que a situação se estabilizasse, voltaria a ter carnaval em Brasília. Com esperança, haveria carnaval em 2016.

Contudo, em 2016 ainda não se sabia se teria ou não carnaval em Brasília. As escolas tinham esperança e em 2015 estavam adiantando o trabalho para não serem pegadas de surpresa futuramente. O governo não dava uma resposta oficial e as escolas continuavam a fazer investimentos, mês após mês. Em dado momento, em janeiro de 2016, algumas escolas diziam já ter 60% do carnaval pronto. Devido o investimento, as agremiações estavam com dívidas com os fornecedores, portanto as escolas não tinham “plano B”, estavam pressionando o governo e rezando para que houvesse carnaval dali um mês. O que não aconteceu.

A situação financeira das escolas de samba se deteriorou ainda mais. De novo sem desfile em 2017, o GDF organizou que as escolas se apresentassem em um espaço entre a Torre de TV e a antiga Fundação Nacional de Artes (Funarte), hoje Eixo Ibero-Americano, para não ficarem totalmente paradas. Não era um desfile, mas sim uma apresentação com bateria, MS e PB e alguns setores fundamentais de uma escola de samba. Esse modelo aconteceu até 2020, mas não era suficiente para as escolas de samba, que pareciam não ver o fim do buraco que estavam.

Mesmo com um novo governo nas eleições de 2018, o GDF ainda não retomou os desfiles de uma vez. A equipe responsável do governador Ibaneis Rocha (MDB) iniciou conversas com o setor para dar às agremiações novamente os desfiles, mas quando houve esperança para isso acontecer (pontuação que nem em 2019 nem em 2020 o governo avançou nas ações), veio a pandemia de Covid-19, que impediu sanitariamente a realização de atividades culturais e eventos, devido a proibição de aglomerações, inclusive o carnaval em 2021 e 2022.

Para 2023, há a promessa de carnaval por parte do GDF. Estão acontecendo, entre outras ações que já daremos atenção, *lives*⁵³ transmitidas e organizadas

⁵³ Transmissão ao vivo de áudio e imagem por uma plataforma na internet, como Instagram ou Youtube. Modelo cultural usado de maneira quase unânime por todos os segmentos na pandemia.

pelo GDF em seus canais oficiais, contendo apresentação das escolas, tal como as apresentações pela Torre de TV alguns anos antes. Embora o GDF tenha permitido agora uma movimentação maior por parte das escolas com o vislumbre de carnaval em 2023, nada é tão certo assim e os desfiles podem não acontecer, por ser ano seguinte de eleição. No entanto, com a reeleição do governador Ibaneis Rocha, é possível que os planos do atual governo sejam continuados.

Nesses oito anos de abismo momesco, a Mocidade ficou rendida. Não haveria mais carnaval — não sabiam até quando —, mas enquanto não havia festa, a escola teria que ter sangue correndo na veia, porque naquele momento, depois de tanto resistir, não faltava muito para perecer, assim como sua antecessora, Independentes de Brasília.

Depois da criação do quadro de sócios em 2010⁵⁴, exceto por uma chapa composta por ritmistas na eleição daquele ano, nunca mais houve nenhuma chapa para assumir a Mocidade. Se Edilamar e Uedson largassem a escola, não haveria mais Mocidade do Gama. A direção que assumiu em 2010 está até hoje, 2022, à frente da agremiação, apesar de sempre incentivarem a formação de chapas e a rotatividade da diretoria. Não imaginavam que iam ficar tanto tempo à frente da agremiação quando assumiram no início da década passada, sempre ganhando as eleições bienais por serem chapa única — agora Edilamar e Uedson revezando a presidência, assim como Pedro e Paulo faziam outrora.

Portanto, enquanto ainda não tinha chegado a pandemia, a agremiação verde e branco pagou um ano de dança de MS e PB no Rio de Janeiro para seus casais, promoveram curso de corte e costura, incentivaram ensaios, tudo para escola não morrer, para as pessoas continuarem vendo, percebendo a escola de alguma forma — mesmo que tudo isso acontecesse na rua ou em locais alugados. Nunca foi tão difícil para a Mocidade, que estava sem quadra, sem poder desfilar e com as contas no vermelho. Hoje, conseguem manter a escola no limite, o esforço é o máximo para a escola ficar com a cabeça na lâmina da água, antes de se afogar por completo. A ajuda fornecida por Pedro do Ovo tem sido fundamental nessa sobrevivência, afinal, se não houvesse um local apropriado para manter o patrimônio, não haveria mais nada, como tanto se perdeu.

Tendo em vista o fim da pandemia e a retomada do carnaval em 2023, em fevereiro de 2022, o GDF anunciou o projeto “Escola de Carnaval”, que tem o objetivo de preparar o setor cultural para o carnaval. São cursos que abordam gestão, planejamento, cenografia, figurino e música para reorganizar blocos, escolas e produtores culturais. O curso é pensado e coordenado pelo ex-carnavalesco e doutor em narrativas de carnaval, Milton Cunha.

⁵⁴ Antes de 2010 a votação para presidente da Mocidade não acontecia formalmente pelos sócios. Esse quadro foi montado e, com o pagamento de uma mensalidade simbólica que chegava, ao máximo, a 5 reais, ficou definido 117 nomes que teriam poder de voto.

“O 1º módulo tem como disciplinas gestão, passando pelo planejamento; elaboração de projeto; legislação de carnaval; captação de recursos públicos e privados; elaboração de plano de comunicação e prestação de contas. Já no 2º módulo, que começa em agosto, são abordados assuntos visuais referentes ao carnaval, como: desenhos artísticos de fantasias/figurinos; maquiagem de carnaval; análise estrutural das alegorias e adereços, e cenografia carnavalesca. No 3º e último módulo, os assuntos tratados são sobre musicalidade, com: dança do passista; samba enredo; mestre sala e porta bandeira; ritmistas de escola de samba, e bateria de samba e percussão”, explica a assessoria de imprensa da Escola de Carnaval sobre o projeto.

O curso e as *lives* promovidas pelo GDF faziam parte da movimentação da volta da procissão em 2023. “A atual gestão da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal (Secec) entendendo que carnaval tradicional significa desenvolvimento para a cidade está rearticulando e profissionalizando com antecedência a cadeia produtiva por meio da Escola de Carnaval. Fora isso já injetou para atividades das escolas mais de 3 milhões de reais e juntos com eles já prepara o repasse do recurso para o desfile ainda esse ano”, conta a subsecretária de Difusão e Diversidade Cultural da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal, Sol Montes.

A Mocidade estava fazendo ensaios para *lives* desde fevereiro de 2022, em frente ao prédio do Pedro do Ovo, toda quarta-feira por 1h30min, mas não puderam continuar pois o barulho começou a incomodar uma criança com deficiência. Embora seja uma área comercial, o prédio é localizado perto de uma área residencial. Situações como essa são totalmente possíveis de acontecer a partir do momento que uma escola de samba ensaia em local não apropriado. Sem espaço, ficaram quase um mês sem ensaio. Uma das *lives* foi feita sem ensaio, aliás. Posteriormente, conseguiram um galpão perto da rodoviária do Gama, em negociação com a administração do Gama, mas atualmente já voltaram a ensaiar em frente ao escritório, com a questão da criança pacificada.

Contudo, para não ficarem no meio da rua e suscetíveis a outro episódio com um morador, e de olho em ensaiar com a bateria inteira, estão pleiteando o espaço do anfiteatro no Complexo Desportivo novamente, dado que o espaço não está sendo utilizado (já darei atenção a este ponto). Quando ensaiavam no galpão no Setor de Indústrias do Gama, Edilamar lembra que ali não era o melhor dos lugares, por estar bem deteriorado, mas, na ocasião, utilizaram-no porque era o que tinha. “Não tem como fazer na rua e não tem como não fazer [o ensaio]. Quando não tem estrutura, é muito complicado”, dizia Edilamar à época, quase no meio de 2022.

Agora com articulação, ações e direção para existir carnaval em 2023, a Mocidade tenta ir com tudo para a avenida. Edilamar conta que a Mocidade já

tem um enredo, mas que depende de “coordenadas do carnaval e de quem vai executar o material artístico”; decisões que não devem tardar a vir. Aliás, o afã é tamanho para voltar com força máxima, acreditando tanto que o último carnaval prometia louros, que a dirigente revela que a ideia é fazer um remake de 2014, mas depende das determinações da Liga. “Caso as fantasias e enredo tenham que ser inéditas, teremos que mudar”, conta. Mas caso tudo se encaixe, a vontade de ver o carnaval de 2014 vencedor permanece. A Mocidade confiava muito naquele desfile, assim como um torcedor que confia em uma seleção forte na Copa do Mundo, mas que, como a Mocidade em 2014, acaba não trazendo a glória esperada.

Mesmo dispondo do mesmo recurso financeiro de 2014, a escola tem menos tempo, menos pessoas. Por isso estão — novamente — na missão de resgatar o chão da escola. Não só resgatar, precisam renovar. No fim das contas, a Mocidade está reestruturando toda uma escola de samba em menos de um ano, visto que só em 2022 foi sinalizado que haveria carnaval, com anúncio das *lives* e dos cursos. Só não vai realizar um carnaval do zero porque a escola ainda tem algumas 50, 60 fantasias boas, cerca de 250, 300 aramados, muito tecido e material de decoração que dá para usar; materiais guardados desde 2014 no prédio do Pedro.

Lembrando, a Mocidade está em processo de comprar todos os eixos e chassis para os carros alegóricos. Todavia, a escola não consegue executar a compra dos carros agora porque não tem onde guardar. Gastar o dinheiro enquanto não tem um local seria nem um pouco inteligente, iriam se perder como os outros e como as tendas. Confecção de fantasias e ensaios é possível realizar onde for, “a gente se vira em rua, em sala”, diz Edilamar, mas carro alegórico precisa de espaço. Esse é o maior desafio da escola: conseguir em um semestre o espaço para comprar os carros e começar a confecção das alegorias do zero.

A escola quer sair com pelo menos 500 pessoas, porque, segundo a diretoria, é um número bom esteticamente e é possível conseguir juntar a galera. É preciso movimentação, entretanto. Existem pessoas em torno da escola, ala, grupos em contato, “um pessoal ativo”, mas alguns setores estão em falta. Baiana, por exemplo, a Mocidade dispõe de, no melhor dos casos, “poucas”. Algumas já morreram, outras estão bem idosas, então precisam angariar esses componentes. Porém, outros segmentos como a bateria, que, segundo Edilamar, estava bem perdida durante o período de “abismo”, teve uma recuperação de ritmistas. Muitos voltaram, se uniram e, assim, a escola tem um grupo bom nesse setor. De qualquer maneira, a dirigente percebe que agora, com o início do cronograma de carnaval, com ações, com datas, tudo se alinha. Até ali, era só “sonho”.

Com a volta do carnaval, ao menos da promessa de seu retorno, e as engrenagens da Mocidade aos poucos começando a girar, tirando as teias de

aranja, ligando as luzes que estavam há tanto apagadas, com novo fôlego, a agremiação pode começar a se debruçar com mais força em uma demanda que consideram prioritária: a retomada de sua sede. Apenas com a quadra, a Mocidade pode ser plena em seu funcionamento.

A primeira movimentação feita foi mais ou menos em março de 2022. A terceira PB da escola, Julya Lopes é percussionista desde criança e agora advogada. Em uma reunião na agremiação, por fazer parte da Comissão de Cultura da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) do Gama e da Santa Maria, ela se ofereceu para participar da missão de retomada do território da escola. A diretoria da Mocidade disse à PB que agora a escola precisa correr atrás mais do que nunca, afinal é um ano político com promessa de volta do carnaval e a agremiação precisava de força.

Julya conta que a Comissão tem o caráter de fiscalizar as organizações de cultura do Gama e da Santa Maria, além de estar a par juridicamente de alguma necessidade delas. Às vezes, é uma “coisa básica” que a comissão auxilia as entidades, mas acaba sendo uma ajuda fundamental, juridicamente falando, como foi o caso do Cine Itapoã, no fim de 2021, que estava com falta de documentação para voltar a funcionar e comissão conseguiu o tal documento junto à Terracap. Agora, a Mocidade tem esse apoio jurídico apropriado para reaver sua quadra — mesmo que o auxílio, neste caso, não seja apenas para conseguir um documento. A comissão está fazendo um trabalho de pesquisa, reunindo documentação, participando de reuniões com a administração do Gama, com parlamentares e com a Secretaria de Esportes (controladora do Complexo Desportivo do Gama) para que o espaço do anfiteatro seja cedido, pelo menos, para os ensaios do carnaval de 2023, além de pleitear um espaço, também no Complexo, para capacitação de MS e PB com pessoal do Rio de Janeiro. Este movimento já resultou no apoio de dois parlamentares e da administração do Gama à Mocidade.

Segundo Pedro Teixeira, como interlocutor por parte da administração do Gama, a então administradora do Gama, Joseane Araujo Feitosa Monteiro, e o deputado distrital Daniel Donizet (2019-presente) compartilham o desejo que a Mocidade tenha o seu espaço ou unidade imobiliária, fazendo “o que é possível” para que a escola volte às suas atividades, mediando os interesses da escola diante do governo. O foco é o próximo carnaval, porque o espaço definitivo é um processo longo, que vai demandar tempo. É necessário identificar uma área, verificar se a área é uma unidade imobiliária, se não for, criar uma, passar pela Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação do DF, pela Terracap, colher assinaturas de documentos e várias mãos; é demorado, um processo a longo prazo.

Pois bem, sem a força jurídica, agora dada pela advogada Julya e a OAB do Gama, durante todo esse tempo, desde que assumiu a escola, Edilamar diz que

foi diversas vezes à Secretaria de Cultura para saber da situação da quadra com Paulo, Elisangela e Uedson, mas nada. Como não tinham forças, aparato jurídico e apoio, só iam atrás de informação. Sem ações práticas, sempre foram vencidos. Uma escola que não tem lugar, não tem nome limpo, não tem apoio político, não tem estrutura, acaba por não ter força para reivindicar qualquer coisa. Situação que a escola torce que possa mudar nos próximos anos.

A Mocidade quer voltar a fazer galinhada, feijoada, realizar baile, oferecer festa de 15 anos para crianças, vender brindes, assim, movimentando a vida sócio-cultural do Gama. A ideia de Edilamar é que a Mocidade seja mais que uma escola, seja uma grande organização em prol da cidadania. Estavam, desde que assumiram, cheios de energia, mas sem conseguir executar nada, a volúpia foi se transformando em desgaste. Entretanto, atualmente, a escola já tem intensificado sua vida cultural e promovido eventos como rodas de samba em frente ao prédio onde tem seu escritório, concurso de miss LGBTQIA+, baile de máscaras, festas juninas, oficina de percussão para iniciantes, aula de tamborim para mulheres, entre outros, independentemente de ter recurso do GDF, de ter patrocínio privado ou espaço. É chegada a hora da ação. “Não tem como não fazer, não dá mais para ficar achando que só se faz as coisas quando tem governo, apoio, porque já vimos que não tem. Estamos há muito tempo parados. Ou a gente faz ou a gente morre. Já estamos muito cansados de lutar para sobreviver. Nunca nada dá para fazer, então decidimos começar projetos sociais e de carnaval de uma maneira ou de outra”, diz Edilamar sobre a volta de ações.

Com a iminência da volta dos desfiles, o Governo exigiu uma reestruturação da Liga das escolas, que já está acontecendo, mas que ainda vai passar por mais modificações. Essa exigência se deu porque estava uma “confusão”: vários grupos, muitas escolas coexistindo de forma desordenada. Por isso, de forma a contemplar a maior parte das escolas depois de tanto tempo sem carnaval, houve o pedido que as escolas pudessem se unir. Como mostrado anteriormente, havia a Liesb, veio a Uniesbe, e, eventualmente, surgiu a Liestra, com algumas escolas de Brasília; nesse processo de renovação, separação e formação, algumas escolas ficaram pelo caminho, outras nasceram, se filiaram à alguma liga, ainda não tendo nem estatuto, e, sem carnaval, a bola de neve da confusão momesco não parava de crescer.

Com a reestruturação, a Uniesbe se manteve e as escolas filiadas à ela estão participando da nova cara do carnaval; também houve a vontade do GDF que as escolas da Liestra se integrassem à Uniesbe para também desfilarem. Neste formato, com a reestruturação, foram formados dois grupos e, assim, a

Mocidade se encontra no grupo especial, mesmo com a sua colocação no último carnaval, de 2014. A decisão foi tomada por todos os presidentes das escolas. Segundo Edilamar, trazer a escola novamente para o grupo especial, mesmo sem ter desfilado no segundo grupo, não foi fácil. Diz que teve que ceder muita coisa, mas que a vantagem foi conseguir voltar para o primeiro grupo.

A próxima eleição da Mocidade acontece depois do desfile de 2023. Porém, a ideia de Edilamar é só sair do comando da escola quando colocar a Mocidade no lugar que “ela merece”, fazendo um carnaval campeão. Entregar à comunidade o carnaval que não aconteceu em 2014 e então, só aí, com a sensação de dever cumprido, passar a diretoria a uma nova gestão, com outras ideias, com novo fôlego, para que a escola, com novo astral, continue a movimentar a cultura e o samba do Gama.

Epílogo

Paulo Roberto, no fim de outubro de 2018, estava se sentindo mal, dizia que procurava ar e não achava, por isso, estava frequentando o hospital para saber o que era. Paulo estava com 63 anos, tinha sobrepeso, era fumante e tinha doenças como diabetes, portanto, elementos a essa altura preocupantes.

Nesse período, uma pessoa pediu ajuda ao Paulo para achar o pai, que não via há quase 30 anos. A única informação que sabia sobre a figura é que ele era passista no primeiro ano da Mocidade. Com o tamanho da tarefa, Paulo resolveu pedir ajuda para Pedro Teixeira, que topou a missão e passou a procurar pelo pai perdido. Pedro fez várias ligações, procurou pelo nome, conversou com gente durante dois dias, até o Dia de Finados, 2 de novembro daquele ano, quando soube que o pai desse rapaz morava em Samambaia, mas estaria no cemitério do Gama no feriado.

Pedro então decidiu ir ao cemitério na data, chegou lá e uma amiga, logo que avistou Pedro, disse ao ex-dirigente que o procurado ainda estava no cemitério. Pedro, já eufórico, começou a ligar para as pessoas empenhadas na busca e disse que a missão acabara, pois havia achado o perdido há mais de 30 anos. Uma das pessoas envolvidas na procura era Mirislei. Ligou para sua amiga, ela atendeu e ele já foi dizendo: “você não acredita, achei o cara! Não precisa mais procurar, ele tá logo ali”, mas ao terminar a frase, foi interpelado por Mirislei: era melhor nem ficar feliz com a história porque Paulo Roberto tinha acabado de falecer.

Segundo Guilherme Henrique, filho de Paulo, seu pai tinha dormido bem no dia anterior, acordou e foi ao banheiro. Lá, sentiu uma dor no peito e avisou à esposa, Cícera, mas antes dela conseguir se preocupar, Paulo caiu, ainda consciente, porém. Logo, Cícera ligou para Guilherme que já era bombeiro e estava morando a cinco minutos de distância de carro para ajudar o pai, visto que, caído no banheiro, ainda estava se sentindo mal e não conseguia levantar.

Quando chegou à casa, Guilherme constatou que Paulo havia sofrido um infarto e parecia grave; precisava ir ao hospital. Assim, Cícera ligou para o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU), que chegou rapidamente ao local. Aferiram os sinais vitais e colocaram a vítima na maca para iniciar o transporte.

No caminho de levar a maca para a viatura, Paulo entrou em parada cardiorrespiratória, o que impediu de seguir o transporte. Os médicos precisavam estabilizar Paulo antes de prosseguir, então começaram a fazer as manobras de ressuscitação. Guilherme participou da ação, visto que a manobra não pode parar até o paciente voltar — há casos que o movimento de ressuscitação, com as mãos

sobrepostas no meio do peito, em movimentos ritmados e contínuos, dure cerca de uma hora, precisando de revezamento por parte dos bombeiros e profissionais da saúde. Os profissionais aplicaram medicação e adrenalina, pediram reforço de outra viatura, Guilherme pediu apoio do quartel dos bombeiros do Gama, que enviou 15 militares para auxiliar, mas Paulo não resistiu, mesmo depois de mais de 40 minutos de ação da equipe. Guilherme percebeu que, durante a tentativa de ressuscitação, Paulo não voltaria. O pai estava há muito tempo sem oxigenação no cérebro, por isso, percebendo não haver solução, pediu ao médico responsável que parasse com as tentativas.

Mesmo com a Mocidade sendo comandada por Uedson e Edilamar desde 2010, Paulo esteve presente e envolvido com a escola. Mesmo que estivesse correndo por fora, sem estampar sua cara, estava lá. Pedro diz que quando a notícia do falecimento se espalhou, a sensação era como se tivesse fechado um ciclo porque “a história da mocidade se confundia com a história de vida dele”, conta. A ida de Paulo deixou a escola sem chão.

Paulo sempre foi conhecido como uma pessoa proativa, de muito de iniciativa e de dedicação incondicional, de “pura paixão” como Pedro gosta de dizer. Paulo mergulhava nos projetos de cabeça, “ele era aquele cara que batia o escanteio e corria pra fazer o gol de cabeça”, também conta o ex-dirigente. Com sua paixão, com volúpia e determinação para as coisas acontecerem, tentou de tudo, por vezes errando, e por muitas — para Pedro, muito mais — acertando; sempre tentando fazer o melhor pela escola.

Agora a Mocidade está reaprendendo a se reinventar sem uma figura como Paulo, que viveu a escola basicamente por metade de sua vida. Para Pedro “pode surgir alguém que faça mais e melhor com mais técnica, com mais condições, com mais recursos, mas fazer do nada com a euforia a empolgação e a dedicação dele [Paulo] não vai surgir não, cara. Vai surgir não”. Embora Pedro e Paulo Roberto tenham tido discussões “homéricas”, tudo isso aconteceu para colocar o melhor carnaval na rua, sempre em busca do melhor resultado para a Mocidade. Uma amizade e parceria desse tamanho, mesmo com Pedro saindo da escola uma década antes de Paulo (que nunca saiu de fato), acabou apenas com o falecimento de Paulo Roberto, porque os parceiros nunca haviam perdido o contato.

Edilamar encontrou Paulo pela última vez um mês antes de seu falecimento. Paulo havia convidado a dirigente e outro amigo da escola, Fred, para um café da manhã na padaria ao lado de onde Edilamar morava. No café da manhã, conversaram sobre samba, política e projetos futuros para a Mocidade. Na ocasião, Paulo tinha tido a ideia de fazer um memorial da escola, imagético e escrito, e deu à Edilamar a missão de montar tudo, enquanto Fred escreveria o memorial. “Aquele foi nosso último encontro físico. Ele me deu um abraço, fumou o danado do cigarro e foi embora apressado, sempre tinha um compromisso agendado”, lembra Edilamar.

“Ele foi um grande amigo, padrinho para mim. Teve sempre respeito por mim como filha. Tratou a mim e a minha família com carinho e consideração. Jamais esquecerei essa pessoa que fez com que vivesse muitos dos melhores momentos de minha vida, cheios de histórias, alegrias, cultura e aprendizado, muito aprendizado”, diz a dirigente.

Já para Guilherme, Paulo simbolizou a existência e resistência da escola, a figura representava a “Mocidade em 100%”. Mesmo com os infortúnios sofridos pela escola, somados à partida de Paulo, a escola persiste e resiste com aqueles que herdaram de Paulo a força de vontade para segurar a Mocidade. As sementes, que viraram frutos, de Paulo, Iza Barbosa, Mestre Eduardo e tantos outros conseguem ter o fôlego e a cabeça para continuar oxigenando uma escola de samba como a Mocidade, principalmente na situação que a agremiação se encontra.

Os últimos anos de desfile da Mocidade não foram o que Paulo pensou para a agremiação quando a fundou, mas a escola é mais do que desfiles; enquanto a escola empenhasse a comunidade em continuar dando pulso à cultura do Gama, o objetivo estaria cumprido. Até o fim, Paulo deu tudo de si para a Mocidade, afinal, “nunca houve mais apaixonado pelo Gama que ele”. Mesmo que não fosse uma escola vitoriosa como outras do DF, a Mocidade cumpriu e cumpre o que se propõe, uma escola para a comunidade, provendo lazer, cultura, socialização e cidadania para quem precise e para quem quiser.

Essa é a Mocidade do Gama, escola de samba que resiste — e também renasce — apesar de todos os episódios trágicos e acontecimentos que minaram, de certa forma, a instituição e as pessoas dela constituintes. Tais acontecimentos, entretanto, são ínfimos diante da força de sua gente, sua bateria, seu samba, sua relevância, sua história e sua importância para o Gama e para o Distrito Federal.

Salve a Mocidade!

Referências

APRENDA samba nas escolas. Correio Braziliense, Brasília, 07 mar. 1987. Cidades. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=mocidade%20independente&pagfis=95163>. Acesso em 20 out. 2022.

ARUC, BICAMPEÃ, mantém tradição de vencedora. Correio Braziliense, Brasília, 06 mar. 1987. Cidades. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=mocidade%20independente&pagfis=95268>. Acesso em 20 out. 2022.

BASTOS, Thais. Aruc e Asa Norte, os melhores. Correio Braziliense, Brasília, 22 fev. 1986. Cidades. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028274_03&pasta=ano%20198&pesq=%22mocidade%20independente%20do%20gama%22&pagfis=79071>. Acesso em 18 out. 2022.

ALBIN, Ricardo Cravo. Escolas de Samba. Textos escolhidos de cultura e arte populares. Rio de Janeiro. v. 6, n1, p. 250-259, 2009.

ATÉ a UnB vai desfilar. Correio Braziliense, Brasília, 01 dez. 1986. Cidades. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028274_03&pasta=ano%20198&pesq=%22mocidade%20independente%20do%20gama%22&pagfis=91611>. Acesso em 18 out. 2022.

BAHKTIN, Mikhail. Introdução. In: A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

BALLERINI, Frantjesco. Jornalismo cultural no século 21: literatura, artes visuais, teatro, cinema e música: a história, as novas plataformas, o ensino e as tendências na prática. São Paulo: Summus, 2015.

BRANDIM, Cecília; FONSECA, Aline. Comemoração será no sábado. Correio Braziliense, Brasília, 10 fev. 2005. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_05&Pesq=%22nota%2010%20em%20empolga%c3%a7%c3%a3o%22&pagfis=89695>. Acesso em 18 out. 2022.

BRITO, Daniel. Clássico Caçula. Correio Braziliense, Brasília, 13 fev. 2005. Esportes. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_05&Pesq=brasiliatur&pagfis=89921>. Acesso em 18 out. 2022.

CAMPOS, Ana Maria. Gorgulho terá que devolver mais de R\$ 2 milhões gastos na promoção do carnaval de 2008. Correio Braziliense, Brasília, 30 jun. 2010. Cidades. Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2010/06/30/interna_cidadesdf,200080/gorgulho-tera-que-devolver-mais-de-r-2-milhoes-gastos-na-promocao-do-carnaval-de-2008.shtml>. Acesso em 18 out. 2022.

CAPELA brilha e ameaça hegemonia da Aruc. Correio Braziliense, Brasília, 28 fev. 1990. Cidades. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_04&Pesq=%22mocidade%20independente%22&pagfis=2317>. Acesso em 20 out. 2022.

CASTOR vem para batizar nova escola. Correio Braziliense, Brasília, 14 jan. 1986. Cidades. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028274_03&pasta=ano%20198&pesq=%22mocidade%20independente%20do%20gama%22&pagfis=78145>. Acesso em 18 out. 2022.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. Introdução. In: Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de histórias sociais da cultura. (Org.) Maria Clementina Pereira Cunha. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

CRUZ, Carmen. Gama aposta na sátira para ganhar o carnaval. Correio Braziliense, Brasília, 13 dez. 1987. Cidades. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22mocidade%20independente%22&pagfis=107183>. Acesso em 20 out. 2022.

CRUZ, Carmen. Mocidade canta delícias do país dos mentirosos. Correio Braziliense, Brasília, 8 jan. 1988. Cidades. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22mocidade%20independente%22&pagfis=108060>. Acesso em 20 out. 2022.

CRUZ, Carmem. Samba do crioulo doido pode dar o tetra à Aruc. Correio Braziliense, Brasília, 8 fev. 1989. Carnaval. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22mocidade%20independente%22&pagfis=124085>. Acesso em 20 out. 2022.

DAMATTA, Roberto. Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DUARTE, Marcela. Onde está o dinheiro? O gato comeu. Correio Braziliense [online], Brasília, 14 fev. 2006. Cidades. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_05&Pesq=brasiliatur&pagfis=121003>. Acesso em 18 out. 2022.

ECOLOGIA garante pentacampeonato da Aruc. Correio Braziliense, Brasília, 02 mar. 1990. Cidades. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_04&Pesq=%22mocidade%20independente%22&pagfis=2403>. Acesso em 20 out. 2022.

EMPRESÁRIO de ator é acusado de golpe. Correio Braziliense, Brasília, 08 fev. 1987. Polícia. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=mocidade%20independente&pagfis=94292>. Acesso em 20 out. 2022.

ESCOLAS DE SAMBA do DF recebem R\$ 1,5 milhão da Brasiliatur. Correio Braziliense [online], Brasília, 06 jan. 2010. Cidades. Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2010/01/06/interna_cidadesdf,164887/escolas-de-samba-do-df-recebem-r-1-5-milhao-da-brasiliatur.shtml>. Acesso em 18 out. 2022.

FERRI, Maria. Aruc, vinte e seis vezes campeã. Correio Braziliense, Brasília, 26 fev. 2005. Cidades. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_05&Pesq=brasiliatur&pagfis=89144>. Acesso em 18 out. 2022.

FERRI, Maria. Na passarela, os 45 anos de samba. Correio Braziliense, Brasília, 08 fev. 2005. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_05&Pesq=%22mocidade%20do%20gama%22&pagfis=89598>. Acesso em 20 out. 2022.

FERRI, Maria; JÚNIOR, Darse. Nota 10 em empolgação. Correio Braziliense, Brasília, 10 fev. 2005. Cidades. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_05&Pesq=%22nota%2010%20em%20empolga%c3%a7%c3%a3o%22&pagfis=89696>. Acesso em 18 out. 2022.

FERRI, Maria. Segurança reforçada na Ceilândia. Correio Braziliense, Brasília, 02 fev. 2005. Cidades. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_05&Pesq=brasiliatur&pagfis=89144>. Acesso em 18 out. 2022.

FONSECA, Aline. Mocidade: a furiosa do planalto. Correio Braziliense, Brasília, 10 fev. 2005. Cidades. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_05&Pesq=%22mocidade%20do%20gama%22&pagfis=89694>. Acesso em 20 out. 2022.

FUTEBOL ajuda a Mocidade do gama. Correio Braziliense, Brasília, 01 fev. 1987. Cidades. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=mocidade%20independente&pagfis=94019>. Acesso em 20 out. 2022.

GAMA prepara escola para o carnaval. Correio Braziliense, Brasília, 07 out. 1987. Cidades. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=mocidade%20independente&pagfis=104377>. Acesso em 20 out. 2022.

GANGSTER no DF. Correio Braziliense, Brasília, 26 jan. 1986. Opinião. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028274_03&pasta=ano%20198&pesq=%22mocidade%20independente%20do%20gama%22&pagfis=78512>. Acesso em 18 out. 2022.

LEOPOLDI, José Sávio. Escola de samba, ritual e sociedade. Petrópolis: Vozes, 1978

LIBERLON, Rachel. Para arrasar na avenida. Correio Braziliense, Brasília, 31 jan. 2005. Cidades. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_05&Pesq=%22mocidade%20do%20gama%22&pagfis=89033>. Acesso em 20 out. 2022.

MADER, Helena. Festa nos Braços do povo. Correio Braziliense, Brasília, 14 fev. 2005. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_05&Pesq=brasiliatur&pagfis=90042>. Acesso em 18 out. 2022.

MADER, Helena. Um Ceilambódrmo assinado por Niemeyer. Correio Braziliense, Brasília, 11 fev. 2005. Cidades. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_05&Pesq=brasiliatur&pagfis=90042>. Acesso em 18 out. 2022.

[bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_05&Pesq=%22mocidade%20do%20gama%22&pagfis=89761](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_05&Pesq=%22mocidade%20do%20gama%22&pagfis=89761)>. Acesso em 20 out. 2022.

MOCIDADE adota modelo paraense. Correio Braziliense, Brasília, 15 jan. 1988. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22mil%20componentes%22%20mocidade&pagfis=108310>. Acesso em 20 out. 2022.

MOCIDADE escolhe seu samba-enredo. Correio Braziliense, Brasília, 29 set. 1988. Cidades. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22mocidade%20independente%22&pagfis=118878>. Acesso em 20 out. 2022.

MOCIDADE dá palpite com o jogo do bicho. Correio Braziliense, Brasília, 27 fev. 1987. Cidades. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=mocidade%20independente&pagfis=95083>. Acesso em 20 out. 2022.

MOCIDADE do gama prepara seu carnaval da saudade. Correio Braziliense, Brasília, 04 jan. 1991. Cidades. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_04&Pesq=%22mocidade%20independente%22&pagfis=18245>. Acesso em 20 out. 2022.

MOCIDADE do gama quer mais foliões. Correio Braziliense, Brasília, 07 jan. 1987. Cidades. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028274_03&pasta=ano%20198&pesq=%22mocidade%20independente%20do%20gama%22&pagfis=77923> Acesso em 18 out. 2022.

MOCIDADE do Gama vem com tudo para abrir o grupo A. Correio Braziliense, Brasília, 04 fev. 1989. Carnaval. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22mocidade%20independente%22&pagfis=124012>. Acesso em 20 out. 2022.

RIVAIS perdem pontos e favorecem Aruc. Correio Braziliense, Brasília, 17 fev. 1988. Cidades. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22mil%20componentes%22%20mocidade&pagfis=109522>. Acesso em 20 out. 2022.

PALMEIRAS do Gama enfrenta artistas. Correio Braziliense, Brasília, 10 jan. 1987. Cidades. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/>

[do reader.aspx?bib=028274_03&pasta=ano%20198&pesq=%22mocidade%20independente%20do%20gama%22&pagfis=93115](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&pasta=ano%20198&pesq=%22mocidade%20independente%20do%20gama%22&pagfis=93115) >. Acesso em 18 out. 2022.

PEREIRA, Bárbara. Estrela que me faz sonhar. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2013

SAMBA quer subvenção atualizada. Correio Braziliense, Brasília, 07 dez. 1988. Cidades. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22mocidade%20independente%22&pagfis=121833>. Acesso em 20 out. 2022.

SAMBA também homenageia. Correio Braziliense, Brasília, 11 out. 1987. Cidades. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22mocidade%20independente%22&pagfis=104553>. Acesso em 20 out. 2022.

SECRETÁRIO terá que devolver dinheiro de contrato. ConJur, 2010. Disponível em <<https://www.conjur.com.br/2010-jun-30/secretario-cultura-df-devolver-dinheiro-contrato-irregular>>. Acesso em 18 out. 2022.

SIMAS, Luiz Antonio. O corpo encantado das ruas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

TCDF E MP apontam problemas nas prestações de contas dos últimos carnavais. Correio Braziliense [online], Brasília, 21 jan. 2012. Cidades. Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2012/01/21/interna_cidadesdf,287117/tcdf-e-mp-apontam-problemas-nas-prestacoes-de-contas-dos-ultimos-carnavais.shtml>. Acesso em 18 out. 2022.